

A coda to the  
Brothers Sinister Series

New York Times Bestselling Author

COURTNEY  
MILAN

Talk  
Sweetly  
to Me

a novella



*Fale doce para  
mim*

*(Os irmãos Sinistros 4.5)*

*Courtney Milan*

*Ninguém sabe quem é Miss Rose Sweetly e ela prefere assim. Ela é uma mulher tímida, com uma mente matemática, filha de um lojista, e que sonha com as estrelas. Mulheres como ela só costumam chamar a atenção através de um escândalo. Ela prefere a obscuridade, muito obrigado.*

*Toda a Inglaterra sabe quem é Stephen Shaughnessy. Ele é um infame colunista de conselhos e só causa confusão. Quando ele se muda para a casa ao lado de Rose, ela descobre que ele também é perversamente engraçado, diabolicamente sedutor e lindo. Mas quando ele se interessa pelo seu trabalho de matemática, ela percebe que o Sr. Shaughnessy não é apenas um escândalo à espera de acontecer. Ele está à espera que ela se envolva em um escândalo com ele... e se ela não for cuidadosa, ela vai arruinar-se.*

# Capítulo um



*Greenwich, novembro de 1882*

NÃO ERA POSSÍVEL a senhorita Rose Sweetly colocar suavemente no chão os pacotes que carregava. Todos os seis estavam equilibrados precariamente sob um dos seus braços enquanto remexia o seu bolso com uma das suas mãos. Os seus dedos encontraram bocados de lápis usados e uma carta dobrada ao meio; o seu fardo se deslocou um pouco, deslizando para longe de si... Se aquele desgraçado chaveiro não estivesse neste bolso e estivesse no outro, ah!

O seu dedo polegar e o dedo indicador tocaram em frio metal. Rose estava a retirar as chaves em triunfo quando uma voz a interrompeu.

— Boa tarde, senhorita Sweetly.

O som da voz do Sr. Shaughnessy — aquele veludo cadenciado — colocou o inevitável em movimento. Primeiro, o livro embrulhado em papel escorregou; Depois, quando ela o agarrou, o seu caderno começou a cair. Ela conseguia calcular a física deste desastre em sua mente, uma avalanche em cascata de pacotes resultante de poucas mãos para os agarrar e muita gravidade. Rose só

tinha tempo para tomar uma decisão: a régua de cálculo ou salvar as compras?

Optou pela sua régua de cálculo. Ela agarrou a bolsa em couro com a ponta dos dedos antes dela tocar no chão.

Os seus outros pacotes não foram tão sortudos. O livro caiu no chão fazendo pouco barulho ao bater na superfície dura. As compras caíram com um som mais alto — parecia que se estavam a partir ovos. Três laranjas escaparam do saco e rolaram pela calçada.

O Sr. Stephen Shaughnessy estava duas portas abaixo da dela. As suas sobrelanceiras subiram com esta catástrofe, e Rose sentiu as bochechas aquecerem. Mas não havia nada a fazer agora a não ser manter um ar calmo e descontraído.

Ela deu-lhe o seu mais brilhante sorriso e acenou com a bolsa onde estava guardada a sua régua de cálculo — Boa tarde, Sr. Shaughnessy.

A bolsa se abriu um pouco, mas ela conseguiu apanhar a régua antes que acontecesse um desastre ainda maior.

Há três meses atrás, o Sr. Shaughnessy mudou-se para a casa ao lado da casa da irmã dela, onde Rose vivia. Em todo esse tempo, ela nunca conseguiu acalmar os nervos que ela sentia ao seu redor. Ele nunca tinha feito nada para merecer esse nervosismo, infelizmente; Era muito educado.

Como prova disso, ele não zombou dela por sua falta de jeito. Nem sequer disse nada sobre isso. Simplesmente

veio em sua direção. Ele deu três passos para a frente — e ela andou para trás um — antes que ela percebesse que ele pretendia apenas apanhar as suas laranjas caídas.

Por que outro motivo ele poderia estar se aproximando dela? Ela tinha de parar de pensar em outras coisas.

Com cuidado, pousou a sua régua de cálculo e pegou a sua sacola de compras. Era de lona, e a maioria do conteúdo não tinha se derramado. A carne, embrulhada em papel encerado, ainda estava na parte inferior da sacola. Os ovos... bem, iria ver como estavam depois de entrar em casa, mas suspeitava que ela e a sua irmã iriam comer omeletes ao jantar. Apenas a fruta tinha ficado amassada. Ela pegou uma maçã, não olhando em sua direção.

Mas ela não tinha que o olhar diretamente para estar ciente dele. O Sr. Shaughnessy era um jovem — apenas alguns anos mais velho que ela. Ele era alto e possuía umas linhas adoráveis, bem musculadas, o tipo que as jovens senhoras que pretendiam continuar inocentes não deveriam notar. Ele tinha um sorriso amigável, que fazia com que uma mulher quisesse sorrir em resposta, e um pequeno indício de um sotaque irlandês quando falava. Tinha cabelo escuro, olhos escuros e uma reputação muito mais escura.

Mas ele pegou uma das frutas ofensivas e sorriu na sua direção.

— Por que é que as laranjas saltaram, mas as maçãs não?

Seu sorriso parecia uma flecha, que a atingiu direto no seu peito. Então, Rose ajustou os seus óculos no nariz e disse a primeira coisa que veio à mente.

Infelizmente, a primeira coisa que veio à mente foi...

— É a terceira lei de Newton. Após a colisão, a maçã exerce uma força na calçada, e então o pavimento deve exercer uma igual e oposta força na maçã. A estrutura da maçã não é elástica e então a maçã se amassa. Já a laranja, por contraste... — Ela engoliu, percebeu que estava balbuciando e se calou. — Desculpe-me, Sr. Shaughnessy. Acho que não era isso o que queria perguntar, não é?

Ele se endireitou. Oh, ele era muito bonito. Procurava que a sua aparência tivesse um ar casual e isso se notava. Estava bem barbeado, embora fossem três horas da tarde. Sua gravata estava esticada como se tivesse sido passada a ferro naquele momento e não às seis da manhã. Nada sobre o Sr. Shaughnessy sugeria que fosse um degenerado de primeira ordem. Nada, exceto a sua linha de trabalho e os boatos persistentes nos jornais.

— Você não precisa deixar-me falar quando eu fico distraída assim — ela disse. — Todo mundo me impede de balbuciar este tipo de coisas. Por estas bandas, é considerado educado interromper a senhorita Sweetly quando ela está falando desse tipo de coisas.

— Que tolos — disse o Sr. Shaughnessy. Ele deu um passo na direção dela e depois outro. O peito dela



contraíu — ele estava tão terrivelmente, deliciosamente perto — e, em seguida, ele estendeu as laranjas que tinha agarrado.

Por um momento, quando ela apanhou as laranjas, as suas mãos de tocaram. Nenhum deles estava usando luvas: ela, porque não conseguiria encontrar as chaves com as luvas nas mãos; ele porque... bem, não sabia a razão e não estava prestes a perguntar. Os dedos dele eram quentes e pálidos.

— Eu nunca a mandaria calar — ele disse. — Adoro quando você me fala com doçura.

Ela puxou a mão. — Não diga coisas assim, Sr. Shaughnessy. Alguém pode ouvir e confundir o seu significado.

Os olhos dele fitaram os dela. Por um breve segundo, ela imaginou uma faísca neles — como se fosse impossível que as pessoas que o ouvissem conseguissem perceber o que ele queria dizer de verdade. Ele tinha a intenção de flertar, e ele sabia exatamente como a tinha feito corar.

Mas ele não disse isso. Simplesmente deu de ombros. — Não queremos que ninguém entenda mal.

Se tivesse havido um pouco de sarcasmo na sua voz, ela teria fugido dali. Mas não havia sarcasmo na sua voz.

— Deixe-me dizê-lo de outra forma, para ficar mais claro. Se eu não a quisesse ouvir falar sobre suas reações opostas e iguais, eu não lhe perguntaria sobre isso e sobre

mapas estelares. Em que você está trabalhando desta vez?

— Oh, não é em mapas estelares, não hoje. Não trabalharei sobre mapas estelares por meses. Agora, estou trabalhando sobre o grande cometa, e depois disso vai ser sobre o trânsito de Vénus.

Levantou as sobrancelhas. — Há um grande cometa?

— Você não lê trabalhos científicos? Pode ser o cometa mais brilhante já alguma vez visto. Você pode vê-lo a olho nu contra o próprio sol.

Ele olhou para cima para o sol, não o vendo obscurecido por nenhum cometa.

— Se o podemos ver a olho nu, como é que eu nunca tive um vislumbre dele?

Ela suspirou. — Porque Londres não está no hemisfério sul. A visibilidade aqui não é como é em Melbourne, por exemplo.

— Ah.

— Em qualquer caso, Finlay em Cape Town enviou as suas medições para o Dr. Barnstable, e ele me pediu para fazer o mapa estelar relativo a este cometa, fazer a computação disso.

— Então, o que lhe parece?

Ela tirou o seu caderno e o abriu na página que interessava.

— Aqui está. O cometa transitou o sol há um mês.

Por um momento, ele olhou para a coluna de números que ela estava apontando e depois acenou com a cabeça.

— Estou vendo.

Ela sentiu que estava a corar de novo. Mas antes que conseguisse disfarçar o seu constrangimento, ele a interrompeu, apontando para uma laranja que estava na sua bolsa.

— Digamos que ela é o sol. Então, onde está o cometa?

— Não seja ridículo, Sr. Shaughnessy. Se esta laranja representasse o sol, nós aqui na terra estaríamos a 2164000 metros de distância.

— 2164000 metros? — Ele perguntou suavemente.

— 2164000 metros e 75 centímetros, tendo em conta a última medida da distância entre a terra e o sol que se fez, mas eu tento não ser pedante. Faz as pessoas rirem-se de mim. — Rose apontou para um ponto em sua página do caderno. — Imagine que *isto* é o sol. Então nós somos uma partícula de pequenez inimaginável aqui. — Ela indicou um lugar a alguns centímetros desse ponto. — O cometa, em seguida, viajou ao longo deste caminho.... — O dedo dela, escuro contra a página em branco, fez uma curva elíptica. — Mas isso não é a parte excitante. Você vê, ninguém pode calcular o caminho de um cometa mesmo com dados suficientes para isso.

— Ninguém — ele murmurou.

Ela concordou com a cabeça. — Pelas contas que existem, o núcleo do cometa dividiu-se em algum momento após o perélio, ou seja, após o ponto onde este cometa se aproximou mais do sol. O Dr. Barnstable

acredita que podemos prever o caminho de cada corpo estelar — e, agora, como eles estão muito perto um do outro, isso vai ser muito complicado. É um problema de três corpos, o que significa que é impossível resolver com equações. Ele me pediu para tentar resolver este problema para ele. — Ela explicou-lhe, muito entusiasmada com esta conversa.

Ele sorriu-lhe. — Isso é brilhante, senhorita Sweetly — É claro — ela começou a explicar, — nós vamos errar os cálculos, mas é a *forma como vamos errar* que é importante, ou seja, é o mais excitante disto tudo. Você vê. — Atrás deles, a porta abriu-se. Rose deu um salto de novo. Desta vez, conseguiu manter o domínio da sua sacola de compras. Ela virou-se para ver a sua irmã, de pé na porta. Patrícia tinha uma mão na maçaneta da porta; a outra estava atrás das suas costas. Estava usando um volumoso vestido rosa e um lenço combinando que cobria o seu cabelo. As sobrancelhas dela levantaram-se perante a cena que estava à sua frente, mas os seus olhos escuros brilharam com diversão.

— E eu que pensei tê-la ouvido perto da porta há muito tempo atrás —, disse Patrícia, acenando, de forma exasperada, com a cabeça, mas Rose estava certa — muito certa — que a sua irmã sorria enquanto acenava com a cabeça. Patrícia inclinou-se o melhor que podia. A barriga pesada dela a fazia mexer de forma estranha, mas conseguiu agarrar a chave da Rose do chão. — Ah. Eu

vejo que tinha razão.

— Eu... deixei cair algumas coisas, — disse Rose, corando de novo. — Eu as estava pegando do chão.

Patrícia olhou para o caderno de Rose, aberto nas mãos dela. Ela olhou para o Sr. Shaughnessy, bem perto de Rose. E, então, olhou para o pavimento, onde os outros pacotes de Rose — o correio, o jornal, o livro enrolado — ainda estavam dispersos.

— Sim, — ela disse secamente. — Eu vejo isso. Isso explica tudo.

— Vou deixar que você vá, então, — disse o Sr. Shaughnessy. Ele tirou o chapéu. — Senhorita Sweetly, Sra. Wells.

— Senhor. — Rose acenou com a cabeça. — Eu faria uma reverência, mas as maçãs podem não suportar outra colisão inelástica. — Atrás dela, Patrícia fez um barulho em protesto. Mas, ela estendeu as mãos, gesticulando. Rose deu-lhe o livro e a sua bolsa onde estava guardada a sua régua de cálculo. Enquanto o Sr. Shaughnessy desaparecia na esquina da rua, Rose pegou a última de suas coisas espalhadas.

Naquele momento, Patrícia não a repreendeu. Na verdade, acabou por não a repreender. Normalmente, ela teria ajudado Rose, mas estava grávida, desajeitada com a sua barriga de grávida de oito meses, e curvar-se era muito difícil para ela. Quando juntaram tudo, entraram em casa — Rose caminhando normalmente, Patrícia andando

com dificuldade.

Patrícia não disse nada, quando atravessaram a sala da frente e entraram na despensa. Ela não falou até Rose começar a arrumar as coisas.

— Rose —, Patrícia disse baixinho, — já pensou em voltar para o papai?

Rose não tinha pensado nisso. O estômago dela encolheu-se com esse pensamento. — Como poderia deixar você, quando o Dr. Wells não irá retornar de sua missão por mais de uma semana ainda? Eu *prometi-lhe*.

O marido de Patrícia era médico naval. Ele foi enviado à Serra Leoa na altura em que Patrícia descobriu que estava grávida e Rose tinha vindo auxiliar a irmã na sua ausência. Mas não foi só o bem-estar da irmã dela que a preocupou. Seus pais viviam em Londres — tão perto e ainda assim impossivelmente longe do Observatório Real. Na casa do pai dela não haveria cálculos, nem cometas.

Nem haveria Sr. Shaughnessy para deixá-la nervosa.

— Você sabe — Patrícia disse, — você *sabe* que ele causa confusão. — Ela não disse quem *ele* era. Não precisava dizer.

Rose colocou as laranjas em uma tigela, recusando-se a olhar para a irmã.

— Ele nunca tentou me seduzir. Acho que nem pensou nisso.

— Ele pensou nisso, — Patrícia disse secamente. — E, francamente, Rose, a forma como fala com você? Eu acho

que ele nem sequer vai precisar de pensar nisso.

Rose soltou um suspiro longo e fechou os olhos. Infelizmente, era verdade. O Sr. Shaughnessy foi... bem, ele só *foi*. O nome dele andava nos lábios de todas as mulheres desde que Rose tinha dezessete anos, quando ele tinha ganhado notoriedade — ou infâmia, dependendo de quem estava falando — como o primeiro homem a escrever uma coluna de conselhos para a *Imprensa Livre Feminina*, um jornal radical que Rose não deveria gostar como gostava. Nos cinco anos desde a data da sua primeira coluna, ele só tinha aumentado essa reputação. Tinha publicado quatro romances. Seus livros eram chamados de "obras-primas da sátira" por alguns, e "lixo perigoso que era melhor ser queimado e não lido" por outros.

Os livros venderam bem — e aqueles que diziam que estes livros serviam para fazer fogueiras eram os mais propensos a furtivamente os comprarem em embalagens de papel marrom, alegando que o Sr. Stephen Shaughnessy era tolo. Ela sabia como eles eram. Socialmente falando, se ele fosse uma laranja em Westminster, ela... era um sabugueiro, algures nos arredores de Tanzânia, no meio do continente africano...

— Eu amo você, Rose. — Patrícia suspirou. — E, sei que vai fazer um bom casamento, um tão brilhante quanto o meu. Mas, lembre-se que a maioria dos homens que olham para você não a vê. Não vêem como você é

inteligente e divertida. — A irmã dela veio para a frente e pegou a mão da Rose. — Eles vão ver *isto*. — Ela esfregou as costas da mão da Rose. Pele escura pressionada contra pele escura. — Não importa que se vista de forma respeitável ou quanto você insista. A maioria dos homens só vai ver que você é negra, e eles pensam que você está disponível. Então, por favor, tome cuidado, Rose. Não quero que se magoe.

Rose poliu a última maçã com uma toalha. — Não se preocupe com isso — ela disse suavemente. — Não vou fazer nenhuma tolice.

Ela não disse nada sobre ficar ferida. Não fazia sentido preocupar-se com isso. Pensou no sorriso do Sr. Shaughnessy, o perverso brilho em seus olhos. Pensou nele fazendo-lhe perguntas sobre laranjas e cometas, nele a olhar para ela e dizendo em um tom escuro, perigoso e alegre *eu adoro quando você fala docemente para mim*.

Ela também tinha visto as notas sobre ele na coluna de fofocas. Era absolutamente ultrajante, e não importa como ele a fazia sentir, a última coisa que ela precisava era de um homem ultrajante.

Não, não havia nenhuma necessidade em se preocupar que ele a magoasse.

Nesta altura, a dor já era inevitável.



# Capítulo dois



DE TODAS AS COISAS que existiam para atormentar Stephen Shaughnessy esta era, certamente, a mais diabólica.

Havia um ligeiro cheiro de mofo nos escritórios do Observatório Real, como se as janelas fossem poucas vezes abertas. Os livros nas prateleiras em torno dele variavam desde um antigo conjunto de Newton *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica* a um relatório sobre algo chamado Observações espectroscópicas; as paredes eram de um amarelinho sobre as quais gráficos tinham sido pregados ano após ano, até apenas alguns pontos das paredes permaneceram vazias.

A sala era, em suma, um pouco melhor do que um poço sujo, a única decoração era uma celebração da matemática — um assunto em que ele nunca tinha se destacado e, até recentemente, nunca tinha encontrado interessante.

O que foi precisamente o que fez com que a sua próxima frase fosse tão chocante. — Sim, — ele ouviu-se dizer em voz alta. — É um prazer conhecê-lo, Dr. Barnstable. Estou muito impressionado com o seu

trabalho. — Ainda mais chocante era o fato disso ser verdade.

— Não, não. O prazer é seguramente meu. — Dr. Barnstable pegou a mão de Stephen com a sua e deu umas abanadelas entusiasmadas. — Não acredito que você já ouviu falar de mim — e que se interesse por astronomia. — Confuso, ele sorriu. — Verdadeiramente, sinto-me atordoado pela perspectiva.

Ele não se podia sentir tão atordoado como Stephen se sentia. Tinha demorado quase um mês para perceber o que estava acontecendo e mais quatro semanas para sucumbir à loucura total. Ou matemática; Ele não sabia se havia qualquer distinção entre estas duas coisas.

O Dr. Barnstable era um homem mais velho com cerca de sessenta anos, com quatorze centímetros de barba branca como prova da sua idade. Mas não havia nada de mole sobre ele; Apertou a mão de Stephen com firmeza.

— O seu relatório sobre órbita de estrelas duplas é um verdadeiro clássico —, disse Stephen.

Quando Stephen tinha lido esse documento, procurando alguma dica do contributo da senhorita Sweetly para este relatório, foi quando percebeu que tudo tinha acabado. Era como se houvesse uma manchete de jornal imprimida em quatro centímetros dizendo: *Não adianta lutar, Stephen. Você está bem e verdadeiramente capturado.*

— A minha esposa é uma grande entusiasta do seu trabalho. — Os olhos de Barnstable brilharam. — Ela leu-

me pedaços da sua coluna. Eu deveria ralar com você por falar de todos os nossos segredos masculinos — mas tudo bem. — Essa última frase foi recebida com um aceno divertido de sua cabeça.

— Eles não são segredos, — explicou Stephen. — As mulheres já sabem tudo o que digo. A única razão para acharem divertido é porque é um homem que está a falar dessas coisas.

— Ha! — Barnstable espetou o ombro de Stephen de forma amigável. — Você é tão esperto em pessoa, como você é em papel. Bem... Não posso dizer que discordo. Certamente são mudanças, e mudanças para melhor. Não imagina como é mais fácil o meu trabalho graças a esses avanços.

Stephen, na verdade, tinha ideia. Um desses "avanços", ele suspeitava, era a senhorita Rose Sweetly — e do pouco que ele podia dizer, ela tinha feito muito bem para Barnstable, de fato. O homem tinha era que elogiá-la.

— Mas deixa para lá — disse Barnstable. — Podemos falar de política noutra altura. O que posso fazer por você?

— Eu estou fazendo pesquisas sobre astronomia, — ele disse.

— Para sua próxima novela? Você está escrevendo sobre um astrônomo, por acaso?

Stephen pensou sobre isso e decidiu que era uma explicação tão boa como qualquer outra que ele pudesse

oferecer. — Sim.

Ele tinha feito uma carreira a falar de verdades ultrajantes, mas havia um tempo e um lugar para pessoas ultrajantes. Ele sabia que era melhor esconder o que realmente estava acontecendo. *Não, estou simplesmente fascinado com uma mulher, e eu quero saber tudo sobre ela* não iria ser bem aceito.

Barnstable acenou pensativamente. — O que você gostaria de saber?

— Oh meu Deus. — Stephen suspirou. — Eu tentei aprender sozinho com lamentáveis resultados. Preciso de ajuda com todos os detalhes, a partir de como calcular distâncias astronômicas por paralelos, através de Kepler e tudo sobre a teoria do movimento planetário.

Barnstable piscou.

— Isso é .... bastante.

— Oh, eu não espero instruir-me sozinho. Tenho certeza que você está ocupado demais para isso. Eu tinha imaginado que iria fornecer o nome de alguém — disse Stephen. — Um estudante ou um assistente — alguém que não se importaria com uma pequena renda extra.

— Ah. — A expressão do homem alterou-se momentaneamente, mas depois ele abanou a cabeça e franziu a testa. — Hmm. De momento, o meu aluno está nas Bermudas — está observando o trânsito de Vênus, rapaz de sorte. Se não fosse pelo meu joelho... — Barnstable murmurou, balançando a cabeça. — Isso deixa

apenas o meu computador. E... — Ele hesitou, delicadamente. — Ele é uma mulher.

— Seu computador? — Stephen perguntou com indiferença estudada. Isso era o que ele esperava, afinal de contas. — O que é isso?

— Precisamente o que parece: uma pessoa que calcula. Absolutamente necessário para aqueles de nós que exerçam qualquer tipo de dinâmica. Todos aqueles cálculos vêm de uma terrível bagunça; Se eu tivesse que fazê-los todos sozinho, não teria tempo para pensar em nada e meu computador é uma mulher. — Ele limpou a garganta. — Uma mulher de descendência africana. Os meus colegas que são preconceituosos sobre essa questão só se privam da assistência da senhorita Sweetly.

— Não acha que eu iria partilhar desses preconceitos — disse Stephen. — Sua esposa tem lido a você o meu trabalho, não é?

O sorriso de Barnstable tornou-se aflito. — Não é isso. Ou, não é só isso. Você vê, ela é uma mulher. E você...

— Oh. — Stephen sorriu. — Isso. Acho que tenho uma reputação. — Foi merecida essa reputação. Ocasionalmente era inconveniente, mas era o que era.

— Sim — Barnstable disse, desculpando-se. — Isso. E a senhorita Sweetly é, infelizmente, uma mulher muito jovem. Ela não tem muita idade. Tenho um acordo com o pai dela — minha esposa deve estar com ela em todos os momentos no edifício. Ele não gostaria de ver alguma

coisa acontecer com ela, e sendo bastante egoísta, eu não gostaria de perdê-la, também. Ela seria ideal se ela fosse um homem. Mas...

Stephen não estaria aqui, se ela fosse um homem. Ele ainda não podia acreditar que veio.

— Talvez ela pudesse gerenciar uma lição ou três? Apenas algo para começar até que seu aluno retorne. Sua mulher pode ficar no quarto com a gente, claro, para evitar qualquer impropriedade.

— Eu não sei... — Dr. Barnstable esfregou sua barba.

— Pergunte a ela o que ela pensa — Stephen sugeriu. — Afinal de contas, ter pouca idade para as mulheres, muitas vezes, significa que mandaria homens mais jovens para a batalha. Ou para as Bermudas para assistir o trânsito de Vênus.

Barnstable acenou pensativamente.

— E eu tenho uma reputação. Não vou fingir que não a mereci. Mas nunca seduzi uma inocente antes. Na verdade, faço mais por conhecer do que seduzir. Então, a menos que você tenha medo que seu computador vá *seduzir-me*...

Barnstable bufou.

— Bem. Suponho que algumas horas com ela, com minha atual esposa presente, não poderiam causar dano. Se ela concordar, claro.

O homem mais velho saiu, e Stephen foi até à janela. A partir dali, ele podia ver galhos nus e grama, que já foram de um verde brilhante, agora desvanecendo-se para uma

cor menos vibrante.

Realmente não tinha certeza sobre o que era. Ele *não estava* planejando seduzi-la, não realmente. Seria uma coisa terrível de fazer com uma mulher na posição da senhorita Sweetly, e ele tinha uma regra muito rígida de não fazer coisas terríveis para as pessoas em geral e, para as mulheres, em particular. Gostar de uma mulher — gostar muito dela mesmo — era mais uma razão para aderir à regra, não para a esquecer.

Tanto quanto ele poderia dizer, ele estava *apenas* a atormentar-se.

Um barulho soou no corredor; Ele ouviu um baixo murmúrio de vozes e, em seguida, a porta do escritório abriu-se. Stephen virou-se da janela para enfrentar os recém-chegados. Barnstable olhou da porta. Atrás dele, estavam duas figuras. A primeira era uma pesada silhueta de uma mulher mais velha com imensa energia; a segunda figura, muito mais familiar, se escondeu atrás da outra mulher. Ela era pouco visível na luz ofuscante do salão. Ainda assim, Stephen sentiu a pulsação dele começar a acelerar.

Ele levantou-se e dirigiu-se para a primeira mulher. — Você deve ser a Sra. Barnstable.

— Sr. Shaughnessy, esta é minha esposa, Sra. Barnstable. — O Dr. Barnstable desviou-se. A mulher atrás dele entrou na sala, toda sorrisos. — Ah, Senhor! É um prazer conhecê-lo. Após todos estes anos a ler as suas

palavras! Eu adoro — absolutamente adoro — tudo o que você escreve.

— Claro que adora o que eu escrevo, — ele disse. — Você deve ser uma mulher de bom gosto. Prazer em conhece—la.

— Tenho palpitações no coração — A Sra. Barnstable anunciou. — Escute, pareço uma moça tonta, falando sem parar. O que vai pensar de mim? Eu não sou boba. Não sou. É que leio o seu trabalho há anos. Você pode... — Seus cílios vibraram. — Você pode fazer a coisa do *homem real*?

Era como ele terminava todas as suas colunas. A coluna de conselhos que ele escrevia era intitulada — Pergunte a um homem — e as mulheres escreviam-lhe para fazer exatamente isso. Ele assinava cada coluna quase exatamente da mesma maneira.

— Se você quiser — Stephen olhou para o rosto da Sra. Barnstable.

Os olhos da mulher se abriram; uma mão andou à deriva até tocar a sua garganta como se fosse tocar em pérolas inexistentes. Ele deixou a sua voz cair algumas notas e colocou nas palavras todo o tom de ímpio que ele conseguiu reunir.

— Eu sou o Stephen Shaughnessy, — ele disse. — O Homem real.

A Sra. Barnstable soltou um suspiro vacilante. — Você é tão mau como dizem os jornais de fofocas, meu jovem?



Ele não *se sentia* mau. — Oh, não — ele disse, abaixando uma pálpebra em um piscar de olhos preguiçoso. — Os jornais não sabem metade da história.

— Se é tão ruim assim, então não devo ficar a tomar conta de você.

Em contradição directa com estas palavras corajosas, a Sra. Barnstable virou-se. Ela pegou a senhorita Sweetly pelo cotovelo e a puxou para dentro da sala. — Senhorita Sweety, olha quem está aqui! É Stephen Shaughnessy — e eu sei como você adora sua coluna.

Isso não foi uma introdução adequada. Não era mesmo uma introdução *incorrecta*. Isso deixou a senhorita Sweetly em uma grande desvantagem, pois passou a pertencer à classe de entusiastas como a Sra. Barnstable.

A senhorita Sweetly era muitas coisas, mas não era efusiva. Ela fez uma pequena reverência.

— Eu leio mesmo sua coluna, Sr. Shaughnessy. — Sua voz era calma e suave em comparação com a da Sra. Barnstable.

Quando ela olhou para ele, ele pensou que ela parecia tudo, menos subjugada. Cabelo escuro, só um pouco crespo, tinha sido domado e enfiado em um coque. Ela usava um vestido recatado — não uma daquelas criações de moda que uma senhora podia usar — mas era uma musselina sensata, com pouco decote, uma coisa de mangas compridas e botões que seus dedos coçavam por desfazer. O tecido insinuava curvas no peito e no quadril;

a sua energia, menos pronunciada, não conseguia esconder sua figura.

Seus olhos estavam escuros e, ainda assim, ele sentiu como se tivesse sido atingido na cabeça — como se ele estivesse a olhar para um céu noturno, brilhante com estrelas.

Ele deu-lhe uma pequena reverência — Senhorita Sweetly.

— Oh, sim, — A Sra. Barnstable disse, sacudindo a cabeça como se só agora tivesse se lembrado do seu dever. — Sr. Shaughnessy, esta é a senhorita Sweetly, o computador do Dr. Barnstable. Ela é muito jovem, embora eu suponha que para você ela não pareça muito nova. Mas ela é muito esperta.

— Fico sempre feliz em conhecer senhoras jovens inteligentes, — disse Stephen. — Elas são a minha segunda coisa preferida.

A senhorita Sweetly fez uma careta com embaraço e levantou uma mão para ajustar os seus óculos.

Ela não tinha ideia do que esse simples movimento fez a Stephen. Fez ele querer fazer o mesmo — subir os seus dedos pela linha do nariz dela, lentamente, traçando a curva elegante. Colocar o dedo debaixo da ponte de óculos e desliza-los pelo seu rosto e então...

Mas a senhorita Sweetly não perguntou qual era o seu tipo favorito de jovem, e a resposta que ele diria a essa pergunta óbvia foi para o lixo. Ao longo dos meses do seu

conhecimento, ela havia sempre o forçado a desviar-se das suas respostas habituais. Quando estava perto dela, ele tinha de pensar, de prestar atenção, porque ela nunca dizia o que ele esperava.

Ela não mencionou que já o conhecia. Não, na verdade, não disse nada sobre isso. Simplesmente olhou por cima do ombro da Sra. Barnstable, pela janela, como se tivesse coisas mais importantes que Stephen Shaughnessy na cabeça.

Sempre tinha sido assim com ela. O primeiro dia que a conheceu, ele tinha ido contra ela na rua — literalmente — como se ambos estivessem distraídos e nenhum deles tivesse a noção por onde estava indo. Ele perguntou-lhe o que ela estava a pensar tão profundamente e ela dissera-lhe.

Tinha sido a mais intensa experiência de sua vida, vê-la transformar-se de uma menina tímida, nervosa, em um mágico que se destina a descobrir os segredos do céu. Nunca achou que a matemática pudesse ser erótica até esse dia, mas ver os seus lábios formar as palavras "parábola" e "Passo newtoniano" tinha sido absolutamente fascinante. Desde então, ele tinha ficado fascinado.

— O Sr. Shaughnessy quer alguém para mostrar-lhe uma régua de cálculo, — O Sr. Barnstable estava dizendo para Rose. — E ensinar-lhe alguns truques. É para o seu próximo livro. E ele até se ofereceu para pagar — quanto foi, Sr. Shaughnessy? Três xelins por aula? É isso que

você disse? Não é tão generoso!

Ele não tinha dito nada disso, mas tinha de sorrir com a audácia da mulher. Três xelins por aula era francamente exorbitante.

— É claro, — disse a Sra. Barnstable, — que a maioria da taxa por aula vai para você, senhorita Sweetly, mas como eu terei que a acompanhar, vou esperar receber seis pence por aula e outros seis pence pela minha ajuda nas negociações.

Não, a Sra. Barnstable não era a mãe galinha doce que ela fazia crer. Mas, agora, não era a aprovação da Sra. Barnstable ou o coração mercenário dela que o preocupava. Era a senhorita Sweetly.

— Vai fazer a coisa do *homem real* comigo, também?  
— Ela perguntou, não olhando para ele.

— Não — ele disse, acenando a sua cabeça. — Você parece apreensiva com isso, e eu procuro fazer isso apenas onde é apreciado —. Ela fungou.

— Não pareça tão descrente, senhorita Sweetly. Sou um homem simples. Gosto de ser apreciado.

— Por três xelins por lição — A Sra. Barnstable disse — você poderia apreciá-lo um pouco. — A senhorita Sweetly fechou os olhos.

— Oh, querida. — A Sra. Barnstable disse. — Infelizmente, isso soou um pouco mal. Não tive a intenção...

Mas, ela nem conseguia dizer, o que não tinha tido a

intenção. Normalmente, observar os outros lutar com as ridículas regras do decoro era um dos passatempos favoritos de Stephen. Geralmente, ele esperava até que todas as penas estivessem suavizadas e todo mundo estivesse prestes a suspirar de alívio. De seguida, ele diria algo completamente inapropriado — destruindo todas as frases cuidadosas e eufemismos com uma determinação descarada.

Agora, no entanto, ele segurou a sua língua. Era uma habilidade desconhecida, tão inexperiente e tão mal compreendida como a sua matemática.

— Você não precisa gostar de mim — disse para a senhorita Sweetly. — Ensine-me a usar uma régua de cálculo e explique-me alguns conceitos básicos, e vou ficar contente.

Ela olhou para ele. Por muito tempo, pareceu estar a ponderar o que ele tinha dito. Finalmente, ela assentiu com a cabeça.

— Eu suponho que poderia fazer isso. Se o Dr. Barnstable não se importar.

Com a permissão concedida, ela o acompanhou a um escritório menor, que estava ainda mais imundo do que o último, coisa que ele não pensou ser possível. Uma máquina de escrever, colocada em uma mesa de escritório; a Sra. Barnstable sentou-se atrás dela, escavando as pilhas de papel existentes antes de reparar numa e a pegar. O familiar portfólio da senhorita Sweetly

enfeitava a outra mesa; Ela apontou-lhe uma cadeira ao lado dela. Ele sentou-se.

— Senhorita Sweetly — ele sussurrou em voz baixa, — Eu sei que ficou em uma posição complicada neste assunto, mas se você preferir que eu me vá embora, que eu não te incomode, só precisa dizer isso.

Ela olhou para ele.

— Mas nós falamos o tempo todo quando nos vemos na rua. Isto é tão diferente? — Não era tão diferente; era simplesmente uma escalada, um contato mais íntimo.

— Se desejar uma acompanhante mais exigente do que a Sra. Barnstable, estou feliz em encontrar outra pessoa. — Ele mirou-a nos olhos, segurando o seu olhar por um momento longo, intenso, antes de acrescentar, — só se quiser, é claro.

Ela levantou uma sobrancelha e olhou por trás deles.

— A Sra. Barnstable —, ela disse-lhe em voz baixa, — à tarde, adormece na mesa. Ela tem boas intenções, mas *tem* sessenta e três anos.

— Oh, não. — Ele inclinou-se para a frente e disse em uma voz ainda mais suave e baixa. — Vamos ficar terrivelmente desacompanhados. — Ela mordeu os lábios.

— A porta está aberta. Acompanhantes são para as senhoras; Eu sou filha de um comerciante. Desde que eu tenha bom senso e decoro, o que poderá acontecer?

— Realmente, o que poderá acontecer?

Ela tinha olhado para ele quando ele falou; Agora,

olhava nos olhos dele, balançando um pouco, parecendo quase hipnotizada. Ele estava muito consciente dela. Não *pretendia* seduzi-la. Mas achava que o poderia fazer; Isso não parecia muito difícil. Mas, não queria que isto acabasse com ela sentindo-se culpada e com auto-recriminação. Na verdade, ele não queria que isto acabasse.

— Se você vai escrever um livro ligado com a astronomia, é melhor lhe ensinar o básico. Vamos começar com multiplicação. — A voz dela, quando falou, era um pouco estridente.

— Naturalmente — disse Stephen, falando muito baixo para a Sra. Barnstable não ouvir a sua voz. — É um comando bíblico, afinal: Frutificai e multiplicai-vos.

Ela não parecia terrivelmente impressionada com isso. Em vez disso, ela desfez a amarração de metal que envolvia a régua de cálculo e tirou o instrumento.

— Eu deveria deixar você saber — ele continuou, — Consegui evitar ser frutífero, até agora. Mas eu *gosto de uma boa sessão de multiplicação*.

Ela engoliu.

— Sr. Shaughnessy, — ela disse em um tom de censura, dando uma olhada na Sra. Barnstable. Mas a mulher mais velha apenas sorriu, alheia à conversa imprópria.

— Ah, foi demais? — Ele perguntou. — Eu consigo controlar-me, se for preciso.

Ela olhou para baixo para as suas mãos. Elas estavam

colocadas sobre a régua de cálculo, a pele dela contrastando com a celulóide pálido do instrumento.

— Controlar-se com aquilo que a Bíblia ensina, Sr. Shaughnessy? — Ela sorriu fracamente. — Por que eu gostaria que fizesse isso? Imagino que você precise de toda a piedade que você pode reunir.

— Imagino que sim. Vamos multiplicar, então.

Ela deu-lhe um outro olhar intenso. Mas, em vez de o censurar, ela colocou a régua de cálculo entre eles, acariciando-a com um leve toque.

— Esta é a régua de cálculo. — Seus dedos longos e delgados demonstraram como usá-la, moveram a barra central em um movimento que ele não poderia evitar achar semelhante a outro ato. O pensamento dos seus dedos tocando dessa forma lenta e constante enviou a sua mente girando para outro caminho, deixando-o desconfortavelmente excitado.

— O índice à esquerda — ela disse. — O indicador direito. Esta janela de metal é chamada o cursor — Ele assentiu com a cabeça e tentou pensar em matemática.

— Então, para multiplicar dois números, digamos, três e dois, movemos o índice à esquerda para os três e definimos o cursor sobre o dois. — Ela demonstrou, os dedos dela trabalhando com uma precisão rápida e experiente. — Então você pode ler a resposta na escala inferior. — Ele olhou para baixo. — Seis — disse ele.

— Excelente. — O tom dela era quase áspero e



empresarial — quase, mas com um ligeiro toque de estremecimento nele. — Agora vou escrever alguns problemas. Espero que os resolva usando a régua de cálculo.

Ela pegou um pedaço de papel e começou a escrever os números ao lado — montes de números, como se ele fosse uma criança incumbida de trabalhos de casa para resolver. Ela escreveu rapidamente, de uma forma clara e perceptível e deslizou a página para ele. Ele sabia que tinha um efeito sobre ela — o mesmo efeito que tinha na maioria das mulheres. Ele conseguia impressioná-la temporariamente. Mas ela não ficou deslumbrada e ele ficou desconcertado com isso.

— Avise-me quando tiver terminado — ela disse.

Ele olhou para o papel.

— Você não vai multiplicar comigo?

— Não — ela disse, um pouco severamente. — Você vai multiplicar por conta própria. Mas eu vou te fazer uma aposta. Se eu conseguir terminar o meu cálculo da trajetória projetada do cometa sem o uso de minha régua de cálculo antes de você poder multiplicar alguns números insignificantes de dois dígitos...

Ele pegou o papel dela. — O que eu vou ganhar, então?

— Outra lição na multiplicação.

Ele riu suavemente. — E se eu conseguir?

— Então vou direto para a divisão — ela disse rapidamente.

Assim dizendo, ela abriu o seu portfólio. Viu uma desconcertante coluna de números — intercaladas com alguns deltas gregos e Ipsilons — antes de inclinar a cabeça sobre eles. Ele a ouviu falar sobre o seu trabalho. Ocasionalmente, ela fazia uma complicada divisão longa na cabeça dela enquanto lhe explicava alguma coisa. Ele sabia que ela era um gênio —derramava inteligência ao seu redor sem sequer ter de pensar nisso. Mas, observar o trabalho dela, era uma das coisas mais surpreendentes que ele já tinha testemunhado.

O papel foi dividido em cinco colunas, cada cuidadosamente etiquetada. Ela tinha que ter estado a multiplicar números de nove dígitos na sua cabeça, sem hesitar, marcando-os no papel tão rapidamente quanto os conseguisse escrever. Ele reconheceu vagamente algo que pensou que poderia ser a constante gravitacional, se o seu lamentável conhecimento da física tenuemente recordado significava alguma coisa...

— Você não está multiplicando — ela disse severamente. Mas não olhou para ele. Em vez disso, ajustou os seus óculos no nariz.

— Senhorita Sweetly, porque raios tem uma régua de cálculo? — Ele perguntou espantado. Ela ainda não levantou os olhos.

— Existem funções trigonométricas no reverso da régua E, ocasionalmente, preciso disso como um auxílio para corrigir alguém que acredita que eu posso estar errada. —

Ela franziu a testa. — Mas, acima de tudo, acho reconfortante ter a régua por perto. — Ele balançou a cabeça e começou a sua multiplicação.

Ela não terminou antes dele, mesmo tendo enchido quatro páginas de cálculos e ter marcado um caminho para o cometa cerca de dez graus mais adiante. Era óbvio que não tinha a intenção de terminar antes dele. Ela tinha feito aquela aposta para acalmar o seu orgulho. Vangloriar-se de que ele tinha acabado primeiro, teria sido como uma criança desenhando uma mera linha de um corpo de um homem e, em seguida, louvar-se que tinha levado menos tempo do que tinha levado Michelangelo a concluir a Capela Sistina.

Ele sentou e mirou a sua figura, em vez disso. Sabia que a senhorita Sweetly se sentia encantada por ele. Ela ficava muito nervosa perto dele para ser imune ao seu charme. Quando eles falavam, ela estremecia enquanto falava, às vezes, sacudindo a cabeça como se para contradizer as suas próprias palavras. Foi só quando ela falou de matemática, que ele conseguiu ver um lado dela seguro e estável, rápido e bonito. Era como quando ela estava cercada por números, se esquecesse que era suposto ser tímida. Atrás deles, ele podia ouvir a senhora Barnstable roncando. Tal como a senhorita Sweetly tinha previsto.

Ela olhou para cima depois de um momento... e notou que ele tinha terminado. Ela olhou sobre o seu papel com um olho experiente.

— Isso provou ser bastante fácil — ela disse.

— Qual é o próximo, senhorita Sweetly? — Você me prometeu mais multiplicação.

Ela assentiu com a cabeça. Perdeu aquele ar de incerteza; Estava no seu elemento matemático agora, e isso se via.

— Deixe-nos calcular um número muito pequeno, — ela disse. — Que tal uma probabilidade? Você sabe muito de probabilidades?

— Um pouco —. Ele fez um movimento com a mão.

— Bem, então. Eu vou fazer esta simples. Na sua opinião, quais são as chances de eu ir agir como uma tola?

Ele olhou para ela. — Tímida? — Ele perguntou. — Ou estúpida?

Ela estremeceu um pouco, mas não desviou o olhar. — O último, se faz favor.

— Então, eu diria que não pode ser superior do que um em cada mil.

— Muito bem, então. Multiplica isso pela possibilidade da nossa reunião sozinhos — deixe-nos colocar isso em um em cada quatro reuniões e isso pela chance que você vai ser encantador.

O interesse dele foi despertado. Ele não fazia ideia do que ela estava computando, mas ficaria feliz em encontrá-la sozinho e seduzi-la em qualquer número de vezes que ela desejasse.

Ele inclinou-se para a frente.

— Diga-me. Qual é a chance que você vai me encontrar encantador? — Eu teria aproximado isso a... — Ela olhou pensativamente através do quarto, o seu dedo batendo contra os lábios. — Eu suponho que deveria ser generosa; Você está pagando por estas aulas. Então, digamos, quarenta por cento.

— Uns meros quarenta por cento? — Stephen apertou o seu peito dramaticamente. — Uma faca no coração! Você me mata, senhorita Sweetly.

Seu dedo não parou de bater, mas ela sorriu tão timidamente, como se ele tivesse lhe oferecido um elogio. — Você identificou mal a arma. Não é uma faca.

— Não?

A Senhorita Sweetly abanou a cabeça. — É uma régua de cálculo duplo de Elliot, e a achei extremamente útil para despachar todos os tipos de homens. Especialmente, aqueles que adoram agir de forma dramática e teatral. Agora, vamos continuar o cálculo?

Ele recostou-se, sorrindo levemente.

— Claro. Estou vendo onde isto vai dar. Eu sempre quis ser abusado com números.

Ela suspirou.

— A chance que o meu pai não irá descobrir tudo antes que se revele demasiado tarde é uma em cada dez, e a possibilidade que eu deveria ser atingida na cabeça com uma bigorna, ou com um item igualmente pesado, é talvez de uma em um milhão. Diga-me, Sr. Shaughnessy, qual é a

probabilidade de todas estas coisas ocorrerem em conjunto?

— Ah... — Ele teve que usar papel para acompanhar este raciocínio. — Seria uma chance de uma... em 100 bilhões?

— Ooh. — Ela estremeceu... — É um número muito pequeno. Sinto muito por você, Sr. Shaughnessy.

— É. — Ele olhou para a conta. — O que, precisamente, eu estive a calcular?

Ela olhou para ele. Por um momento, pensou que ela ficar tímida novamente, que ela iria se afastar e sacudir a cabeça em vez de responder. Mas, mesmo murmurando, ela ainda disse as palavras.

— Isso. — Ela disse-lhe. — É a chance que você será capaz de me seduzir.

Sua boca ficou seca, e ele tossiu fortemente. — Uma régua de cálculo para o coração. — Ele se ouviu dizer. — Ai. É isso que você acha de mim? Que eu estou tentando passar a matemática para que eu possa seduzi-la?

Ela encontrou os olhos dele. — O que mais devo pensar quando você apareceu no meu local de trabalho, fingiu que não me conhecia e consegue aulas do meu empregador? O que mais você está tentando fazer, Sr. Shaughnessy?

Ele piscou. Abriu a boca e, então, lentamente a fechou novamente.

— Não sei. — Ela zombou.

— Não sei. — Ele repetiu. — Mas, vem cá, mentir para o Dr. Barnstable, mentir-lhe para a seduzir, isso parece ser uma trama sinistra. Eu não tenho planos sinistros, senhorita Sweetly; Eles dão muito trabalho. Estou aqui porque eu queria passar mais tempo com você, e porque eu amo ouvi-la falar sobre matemática. Nada mais do que isso.

Ela, claramente, não acreditava nele. As suas narinas se alargaram ligeiramente; Ela virou-se, colocando a sua mão entre eles.

— Falando em matemática — ele disse — porque é que uma bigorna apareceu no meio desse cálculo? Eu fiz muitas coisas e nunca tive que usar uma bigorna Ela o olhou nos olhos. — De que outra forma poderia adquirir amnésia? — Ela perguntou timidamente.

Ele piscou confuso e, em seguida, explodiu em gargalhadas quando ele percebeu o que ela quis dizer.

Ela franziu a testa.

— Eu não estou tentando te divertir. Preciso esquecer não só o meu próprio senso de moral, mas o meu trabalho, a minha família, o meu futuro — tudo isso desapareceria se você tivesse sucesso em tal objetivo.

— Nesse caso — ele prometeu — Deixe-me colocá-la à vontade. Eu adoto uma política estrita de não-bigorna. Se eu a tiver na minha cama, quero que se lembre a si mesma. Eu gosto de você. Não adianta ter o seu corpo, se não estiver incluída.

Ela devia ter-lhe batido por isso ou, pelo menos, ordenar-lhe que se afastasse. Em vez disso, ela tocou a sua régua de cálculo, movendo o cursor de metal para a frente e para trás.

— Então não adianta nada — ela sussurrou.

Atrás deles, a Sra. Barnstable deu um ronco. Os dois saltaram, mas a mulher mais velha só virou a cabeça de um lado para o outro antes de ceder mais uma vez.

— Não ouviu nada? — Ele perguntou em voz baixa. — Isto, falar com você, só assim, já é o ponto. Eu gosto de você. Eu gosto de conversar contigo. Se você não gosta de mim, me afaste.

Ela levantou uma sobrancelha para ele. E depois, sem responder, ela começou a escrever um outro conjunto de números em uma folha de papel.

— Vamos praticar a divisão — disse ela.

Quem ouviu a explicação paciente dela, poderia ter pensado que ela era legal e honesta. Stephen sabia melhor que isso. Ela *não o mandou embora* e não importava o que ela dizia, a mensagem era clara. Ela gostava dele — involuntariamente, talvez — mas ela ainda gostava dele.

Ele esperou até que ele tinha começado a resolver os problemas que ela tinha elaborado para ele, até que ela tinha pego a caneta e reiniciado os seus próprios cálculos, antes de falar de novo.

— Eu tenho outra pergunta sobre essa última probabilidade.



Ela pousou a caneta. — Vá em frente.

— Você é sempre muito exigente sobre os números que usa. Quando disse que eu era quarenta por cento susceptível de ser encantador...

Ela piscou para ele. — Eu não fiz um cálculo exato, mas sim. Cerca de quarenta por cento. Se quiser, eu posso agrupar...

Ele balançou a cabeça. — Eu não preciso de uma lista. É apenas para satisfazer a minha curiosidade. Por que apenas quarenta por cento?

Ela olhou para baixo. — Meus gostos pessoais, nada que se deva preocupar, realmente — Se não deixei ainda claro, senhorita Sweetly, eu tenho um ávido interesse em seus gostos pessoais.

Ela soltou um suspiro longo. — Eu não confio em você — ela disse simplesmente. — Se você tivesse uma chance, você me levaria para a cama.

Ele podia ter negado. Mas, sinceramente? Não estava tentando obrigá-la a seguir nessa direção, mas ele diria não? Claro que não.

— Ah. — Ele pegou a próxima folha dos problemas que ela tinha escrito para ele, encontrou o número na régua. — Então, você não tem nada que se preocupar, não de acordo com os seus cálculos. Você poderia me encontrar charmoso o tempo todo e, de acordo com você, eu ainda teria uma chance de... de... — Ele se atrapalhou.

Ela teve pena dele. — Um em 40 bilhões.

— Viu? Não tenho uma chance. Então, não pode haver nenhum dano em me permitir encantá-la o tempo todo. — Assim, deu-lhe um sorriso brilhante.

Ele a afetou. Isso, obviamente, a afetou. As mãos dela enroscaram-se no colo; Ela olhou para baixo, não numa posição recatada, mas como se estivesse a desviar os olhos do sol. Ela esfregou a ponte do nariz, como se os seus óculos a magoassem.

— Você está tentando encantar-me com a matemática — ela disse.

— Está funcionando?

Ela olhou para ele. *Sim*, disseram os seus olhos escuros, brilhando para ele. *Sim*, disseram parte dos seus lábios, os dedos que se levantaram para acariciar o cabelo dele. *Sim*, disse a inclinação do seu corpo em sua direção.

— Não — ela disse-lhe, firme. — Não.

# Capítulo três



NESSA NOITE, ROSE SONHOU que uma coluna de números a perseguia através de uma estranha paisagem não-cartesiana, uma visão de cores e linhas. À distância, alguém estava rindo — não um riso cruel, ou até mesmo de quem estava rindo a suas custas. Apenas uma risada amigável e acolhedora.

Os números apanharam-na, tomando conta do seu ombro. Ela tentou soltar-se, mas eles não a soltaram.

Como é que os números *se agarravam a ela*? Virou-se para eles, fascinada... e acordou atordoada.

O quarto estava escuro; a única iluminação era uma listra pálida de luar, filtrada através de um fosso de pouco centímetros de largura em suas cortinas. Nenhum som surgia da rua; realmente, era o auge da noite.

Mas havia uma mão, quente, no ombro de Rose. Deu-lhe uma sacudidela.

— Rose — Patrícia sussurrou — Estás acordada?

— Patrícia? — Rose virou-se para a sua irmã, sentada na cama ao lado dela, sua forma desvanecida na noite.

— Já começou —. A voz da irmã estalava com excitação, mas a sua mão no ombro de Rose parecia tensa, quase temerosa.

Rose não precisou perguntar o que *tinha* começado. Havia apenas um assunto no agregado familiar nos dias de hoje.

Sentou-se ereta na cama. — O quê? Já? É muito cedo.

— Trinta e seis semanas, pelas contas do médico Chillingsworth. Isso *é* muito cedo — mas senti uma contração mais intensa. Está começando.

— Não pode começar. Isaac está...

Ela se calou. O marido da sua irmã ainda não estava em casa. Tinham tanta certeza de que ele teria retornado quando que o bebê nascesse. Eles tinham planejado as restantes semanas de gravidez de Patrícia esperando o retorno do seu navio com um suspiro de alívio.

Quando souberam que Patrícia estava grávida — dias antes da partida do Dr. Wells — ele tinha ficado chateado por perder a maioria de sua gravidez. Rose tinha prometido escrever para ele, para contar-lhe as ocorrências do dia a dia.

— Cuida dela para mim — Dr. Isaac Wells lhe pedira. — Se não posso estar aqui, você terá que ficar no meu lugar.

Rose era a irmã mais nova; Patrícia sempre tinha cuidado dela. Mas, de alguma forma, esse pedido solene feito pelo cunhado que ela gostava, tinha apenas fortalecido a sua determinação. Se a Patrícia tinha sempre cuidado de Rose, agora Rose tinha uma chance de retribuir o favor.

E, então, ela escreveu para Isaac regularmente, dizendo-lhe tudo o que se passava. Ela tinha relatado fielmente, todas as manhãs, quando a Patrícia se sentiu mal. Ela tinha descrito a primeira vez que o bebê se mexeu, muito suave ainda, até aos chutes mais recentes contra a mão de Rose. Ela disse-lhe tudo... mas isso não mudava nada. Patrícia desejava que o marido voltasse antes do bebê nascer e Isaac queria a mesma coisa. Agora, Isaac estava apenas a um pouco mais de uma semana de distância. Ter o bebê tão perto da sua chegada seria...

...Uma bênção, Rose disse a mesma com firmeza. Não importa quando chegasse.

Assim, ela engoliu o que estava prestes a dizer.

— Já mandaram chamar Chillingsworth? — ela perguntou em vez disso.

— Josephs partiu há alguns minutos. Ele deve voltar em breve.

O Sr. e Sra. Josephs eram o casal que cuidava da casa para Patrícia — Mrs. Josephs como empregada-de-toda-obra e o Sr. Josephs como um faz-tudo. No seu bairro, ter dois criados era considerado uma despesa enorme; ela tinha ouvido alguém sussurrar que Patrícia estava vivendo acima do seu nível. Mas, então, o marido da Patrícia foi embora e ela estava grávida.

— Você tem medo? — Rose perguntou. — Como é ter uma contração? Eu prometi contar a Isaac tudo quando ele voltar. Tens de dizer-me.

— Oh, eu não estou tendo contração há algum tempo — agora sinto... Não sei, um pouco estranha — Patrícia deu uma gargalhada depreciativa. — Como um pato inchado prestes a ser exibido. Mas isso não mudou desde ontem à noite.

— Você pode andar?

— Claro que posso. Como acha que eu vim para o seu quarto? Patos, mesmo os inchados, podem gerenciar um andar vacilante.

Rose sorriu. — Bem, o trabalho de parto não alterou o seu senso de humor. É ainda terrível.

— Espere até eu ter outra contração — disse Patrícia. — Então não vou ter nenhum humor de sobra. Venha e espere comigo lá em baixo?

Rose vestiu-se rapidamente e segurou a mão da irmã ao descer as escadas — mesmo que Patrícia tentasse lhe acenar, dizendo que ela era perfeitamente capaz de andar por conta própria. Depois de colocar a irmã em um lugar de honra no sofá, Rose acendeu as lâmpadas, afastando todas as sombras da noite. Era bom ter algo para fazer. Ela se apressou, buscando e levando para a irmã dela — chinelos, um cobertor quente, chá de camomila e um bolinho que ela torrou numa fogueira e empilhou com manteiga e geléia de groselha.

— Mmm — disse Patrícia, fechando os olhos. — Não quer um, também?

— Já estava tendo o sonho mais estranho quando

acordaste-me — disse Rose. — Não preciso perturbar minha digestão ainda mais.

— Sonho, hein? — Os olhos de Patrícia estreitaram-se. — Não estava sonhando com...

— Eu sonhei que estava sendo perseguida por um monte de números — Rose interveio.

Patrícia se engasgou, quase rindo. — Só podia, né Sim, alguém tinha rido em seu sonho. Quase assim. Riso amigável, de quem conhecia as falhas de Rose e a amava de qualquer jeito.

Tinha sido um riso muito profundo para ser o de Patrícia e não era feliz o suficiente para parecer ser o de sua mãe. A risada do pai era mais uma batalha. E ainda parecia familiar.

A resposta veio a Rose quando a sua irmã tomou outro pedaço de bolo. O Sr. Shaughnessy riu assim.

Ela tinha evitado pensar nele. Apesar de seus protestos, ela sabia exatamente o que estava fazendo. Isto era como os homens como ele seduziam as mulheres como ela: passo a passo, cuidadoso, eliminando as suas inibições, uma por uma.

Ela não tinha nenhuma ilusão de que a sua inocência iria protegê-la; inocência era para uma classe completamente diferente de mulheres. Rose era filha de um comerciante; Ela era uma mulher que trabalhava para viver sozinha. Os homens de bem-fazer que poderiam comandar o respeito da sociedade geralmente pensavam

que as mulheres como ela existiam para servir em qualquer situação que eles desejassem.

Ela não sabia por que ela não tinha mandado Sr. Shaughnessy afastar-se. Estupidez, certamente. Equivocada de romantismo. Mas, esta não era a hora para repreender a si mesma.

Quando a irmã dela deu outra mordida no bolinho, abriu-se a porta da frente. O Sr. Josephs entrou. Atrás dele, veio o doutor Chillingsworth. O brasão do médico estava molhado com a chuva brilhante; Ele colocou um guarda-chuva na entrada da casa, franzindo a testa para ele como se não tivesse que estar molhado. Tirou as luvas e colocou as mãos pálidas juntas perto do calor. Então, olhou para a Patrícia — sentada no sofá, embrulhada em cobertores de lã, tentando não escorrer gelatina vermelha por seu queixo — e a sua expressão congelou em algo que parecia assustadoramente com um olhar de desprezo.

A parte detrás do pescoço de Rose se eriçou. Mas o médico balançou a cabeça e esse ar, de uma forma, desapareceu do rosto dele.

Talvez ela tivesse imaginado isso. Talvez ele simplesmente não gostasse de gelatina.

Chillingsworth era um sujeito alto, idoso. Ele sempre pareceu não gostar de Rose. Não era propriamente desdém; Ele apenas parecia desaprovar Rose.

Ela tentou dizer-se que estava vendo coisas que não estavam lá. Afinal de contas, ele vinha tão bem



recomendado. Antes que se retirou para a prática civil, passou trinta anos como médico naval. Talvez aquele ar não fosse nada mais do que a disciplina militar residual.

O marido de Patrícia não tinha aquele ar — mas então, ele tinha apenas trinta e dois anos. Talvez, ela pensou em dúvida, levasse anos para desenvolver aquele ar.

Chillingsworth tirou as suas galochas, um revestimento exterior, um cachecol e finalmente, um chapéu listrado azul. Ele veio para a frente de Patrícia.

O exame foi breve, quase superficial. Os olhos de Patrícia fecharam-se e a respiração silvou quando ele colocou o seu estetoscópio contra sua barriga. O metal devia estar frio como o gelo. Mas ela não reclamou.

O médico endireitou-se depois de ter terminado o exame. — Bem — ele disse. — Eu fui tirado da cama para nada.

Patrícia piscou os olhos.

— A Sra. Wells está tendo dores de falso trabalho de parto —, anunciou.

Em primeiro lugar, Rose não tinha ideia com quem ele estava a falar — o quarto em geral, talvez? — Até que ela seguiu a sua linha de visão para o Sr. Josephs, quem estava fazendo o seu melhor para limpar a água que tinha espirrado na porta de entrada, quando chegaram.

Que estranho ele falar da saúde da Patrícia com o criado. Mas então, as pessoas às vezes cometem esse erro. O Sr. Josephs podia ser um criado, mas ele era o

único homem — o único homem *branco* — no agregado familiar, e as pessoas muitas vezes ficavam confusas ou desconfortáveis com isso. Nunca se fez estardalhaço sobre isso. Todos se sentiriam melhores se apenas imaginassem o médico a falar para o quarto.

— Não é ainda o tempo dela — disse o médico. — O bebê ainda não deu a volta e ela não está dilatada. Mulheres como ela, muitas vezes, são dadas a esse drama. Da próxima vez, certifique-se que as contrações são pouco espaçadas entre si antes de me chamarem no meio da noite. — Ele olhou de volta para a entrada. — Na chuva fria.

— Sim, doutor — Patrícia disse, se aproximando. — Desculpe-me. É minha primeira vez, e não sei o que esperar.

— Humph — Gostaria de uma xícara de chá para esquentar? — Rose ofereceu.

— Eu gostaria de minha cama — O Doutor Chillingsworth disse, de um modo quase malcriado. Ele voltou para a entrada, sem olhar para ela, colocou as suas pesadas galochas e recolheu suas coisas. Murmurou para si mesmo quando colocou a sua echarpe sobre o pescoço. Então, pegou o guarda-chuva, bateu contra o chão — enviando gotículas de água em cima da porta de entrada — e saiu.

— Céus — Patrícia olhou. — Isto foi... não tão bem como seria de esperar.

— Ele foi rude — Rose assinalou.

Patrícia acenou. — Ninguém gosta de ser acordado no meio da noite sem motivo, não é.

*Então, talvez ele não devesse ser um médico*, Rose pensou com aborrecimento. Mas ela não disse isso. Em vez disso, ajudou sua irmã a se erguer.

Patrícia disse — Aqui estamos — disse alegremente. — Parece que o pato inchado está aqui para ficar por mais algumas semanas. Graças a Deus. Isso significa que Isaac estará em casa no momento do parto, afinal de contas.

A senhorita Sweetly deu a sua lição fora de casa, no dia seguinte. Stephen não sabia se ela tinha feito isso para refrescar o seu ardor ou se ela apenas tinha pensado que era uma boa ideia. De qualquer forma, tinha-os levado para fora da casa, ao longo do rio, passando as docas. Eles ficaram na beira da água, ao pé de um poste de luz que não fornecia qualquer abrigo contra o vento.

As pessoas que passavam perto deles, o lembraram por que ele se mudou para Greenwich. Aqui, não era o intruso irlandês solitário em um bairro de esnobes. As docas nas proximidades trouxeram visitantes de todo o mundo: lascarins da Índia, aspirantes das Índias, Morenos marinheiros de Portugal... e sim, um bom número de irlandeses labutando em navios e em armazéns.

Aqui, um irlandês em pé com uma mulher negra pode ter um segundo olhar ocioso, não mais. Stephen avistou um operário da doca que ele conhecia da igreja e deu ao

homem um aceno.

O vento parecia ter colocado um colar gelado em torno dele, trazendo um frio úmido do Tamisa. O nariz de Stephen estava frio; as mãos dele estavam a ficar dormentes. Mas a senhorita Sweetly ficou ao lado dele, parecendo que estava a aquecer confortavelmente as mãos durante um incêndio, em vez de estar a segurar um disco de metal em suas mãos com luvas. Se *ela* não sentia o frio, ele também não.

A Sra. Barnstable, pelo contrário, tinha desistido nos primeiros cinco minutos. Ela fugiu para uma casa de chá nas proximidades, prometendo manter a vigília da janela.

— Para fazer uma medição por paralelos — a senhorita Sweetly dizia-lhe — você deve ser capaz de determinar ângulos e distâncias. Pode obter ângulos na terra simplesmente usando uma bússola prismática. Segure a bússola Ele estendeu a mão; Ela a deixou sem a menor cerimônia na palma da sua mão. O metal estava frio; Ele tinha tomado notas, e mal podia empunhar um lápis usando luvas. O hálito dele deixava nuvens no ar.

— Agora, olhe através do olho e ajuste o prisma até o objeto que você está medindo em contacto com o fio. Leia o ângulo magnético aqui.

Alguém podia pensar que essas palavras eram desprovidas de emoção.

Mas, quando ela disse a palavra "prisma", os seus lábios formaram quase um beijo. Ela estendeu a mão e

ajustou a bússola na mão dele, os dedos dela roçando a palma da mão dele. E, quando ela olhou para cima, depois da sua explicação, o olhou nos olhos e o fluxo de suas palavras caíram em um buraco. Ela ficou no lugar, seus dedos sobre a bússola e seus olhos alargando-se.

Ele a fascinava. Era *bom* fascinando mulheres; Nem sequer tentava fazer isso. A única diferença era que a senhorita Sweetly o achava fascinante e frívolo, tudo ao mesmo tempo — e ele estava bastante certo de que ela tinha razão.

Ele afastou a mão e fez a medição, focando o prédio que ela tinha escolhido, alinhando o fio, fazendo uma notação do ângulo em seu caderno.

— Agora para fazer uma segunda medição. Deve ser de um ângulo diferente e de uma distância conhecida. — Ela ajustou os seus óculos no nariz.

Ele queria saber se o nariz dela estava frio. Tinha que estar; Eles estavam ao vento e frio. Mas ela parecia não se deixar afetar pelas intempéries. Ele andou uma distância e mediu o ângulo sem dizer nada. Fez um diagrama em seu bloco de notas; Ela veio para ficar atrás dele, olhando por cima do ombro.

— Ter você me vendo calcular é como... — Ele fez uma pausa, buscando uma analogia apropriada. — É como ter Beethoven a ver uma criança dar o primeiro recital de piano.

Ela deu um pequeno bufo atrás dele. — Acho que não.

Existem algumas diferenças marcantes.

— Verdadeiro. Beethoven não é feminino. Beethoven não é adorável. Você é muito mais desconcertante.

— Mmm. Você não está pensando bem nisto. Veja, Beethoven não está vivo. Eu imagino que seja um pouco mais alarmante ser visitado pelo cadáver de um compositor.

— Isso faz dele um decomposto em vez de um compositor?

Ela soltou um ruído de asfixia assustado.

Stephen sorriu para si mesmo. — Suponho que a analogia perca muito com o exame —. Ele subtraiu os ângulos magnéticos e começou o cálculo dos triângulos. Ela ficou a vê-lo em silêncio por mais um tempo.

— Não entendo por que você quer que eu te ensine sobre astronomia — ela disse.

— Não quero que me ensine astronomia. — Enquanto ele falava, deslizou a régua e consultou as tabelas trigonométricas. — Quero que me ensine a ver o mundo como você.

— Como vejo o mundo? — Ela perguntou com perplexidade.

— Se eu soubesse, não precisaria aprender, pois não? — Ele encolheu os ombros. — Mas eu sei que você me vê. Você acha que eu sou um flerte ultrajante, um sujeito frívolo que não pensa em nada além da próxima piada.

— E vai me dizer que há mais em você? — Ela parecia

duvidosa.

— Se há, não posso ver por mim mesmo. Mas, eu me pergunto se você pode. — Ele empurrou a régua alguns centímetros, leu um número fora da escala inferior e anoto-o.

— Está tentando intrigar-me insinuando profundezas ocultas, Sr. Shaughnessy?

Ele encolheu os ombros. — Por que o faria? Nem tenho profundezas escondidas. Eu sou aquilo que você vê.

— Sem traumas escondidos, sem decepções da infância, ou ressentimentos remanescentes?

— Nenhum. Ah. Espere. Acho que tenho um. Quando eu tinha doze anos, fui chicoteado por ter causado distúrbios.

Ela se virou para ele, piscando. — Que horror.

Ele deixou cair a sua voz, acenando-lhe para chegar mais perto. Ela inclinou-se. — Você quer saber o que eu pensei quando senti o chicote? Eu divulgarei o voto solene que fiz então?

Ela não respondeu, mas seus olhos brilhavam com a luz da curiosidade.

Ele baixou a cabeça. — Pensei: ai, ai, ai.

Ela esperou, segurando ainda, como se esperasse mais.

— É isso. Estou acabado. 'Ai'. Nunca seja chicoteada como castigo senhorita Sweetly. Eu não recomendo.

— Obrigada —. Ela disse solenemente. — Eu vou manter isso em mente —. Mas ela mordeu o lábio, quando falou, e ele poderia dizer que era para reprimir um

sorriso.

Ele alinhou os últimos números da régua. — É de 78 metros — a propósito, disse-lhe.

— 78, o quê?

— Metros. Para aquele prédio ali.

Ela piscou, como se só agora se tivesse lembrado que ela estava dando uma lição. — Tinha julgado serem 79 metros — ela disse lentamente.

— Ah. Droga — Mas, dado que a sua medida de distância foi feita por estimulação fora o comprimento, sua resposta está, obviamente, dentro da margem de erro. — Ela sorriu-lhe. — Bem feito. Agora você gostaria de experimentar algo difícil?

— Não foi difícil? Havia imensas medições e variáveis. Era difícil.

— Cale-se, grande chorão —. Ela balançou a cabeça, mas ela estava sorrindo para ele. — Tudo o que tinha a fazer era procurar um número em uma tabela. Foi muito difícil para você?

— Uma mesa grande e terrível, rodeada por logaritmos temíveis, com sua terrível, terrível... — Ele perdeu-se. — Oh, muito bem. Dê-me outro problema, senhorita Sweetly. Minha decisão é firme e meus ângulos são agudos. Mas tenha cuidado — se eu tenho que tirar outro diagrama, as coisas podem tornar-se gráficas.

Ela levantou as mãos em sinal de rendição. — Piada sem mais matemática — ela disse em horror.



— Por quê? Medo porque podemos apanhar uma... *tangente*?

— Não é isso. — Ela mordeu o lábio. — A matemática é um negócio sério, por um lado. E as tuas piadas são terríveis, por outro lado.

— Não consigo me controlar. — Ele piscou para ela. — Eu nasci sob um seno infeliz.

Uma mão foi para a anca. — Sr. Shaughnessy, devo expulsá-lo do cais?

— Oh, acho que não. Não, a menos que você me faça usar o cálculo. Tenho medo que das minhas piadas de cálculo derivem.

Ela gemeu. — O seu público adorador sabe que Stephen Shaughnessy, homem real, faz trocadilhos verdadeiramente terríveis.

— Infelizmente, não. Tento colocá-los em minhas colunas, mas Free — meu editor; Isso é Frederica Marshall-Clark — não os deixa lá ficar. — Ele fez uma careta.

— Já terminou sua pequena onda de jocosidade, Sr. Shaughnessy? — As palavras dela podem ter soado um pouco duras, mas ela estava a reprimir um sorriso. — Eu tinha a intenção de lhe dar um problema, se você se lembrar disso.

— É claro. Vá em frente.

— Você vê naquele barco?

— Aquele no meio do Tamisa? — Estava cercado por

águas agitadas.

— Esse mesmo. Calcule a que distância está de nós, por favor. Mas aqui está o problema — desta vez, sem percorrer a pé as distâncias. Na verdade, não pode mexer os pés. Você pode mover sua mão um quarto de centímetro — não mais.

— Mas o ferry está a se mover.

— Assim é.

— Muito bem, então. — Ele tirou a bússola, perscrutou através dela...

— Posso mover os meus pés para a grade, apenas para colocar a bússola para baixo?

— Não, — ela disse com um sorriso calmo.

Era impossível manter a sua mão firme o suficiente.

Ele libertou uma respiração. — Mas a agulha no prisma está vibrando. Não consigo uma leitura exata do ângulo, e se só posso mover a minha mão um quarto de centímetro, preciso de uma leitura muito precisa.

Como se para enfatizar isso, um carrinho tremeu ao passar e agitou a agulha.

Ela sorriu com a sua consternação. — Então você não pode fazê-lo.

— Eu disse isso? Eu posso. Claro que posso.

Ele tentou estabilizar a mão contra o outro braço, em seguida, segurando o compasso entre o polegar e o indicador. O vento soprou, tornando o seu aperto mais tênue — e os dedos ainda mais frios. Ele conseguiu fazer

uma leitura quase decente uma vez — pensou —, mas quando mexeu a sua mão a distância permitida e tentou estabilizar a agulha, mais uma vez, o ferry tinha se mudado tanto que o primeiro número era inútil.

Ela observou tudo isto com um sorriso beatífico. E isso foi o que finalmente o avisou. Se o problema fosse *possível*, ela estaria agravada com o que ele estava a fazer errado.

— Senhorita Sweetly — ele disse, endireitando-se — você me daria um problema impossível para eu resolver só para me ver nesta luta?

Ela colocou uma mão sobre o seu coração. — Como pode dizer uma coisa dessas? Você deve me achar desnecessariamente cruel.

— Não. Claro que não. Mas...

Ela sorriu.

— Bom. Odiaria que você se tivesse enganado em relação ao meu verdadeiro carácter.

Ele deixou a bússola quieta ao lado dele.

— Fala docemente. Está gozando comigo. Estou absolutamente encantado.

E ele estava. Cada dia que passava com ela, acalmava cada mais o nervosismo dela. Quanto mais via, mais ele gostava dela, e ele já gostava muito dela.

Ela desviou o olhar, com um sorriso no rosto.

— Vamos nos unir à Sra Barnstable. Eu poderia beber um pouco de chá; Estou com um pouco de frio.

Um pouco de frio. Um pouco frio. Ele balançou a cabeça. Ela partiu na direção da loja de chá e ele seguiu atrás dela.

— Eu realmente não estava tentando ser má — ela disse, enquanto caminhavam. — Estava tentando ilustrar um ponto. As estrelas mais próximas estão a trilhões de milhas de distância. Mesmo que tirássemos as nossas observações de uma estrela de lados opostos do globo, faríamos apenas alguns milhares de milhas de distância entre dois pontos. Fui generosa dando-lhe um quarto de centímetro para medir o ângulo.

Ele assentiu com a cabeça e abriu a porta da loja de chá para ela. O calor bem-vindo do fogão a carvão o atingiu.

Mas, ela parou apenas dentro da loja, e ele percebeu que os óculos dela tinham embaciado. Ela os pegou, limpou-os com cuidado e, em seguida, os colocou no nariz mais uma vez. Deu-lhe um olhar desconfiado, como se o desafiasse a rir dela.

Sem chance. Ele foi levado por uma fantasia repentina em que ele pegava os óculos dela, os limpava, se apoiava nela e...

A Sra. Barnstable acenou para eles quando entraram, mas ela já estava sentada em uma mesa com outra mulher, com quem estava fazendo fofoca.

Stephen fez um gesto a Rose para um lugar na mesa ao lado da Sra. Barnstable. — Então, como é que se calcula paralelo astronômico, então?

Seus olhos brilharam. — Se podemos medir o ângulo de uma estrela no céu duas vezes por ano, tendo em conta... — Ela se perdia, acenava a mão dela e, em seguida, retomava — ...todos devemos considerar os vários fatores e, em seguida, podemos ter duas medidas que são muito mais do que alguns milhares de milhas distante.

— Ah. Isso é inteligente.

E era. Um ano atrás, ele nunca teria adivinhado que acharia tudo tão fascinante. Isso foi antes de a ter visto ficar animada sobre isso. Olhos dela ficarem iluminados; as mãos dela gesticulando. Ela parecia como...

Por que ele nunca percebeu como eram inadequadas as analogias para as mulheres no auge do fascínio total? Ela parecia uma mulher falando sobre paralaxe astronômica, e isso a fazia brilhantemente linda.

— Então, é realmente o mesmo conceito como medimos edifícios através do Tamisa, mais ou menos — ela disse. — Se eu te desse duas medições assim, Sr. Shaughnessy, você poderia determinar a distância de uma estrela?

— Acho que sim.

Ela desfiou um par de números. Ele começou a calcular — e percebeu que tinha-se precipitado. Olhou para cima para a ver a olhá-lo com o mesmo beatífico sorriso no rosto. Uma garota veio com chá e biscoitos; a senhorita Sweetly preparou um chá para ela, mas não disse mais nada.

— Senhorita Sweetly — Sim, Sr Shaughnessy? — Ela disse inocentemente.

— Eu falei cedo demais. Não posso fazer nada até saber a distância entre os dois pontos de medição.

— Ah, — ela disse com um suspiro longo —. É isso — É duas vezes a distância entre a terra e o sol — mas como se consegue medir essa distância? Colocamos um pedaço gigante de linha entre a terra e o sol? Não faço a menor ideia. Acho que você deve desfrutar de me dar problemas impossíveis de resolver.

— Estou apenas fazendo você ficar confortável com a ideia de fracasso — ela disse, olhando para baixo. — Quando se trata de mim, você deve esperar falhar. Muitas vezes.

Ele estabeleceu o queixo nas mãos. — Eu prefiro falhar com você do que ser bem sucedido com qualquer outra.

Ela ficou totalmente quieta. Seu queixo desceu; Olhou para o lado para verificar se Sra. Barnstable não estava ouvindo, e, então, ela olhou para ele.

— É demais — ela disse. — Quando diz coisas extravagantes assim, lembro-me que isto é um jogo para você. Faria muito melhor se usasse elogios tão intensos menos vezes.

— Eu vou-me lembrar disso, se um dia decidir seduzi-la. — Ele pegou sua xícara de chá e tomou um gole grande do líquido quente. — Mas é um pouco irônico, não acha? Você estava prestes a dizer-me como medir a distância

entre a terra e o sol sem o uso de linhas. Pode imaginar números maiores do que eu sempre sonhei possível. E, mesmo assim, não consegue digerir a possibilidade de que talvez, apenas talvez, realmente me colocou de joelhos perante você.

Ela recuou, levantando a cabeça com um golpe forte — Não seja ridículo. Mulheres como eu não...

Ele colocou a mão sobre a mesa, interrompendo este pensamento.

— Meu pai era um mestre carpinteiro — disse ele — Minha mãe era uma costureira. Tive muito sucesso na vida, mas não imagine que eu sou um daqueles senhores que olham para você com altivez, que a desprezam.

Ela desviou o olhar, soltando um torrão de açúcar em seu chá.

— Quanto às mulheres como você... Não acredito que já conheci uma mulher como você. Diga-me, senhorita Sweetly. Como se tornou o tipo de mulher que calculou as órbitas dos cometas?

Ela pegou uma colher de chá. — Eu sempre fui excepcional em matemática. Refiro-me a desde sempre. Quando tinha quatro anos, nós ainda morávamos com meu avô em Liverpool. Ele era dono de uma loja lá, e um dia, um homem veio ao registo com uma cesta de mercadorias. Eu sabia qual seria o total, então eu disse em voz alta. — Ela deu de ombros. — O meu avô fez disso um jogo. Eu conseguia calcular uma cesta com um olhar. Homens

adultos vinham para assistir. Muitos deles. Quando parti, havia uma multidão lá todos os dias.

Os lábios dela contorceram-se como se ela tivesse provado algo desagradável.

— Senhorita Sweetly, isso soa como uma pena que suporta, um desgosto profundo que tem.

— Ao contrário de você, eu nunca disse que não os tinha. — Ela mergulhou a colher de chá em seu chá e mexeu lentamente o líquido marrom. — Deixou-me desconfortável, todas aquelas pessoas assistindo. E as coisas que eles diziam... Fiquei muito feliz quando meu pai chegou a Londres para iniciar seu próprio Empório. Eu não estava em exibição por mais tempo, não até que meu pai tentou me fazer aprender boas maneiras. — Rose sorriu. — Não funcionou muito bem — eu não gosto da ideia estar na sociedade. Eventualmente, a conselho de Patrícia, ele me subornou para prestar atenção, oferecendo-me um tutor para matemática superior.

Ela ainda estava mexendo o seu chá, apesar do açúcar já se ter dissolvido há muito tempo.

— Então você vê, não é nada, realmente. Apenas um pequeno truque que faço, algo que me traz um pouco de diversão.

— Bem, —ele disse com ceticismo. — Apenas um pequeno truque. Diga-me, senhorita Sweetly. Como *faz* para calcular a distância entre a terra e o sol?

Ela olhou para cima, os olhos ficando luminosos. —



Oh, há tantas maneiras. Mas, verdadeiramente, não há realmente apenas um evento astronômico que nos permita fazer uma medição precisa. Podemos observar o tempo exato que demora Vênus a chegar da terra ao sol. Duas dessas observações feitas em diferentes latitudes daria a distância mais exata possível.

— Você fala como se isso ainda não foi feito.

— Isso já foi tentado antes, mas houve dificuldades...

— Ela chamou a sua atenção. — Não importa as dificuldades. Toda a comunidade astronômica está a preparar-se para este trânsito que vai acontecer agora. Só a Grã-Bretanha tem doze estações tripuladas ao redor do mundo apenas para este evento.

— Um monte de coisas a fazer por causa de número pequeno — ele brincou.

— Mas eu já te disse! — Ela parecia chocada. — Não é apenas um número pequeno. É o único critério que temos para medir o universo e não sabemos quanto tempo temos para resolver esta questão! Se soubéssemos a distância com precisão, saberíamos não só o número das estrelas, mas poderíamos também deduzir a distância de todos os planetas do sistema solar. Assim, saberíamos a sua massa, o que nos permitiria testar as nossas medições da constante gravitacional, se este existe mesmo... — Ela estava divagando, mais uma vez, olhando para ele. Lentamente, a luz desapareceu dos seus olhos. Ver como ela voltava a si, como parava de divagar, era como ver

uma vela se agitar ao vento e se apagar.

— Ah — ela disse, murmurando. — Você estava brincando.

— Não — disse Stephen. — Eu estava provando um ponto.

Ela estremeceu. — O quê, que consegue colocar-me a divagar e a balbuciar?

— Continue a procurar razões obscuras e complicadas para explicar a minha forma de agir, senhorita Sweetly. Eu não complico. Sou simples. Gosto de ouvi-la falar sobre o sistema solar. Se eu não gostasse, eu não lhe perguntava sobre isso.

— Você não pode fingir que é um entusiasta da matemática. Já te vi lutar com um arco tangente, Sr. Shaughnessy, e eu não sei se você iria ganhar.

Stephen inclinou-se em sua direção.

— É porque o seu entusiasmo é contagioso. Você olha para o céu e não vê luzes pequenas e bonitas, mas vê um cosmos para ser descoberto. Se eu pudesse ouvir-te falar e *não* sorrir com o que você diz, eu seria um bruto insensível. E você acha que os meus elogios são exagerados e extravagantes? Um dia desses, você vai perceber verdadeiramente o quanto eu me controlo quando a ouço falar.

Ela deu-lhe um olhar de relance — um que era cauteloso e esperançoso ao mesmo tempo.

— Então, me diga — ele disse. — Quando é que Vênus

ficará entre nós e o sol? Pela maneira como falou, parece que será em breve.

Os dedos dela acariciaram a colher de chá. — Daqui a uns dias — ela disse-lhe. — 6 de dezembro, cerca das duas da tarde.

— E, naturalmente, você vai observar este evento.

— Oh...— Ela olhou para baixo novamente. — A partir daqui, em Londres, apenas cerca de metade do trânsito será visível e só se o tempo o permitir. Ficarà de noite antes do trânsito terminar. Eu tenho um pedaço de vidro fumê que utilizarei para observar — que é quase ideal, o planeta é tão pequeno, e.... — Ela divagava de novo.

— E, eu não entendo. Você trabalha em um Observatório. Certamente você deve ter acesso a instrumentos melhores do que vidro fumê.

— Eu não sou um dos astrônomos, — ela disse em voz baixa. — Eu sou apenas um computador. No Observatório há um espaço limitado para observação e todo o mundo quer ver este fenômeno.

*Humm.* Ela ainda não acreditava nele.

— Bem, então. — Deu-lhe o seu melhor sorriso. — Da próxima vez, você deve tentar integrar uma das equipes científicas que vão... onde foi que você disse? Bermuda?

Mas ela estava balançando, de novo, a cabeça.

— Não, não.

— Você acha que não? — Ele fez uma pausa, olhando para ela. — O fato de você ser mulher levanta algumas

dificuldades. A raça, presumo, também é um obstáculo? — Ela assentiu com a cabeça.

— Claro que eles devem ser ofuscados pelo brilho ofuscante da sua mente.

Ela sorriu, mas era um sorriso trêmulo e vacilante. — Não é isso, Sr. Shaughnessy. Quer dizer, *é* isso, mas neste caso, não adiantaria. — Ela engoliu.

— Você vê, o trânsito de Vênus é um raro evento astronômico — extremamente raro. Não há uma repetição dele, não durante o tempo em que for viva. Não acontecerá de novo até junho do ano de 2004. — Ela deu-lhe um triste abano com a cabeça.

— Então, sim, Sr. Shaughnessy. Eu não sou uma das pessoas que irá ver isto acontecer em toda a sua glória. Mulheres como eu, terão de se contentar com vislumbrar o fenômeno em vidro fumê.

Stephen não se tinha apercebido do que pretendia quando se aproximou do Dr. Barnstable. Mas, olhando para ela agora, a cabeça curvada, renunciando a toda a importância... Agora, pela primeira vez, ele sabia o que queria.

# Capítulo quatro



— ROSE — PATRÍCIA disse, na manhã seguinte — Eu acho mesmo que você deve ler isto. — Ela deslizou um papel sobre a mesa do café da manhã até ficar ao lado da xícara de chá de Rose

Rose levantou o olhar da sua torrada para ver a *Imprensa livre feminina* aberta na última coluna do Sr. Shaughnessy.

— Eu pensei que você não queria me encorajar neste assunto.

— Isso não é um incentivo — Patrícia disse gravemente. — É um lembrete de quem ele é, o que ele é. Ele está flertando com você...

Rose sentiu as suas bochechas aquecerem. Patrícia não sabia nem a metade do que se passava.

— ...e ao mesmo tempo, ele se comporta assim, em público. Em um *jornal*.

Rose já tinha lido um bom número das colunas do Sr. Shaughnessy. Ela tinha uma ideia do tipo de coisas que ele escrevia. Ela duvidava que qualquer coisa que ele pudesse escrever a chocasse — e se Patrícia soubesse o tipo de coisas que ele lhe estava dizendo, ela saberia que,

para a chocar, era necessário mais do que algumas linhas em um jornal. Ainda assim, Rose obedientemente pegou o papel.

*Caro homem, ela leu. Eu lamento dizer que passei os últimos cinco anos em um hospício. Meu tio e guardião colocou-me lá quando eu me recusei a casar-me com o meu primo. Consegui passar aquele tempo todo lá, fazendo uma lista de todas as coisas que eu faria se alguma vez fosse libertada. Agora, ele está morto e eu estou livre, mas acho que não consigo ultrapassar esta questão. Como nos podemos libertar a nós mesmos?*

*— Mulher não maluca.*

Rose engoliu em seco e continuou a ler.

*Querida mulher não louca, Normalmente, eu trato as minhas colunas com uma certa quantidade de jocosidade. (Nunca diga isto aos meus leitores, nunca vão acreditar.) Mas, a sua situação, levou-me a tratá-la com seriedade. Você deve lutar por conseguir os seus desejos realizados, pouco a pouco. Antes de você conseguir dançar no túbulo do seu tio (eu suponho que isso esteja na sua lista), primeiro, você deve visitar o túbulo e ficar em cima da grama. Na próxima visita, certifique-se de bater os seus pés e cantarolar uma canção. Antes que você perceba, você vai estar dançando a valsa no cemitério.*

*Se você precisar de um parceiro de dança, considere-me para isso.*

*Atenciosamente, Stephen Shaughnessy Homem real*

— Viu? — Patrícia disse. — Ele está flertando, publicamente, com outra mulher. Esse é o tipo de homem que ele é. Basta ter isso em mente na próxima vez que você o encontrar. — Ela assentiu com a cabeça, como se ela tivesse provado um ponto.

Rose abanou a cabeça. Ele não estava flertando, não mais do que quando ele fez de *homem real* para a Sra. Barnstable. Era... tipo ele, de uma forma doce, ultrajante. Custou lê-lo, não porque pensou que lhe fosse infiel, mas porque ela não o conseguia ouvir no texto, não a totalidade dele.

*Não tenho coisas escondidas*, ele disse. Talvez não tivesse. Ela suspeitava que se ela o julgasse por sua coluna, ela veria...

Um homem que se ofereceu para dançar com uma mulher que tinha sido gravemente ferida. Um homem que zombou de outros homens quando eles se julgaram muito importantes. Um homem que desejava fazer os outros rir, mesmo quando eles estavam sofrendo. Ela jamais olhou para ele e viu um homem mau e quanto mais ela olhava, mais ela se sentia perto dele.

Talvez, tudo isto, o fizesse o espécime mais perigoso de todos.

Ele gostava das pessoas. Ele gostava *dela*. Ela suspeitava que ele lhe tivesse contado a verdade: ele não estava *tentando* seduzi-la.

Ele estava tendo sucesso em seduzi-la.

— Esta será a nossa última aula — Rose disse, quando o Sr. Shaughnessy se acomodou no gabinete dela dois dias depois. — Há tanta coisa que você ainda precisa aprender e, depois de amanhã, ficarei inundada com trabalho. Nós vamos ter dados relativos ao trânsito de Vênus — e, assim, que tivermos esses dados, vai haver mapas estelares para atualizar e eu estarei inundada em cálculos para fazer. Eu não terei mais tempo para estas aulas.

Sra. Barnstable levantou o olhar para Rose, mas ela tinha um relatório para escrever para o seu marido e o barulho da máquina de escrever abafou o que Rose disse.

A verdade era que Rose nunca deveria ter arranjado tempo para o Sr. Shaughnessy. Ele era... *charmoso* era a palavra que ela usaria, mas charmoso soava tão doce, tão inocente. E, pela sua natureza, Sr. Shaughnessy nunca foi inocente.

Aliás, agora ele não estava olhando para ela de forma inocente.

Esse era o problema. Ela sabia exatamente o que estava acontecendo com ela. Ela podia senti-lo a persuadi-la lentamente para sedução. Fê-la esquecer-se disso todos os dias que ela estava com ele, e um dia, ela iria atravessar uma linha intransponível. Enquanto ele estivesse perto dela, ele iria seduzi-la.

Os lábios dele uniram-se, mas ele assentiu com a cabeça tão levemente como se ele aceitasse o que ela



estava a dizer.

— Quando nos encontrarmos na rua, você ainda vai-me dizer o que está fazendo — ele disse. — E, agora, eu vou entender melhor.

Ela balançou a cabeça.

— Acho que não lhe irei contar o que estou fazendo.

Não; isso era demasiado insosso. O ruído da máquina da Sra. Barnstable estava começando a irritar Rose.

— Na verdade, sei que não lhe irei contar o que estou fazendo.

— Ah, Rose. — Ele a olhou nos olhos. — Você sabe que eu adoro quando você fala docemente para mim.

A garganta dela pareceu fechar-se com essas palavras. Ela sentiu-se rouca, quase doente. O coração dela estava batendo com força e a cabeça parecia leve. Mas não estava doente; Queria mais dele.

Isso era o problema. Ele lhe contou que o seu entusiasmo era contagiante.

A falta de inocência dele era uma praga furiosa e ela estava infectada. O menor olhar na direcção dele lhe causava uma emoção interna — o flash dos seus olhos, um vislumbre do seu pulso, quando um dos punhos da sua camisa era puxado para cima. A visão dele deu-lhe ideias e ela não precisava estar tendo *ideias* sobre ele.

Uma vez que colocou na cabeça que ele podia fazer coisas com ela, não conseguia evitar de imaginar que tipo de coisas ele lhe faria. Beijos, e não apenas nos lábios ou

na mão, mas no pescoço, no pulso interno, acima do cotovelo. Talvez ele a acariciasse, também — lento, lânguido, pelo corpo inteiro. Não tinha que seduzi-la; Estava fazendo todo o trabalho de sedução por conta própria.

— Venha, Sr. Shaughnessy — ela disse rapidamente. — Tenho certeza de que você sonha com coisas mais importantes do que ouvir-me divagar. Não quero ser um obstáculo no seu caminho para melhorar os seus conhecimentos. — Ela olhou para baixo. — Gostei — um pouco demais — de passar este tempo com você. Mas, eu acho que vai ser melhor, se o nosso tempo juntos terminar.

Ele a ouviu em silêncio. Seus lábios compactados em uma linha quase com raiva, e ele desviou o olhar.

— Aqui — ela disse. — Elaborei alguns... alguns problemas de trabalho. Alguns paralelos. — Ela, na verdade, se engasgou enquanto falava, como se ela fosse chorar com a matemática.

Melhor assim. Melhor chorar sobre matemática do que por causa de um homem, especialmente um ladino como este. Ele mal tinha tentado seduzi-la e ela estava olhando para os seus dedos, esperando que ele, talvez, lhe fizesse um sinal para se aproximar... e temendo que, se ele o fizesse, ela viria correndo.

Ele pegou a folha dela e começou a trabalhar.

— Você sabe — ele disse — ontem à noite, percebi que você estava-me concedendo uma honra quando me deixou

usar sua régua de cálculo. Obrigado.

Ele não parecia estar tirando sarro dela. Ela o olhou com desconfiança.

— Eu não sonho com mais e melhor — disse ele, fazendo a sua primeira notação na página. — Eu te disse: Sou espantosamente simples. Não há nenhum grande projeto em que eu esteja trabalhando.

— Você é um romancista. E um colunista. Não há nada simples sobre você.

— Sim — ele disse. — Sou extremamente inteligente e extremamente ousado. Mas isso não me torna extremamente desonesto.

— Mas você deve ter tido algum plano para ter conseguido subir tanto.

Ele sorriu.

— Vou te mostrar o meu planejamento. Quando eu tinha quinze anos, percebi que era um católico irlandês pobre na Inglaterra, um país com um excesso de pobres irlandeses católicos. Minha única verdadeira habilidade era um talento para chocar os outros. Assim, eu tive de escolher entre esconder a minha única fonte de gênio para ganhar a vida da forma mais servil ou ser ousado e chocar todos e esperar pelo melhor. — Ele encolheu os ombros. — Aqui estou eu. Para os próximos anos, devo ser popular o suficiente para obter mil libras por livro do meu editor. No momento que essa popularidade desaparecer — e a capacidade do público para qualquer tipo de

indignação sempre desaparece — eu vou ter o suficiente para não me importar. Vê? Não há nenhum grande plano. Sem sonhos meteóricos. Apenas um desagrado por trabalhos manuais e um talento para irritar os outros. — Ela fungou.

— Você, por outro lado...

Ela balançou a cabeça.

— Não estamos falando de mim.

— Você, eu aposto, não sonha sonhos tímidos. Você anda com a cabeça nas nuvens.

— Oh, não. As nuvens estão na troposfera. Meus pensamentos estão bem além da mesosfera.

— Precisamente. Então, me diga, senhorita Sweetly. O que é que *você* vê para si mesma, depois de correr comigo? Qual é o seu grande plano?

Atrás deles, a Sra. Barnstable mudou uma página em sua máquina de escrever. Rose corou e desviou o olhar. — Não há nenhum grande plano. Meu pai está no quadro dos *Times africanos*. Foi sua missão, nas últimas décadas, procurar a elevação da raça. Já patrocinaram um número de estudantes de medicina no trabalho, a partir de Africanus Horton. — Ela não conseguia olhá-lo nos olhos. — Patrícia, minha irmã, — casou-se com um dos alunos. Conheceram-se durante o jantar, olharam-se... e isso foi o fim de tudo. Todos esperam que eu vá casar-me com um dos dois alunos que estão para chegar no próximo ano. — Rose traçou uma videira na saia dela. — Suponho que eu

também espero isso.

— E, é isso, que você quer? — Ele perguntou em voz baixa. — Casar-se com um estudante de medicina com uma bolsa? Ter os seus filhos e cuidar da sua casa?

— Eu não sou contra o casamento. E sim, eu gostaria de crianças. — Ela ainda não conseguia olhar para ele.

— Seu marido deixará você passar os seus dias em computação? Vai você ouvir falar de paralaxe e o trânsito de Vênus? Ou, ele espera que você se resigne, até a sua régua de cálculo ficar velha, deformada e empoeirada?

O queixo dela subiu. — Como você acha que eu conheci o Dr. Barnstable? Ele também faz parte do Conselho dos *Times africanos* — ele estava colocado na cidade do cabo e não gostou de algumas das coisas que ele viu. Ouviu sobre esse talento ridículo que eu tinha, e a próxima coisa que eu sabia, ele estava implorando a meu pai para me deixar trabalhar com ele. Eu sei, de fato, que há homens neste mundo que permitirão que uma mulher tenha os seus interesses.

— Verdade. Mas irão adora-la pelos seus interesses? Onde os outros vêem números e gráficos, você vê um universo vasto e poderoso. Você pode ver o rosto do cosmos em algumas luzes a dançar. Você não devia trocar as estrelas no céu por um lar, casamento e bebês.

Ela soltou um suspiro trêmulo.

— Eu admito — ele disse, — demorei mais do que um olhar durante o jantar. Demorei cinco ou seis olhares. Mas

então, não vejo a 5 trilhões de quilómetros de distância.

O coração dela estava batendo fortemente. — Sr. Shaughnessy.

— Eu sou um sujeito inteligente, — ele continuou. — Eu sei que não sou o que o seu coração deseja. Sou demasiado ultrajante, demasiado fútil para ser o tipo de homem que você sonha.

Ela não podia falar. Não ousava contar-lhe o que ela realmente desejava. Se ela o fizesse, ele iria usá-lo contra ela.

A Sra. Barnstable, alheia a esta troca inteira de palavras, puxou a última página da sua máquina.

— Senhorita Sweetly, eu vou levar estas até Dr. Barnstable, se estiver tudo bem com você.

Não. Rose tinha de dizer não. Ela não poderia ficar sozinha com o Sr. Shaughnessy, nem mais um minuto. Especialmente, não agora.

— Claro, Sra. Barnstable, — ela se ouviu dizer.

— Sei que não sou o desejo do seu coração, — ele disse novamente, em voz baixa, logo que a Sra. Barnstable deixou a sala — mas ainda posso dar-lhe o que o seu coração deseja.

Ela olhou para cima. — O que sabe do desejo do meu coração?

Olhar os olhos dele foi um erro. Ele deu-lhe um sorriso — não um sorriso suave, matreiro, nem um sorriso inteligente que insinuasse sedução. Era um sorriso

caloroso e acolhedor — do tipo que a fez pensar que ela tinha chegado a para casa.

— Eu sei o que você quer. É visível em você.

Ela o queria, por mais impossível e ousado que ele fosse. Ela queria que ele a amasse, lhe fosse fiel. Apesar de saber que era pedir demais.

— Isso é visível? — Ela perguntou em voz baixa.

— Sim. — Ele deu-lhe um aceno com a cabeça. — Senhorita Sweetly, por favor — peço que aceite o que vou lhe dizer.

Seu coração batia.

Ele levantou-se. Ela olhou freneticamente ao redor da sala — mas com Sra. Barnstable fora da sala, não havia ninguém para ver. Ninguém o veria vindo em sua direção. Ninguém iria detectar o olhar em seus olhos, a luz brilhante, que a congelou no lugar dela.

Ele ajoelhou diante dela. Ela não conseguia pensar, não podia imaginar o que dizer ou como dizer isso. Ele realmente não a pediria em casamento — agora não, *nunca* e mesmo que ele o fizesse, certamente, ele não queria dizer isso. Homens prometiam o tempo todo coisas para mulheres como ela e era mentira o tempo todo.

Mas a coisa que ele tirou de seu bolso não era um anel. Era um bocado de papel-cartão, impresso com uma borda decorativa. Ele lhe entregou; Ela aceitou. Estampadas na frente, estavam as palavras *admissão para um*. Abaixo disso, havia apenas um endereço.

— O que é isto? — Ela perguntou, confusa.

— Isto? — Ele sorriu presunçosamente, como se ele tivesse feito algo muito inteligente. — É o desejo do seu coração, senhorita Sweetly, um bilhete para uma melhor visualização em toda a Greenwich do trânsito de Vênus. Cortesia de... bem, de *mim*.

Se alguém perguntasse a Rose sobre as coisas que ela queria, observar o trânsito de Vênus certamente estaria na lista dela. Não o primeiro item de lá, nem o segundo... mas no topo da lista, no entanto.

Mas não foi o pensamento de astronomia que a fez arfar. Foi o fato dele o ter obtido como um presente. Foi o presente mais cuidadoso e gentil, que ela já tinha recebido. E ele tinha sido o único a pensar nisso.

— É uma visão muito exclusiva — ele disse — de um dos pontos mais altos em Greenwich. Será um ponto muito alto e não haverá um fogo na sala de observação para aquecê-la, assim, leve isso em consideração quando se vestir.

Havia uma coisa errada com isso. — As pessoas vão falar se eu chegar em um evento como este com você.

— Ah. — Seus olhos brilharam. — É uma reunião muito exclusiva. Garanto que ninguém vai falar de você. Ninguém mesmo. Quanto a mim? Prometo não a importunar.

Seria interessante ver o trânsito de Vênus com um punhado de pessoas que ela não sabia. Delicioso, mesmo.



Mas o desejo do seu coração, mesmo se fosse só por uma tarde...

...era para tê-lo, verdadeiramente, cuidando dela. Podia ser temporário. Podia ser tolo. Mas se ele teve este trabalho todo por ela, ela era mais do que um mero capricho para ele.

*Ele está a seduzir-te*, ela disse a si mesma.

*Só um pouco*, ela pediu em troca. *Só um pouco e depois disso, eu não vou arriscar-me mais*.

— Oh, muito bem — ela disse. Mas quando ela o olhou nos olhos, ela não conseguia parar de sorrir.

Céus, ela era uma idiota.

ELA ERA UMA TOLA, Rose disse a mesma, pela vigésima vez, em poucas horas. Ela tinha discutido com ela mesma, desde que o Sr. Shaughnessy tinha dado o seu convite.

Silenciosamente, tinha argumentado consigo mesma, enquanto dizia à sua irmã que estaria em casa no dia seguinte não mais tarde do que as quatro horas e meia, porque iria observar um evento astronômico. Tinha argumentado com ela durante todo seus cálculos na manhã seguinte. Discutiu com ela agora, às 13h horas e meia enquanto se dirigia para o endereço do cartão que ele lhe tinha dado.

Ela sabia o que o Sr. Shaughnessy era; Sabia que não devia aceitar um convite para qualquer evento com ele, não importa o quanto sedutor fosse. Realmente devia ter

insistido em trazer uma acompanhante — por que ela não pensou nisso antes?

Ah. Porque era uma idiota.

Mas, toda a vez que disse a si mesma que era uma tola, também se lembrou do que ele disse. *Você não sonha sonhos tímidos.*

O endereço que ele lhe deu não era longe do Observatório Real; erguia-se sobre o mesmo terreno elevado. Ela se perguntava, despreocupadamente, se um dos conhecidos do Dr. Barnstable estaria presente nesta festa de visualização.

Ele havia prometido que as pessoas não falaria, mas poderia ele saber? Como poderia detê-los?

Havia uma parte dela, muito à superfície, que sonhava que ele estava apaixonado por ela. Essa parte dela pensava que, não importa quão diferentes podiam parecer em comparação com os outros, eles se dão bem. Ela podia vê-los caber na vida um do outro tão confortavelmente. Ele morava perto do Observatório Real; Ela poderia continuar a lá ir no período da manhã. Na parte da tarde, eles podiam andar juntos, e ele poderia falar-lhe sobre o seu trabalho para ver se era necessário fazer uma mudança nele. E à noite...

Foi onde tudo se quebrou. Ela não conseguia imaginar muito bem as noites deles sozinhos. Mas sempre que tentou imaginar-se saindo na companhia dele, lembrava-se de quem ela era e como seria recebida.

*Você não sonha sonhos tímidos.*

Ela não *queria* sonhar sonhos tímidos. Ela apenas sabia a verdade: não pertencia em sua esfera, e as mulheres como ela não eram convidadas a casar-se com homens como ele. A única maneira de ter um homem como ele, era se ele a seduzisse. Eles não conseguiam lidar um com o outro muito bem sozinhos. Foi só quando ela imaginou... Ah, ninguém ao redor deles, que tudo ficou claro para ela.

O endereço que tinha situava-se na colina de Crooms. Quando estava quase lá, percebeu que ele não lhe tinha dado um endereço de um telhado para visualizar em uma casa privada de grandes dimensões; havia apenas um lugar alto o suficiente para a visualização do trânsito de Vênus.

Aquele lugar era uma igreja. Não era uma qualquer igreja, mas uma Igreja Católica Romana — um lugar que ela tinha passado muitas vezes mas nunca tinha entrado. Se ele foi convidado para ver o trânsito de Vênus lá, ele devia ir lá regularmente — as vezes suficientes para eles o conhecerem e convidarem para este evento.

De alguma forma, esse pensamento parecia totalmente incompatível com o Sr. Shaughnessy que ela conhecia. O Sr. Shaughnessy que ela conhecia era ultrajante, ousado. Tomou parte em todos os tipos de atos imorais. Ele escreveu colunas insinuando sobre coisas que Patrícia se recusou a explicar, e que ela teve que tentar descobrir o melhor que conseguiu por conta própria. E, isso não era

nada comparado, com a fofoca que o associava a mulher atrás de mulher.

Era impossível pensar nele como um praticante regular desta igreja.

E, mesmo ainda, ele a convidou. Ela chegou perto do gracioso edifício com telhado em ardósia e pedra de Caen. Uma alta torre feria o seu caminho até aos céus, terminando em uma cruz.

Mesmo o Sr. Shaughnessy não iria seduzi-la em uma igreja.

Ou iria?

Ela olhava a igreja com algum desânimo, quando chegou às portas da frente e caminhou para o lado dela. — Aí está você — ele disse.

— Aqui estou — ela ouviu-se repetindo. — Mas você fez a promessa de não me importunar, não é?

— Ah, mas tenho certeza que já determinou a lacuna existente nisso. — Ele piscou para ela —. Eu nunca disse nada sobre o que você podia fazer para mim. Venha comigo.

Ele não a levou para a capela-mor. Ela viu, de relance, uma estátua de mármore de uma senhora, um navio de ouro ao lado dela, antes de ele a ter conduzido para as traseiras.

— Sr. Shaughnessy, — ela disse, opondo resistência. — Onde vamos?

— Até à torre, claro — ele disse. — Nós subiremos ao

cimo da torre.

Ele parou em frente de uma porta de madeira e tirou um anel de chave.

— Onde você conseguiu isso?

A porta abriu-se para uma escadaria em pedra escura.

— O Padre Wineheart — ele disse. — Ele gosta de mim.

Ela não teve nada a dizer sobre isso. Havia algo estranho sobre isso, algo terrivelmente estranho aquela escada escura...

— Sr. Shaughnessy, — ela disse, — você quer me dizer que não há ninguém assistindo o trânsito de Vênus com a gente? Ninguém aqui?

Ele parou, levantando uma sobrancelha para ela.

— Eu avisei que era muito exclusivo, e que ninguém iria falar.

Ela achou que ele queria dizer que a festa era discreta. Talvez ela não tivesse ficado muito tempo a pensar no que ele disse. Talvez isso tivesse sido propositado. Ela *era* uma idiota. Se ela tivesse mais sobre isso, ela saberia. E se ela tivesse sabido — apesar de parecer uma tola agora — ela não teria vindo.

— Sr. Shaughnessy — ela colocou as mãos em seus quadris. — Presumi que iria haver mais pessoas conosco, que eu não ia ficar sozinha com você ao anoitecer. Seria terrivelmente impróprio para mim continuar com... isto.

Ele pausou e olhou para ela. Por um momento, seu nariz

se enrugou. Ela desejou saber o que ele estava pensando. Ela quase queria que ele a seduzisse, que a convencesse a subir com ele. Ela podia imaginar o desenrolar da coisa toda. *Como* os audazes fazem as mulheres perder a cabeça? Champanhe? Licor Madeira?

Ele iria oferecer-lhe um copo. Ela iria...

Bolas para tudo. Ela diria que não. Mas, se ela deixasse isso acontecer agora — se ela o deixasse levá-la sozinha em uma torre escura — ela deixaria acontecer isso uma segunda vez e depois uma terceira. Talvez a quarta vez, ela diria sim para o copo de licor Madeira. Pela quinta vez, seria mais audaz. Ela sabia como os audazes seduziam as mulheres, e ela sabia que ela estava mais do que meio caminho disso. Ela tinha prometido a si mesma que ela só ia até aqui e não mais... e se ela não cumprisse essa promessa, mais valia desistir e ceder.

Ela engoliu em seco e desviou o olhar.

— Desculpe-me. Lamento muito. Mas não posso ir sozinha com você em uma torre abandonada.

— Ah, Rose.

Não. Ele não podia pedir-lhe nada. Ele iria quebrá-la.

— Nem mesmo para o trânsito de Vênus — ela disse. A voz dela quebrou.

Mas, quando ela olhou para ele, ele não estava olhando para ela, suplicante. Ele estava olhando para ela com outra expressão no rosto — uma que ela não conseguia entender.

Ela não queria entender. — Seria melhor eu ir. — Ela virou-se para fazer isso.

— Espere. Rose.

Contra o que lhe dizia a sua cabeça, ela parou. Sabia que não devia. Sabia que ele iria fazê-la rir, que ele iria colocá-la à vontade. Ele mal tinha que convencê-la; Ela queria ser convencida tão desesperadamente.

Ele deu um passo em sua direção, e então outro, de pé tão perto, que ele podia colocar os dedos no seu queixo. Ela podia sentir-se abrindo para ele, os seus olhos brilhando para ele. Ele podia beijá-la aqui, perto da capela-mor, e ela iria deixá-lo.

Mas ele não fez isso. Em vez disso, ele disse, sua voz baixa. — Você acha que eu faria isso com você?

— Não acho que você tivesse que se esforçar muito. — Ela já estava a tentar convencer-se sem qualquer esforço da parte dele para isso. Ela só precisava ficar quieta, manter a distância. Ela podia ver o trânsito; Então, ela iria descer as escadas, e ninguém saberia. Se ela nunca fizesse isto de novo...

Não. Esse tipo de pensamento foi o que levou mulheres como ela a acabarem arruinadas.

O olhar dele escorregou até os lábios dela.

— Isso não é o que eu quis dizer. — Ele inalou bruscamente e, então, estendeu o chaveiro. — Bem, então. Abre a porta para o pináculo com esta pequena chave aqui.

Ela piscou para ele na confusão.

— Você tem 12 minutos até que o trânsito começar. Há muitos degraus grandes, mas se você se apressar, não deve ser um problema. Há uma excelente vista sobre o rio quando chegar à torre.

Ela balançou a cabeça. — O que está dizendo?

— Este é um raro evento astronômico, — ele lhe disse. — Não vai acontecer novamente até o ano de 2004. Você acha que eu deixaria você perdê-lo? Se não pode ir comigo, vá sozinha. — Ele inclinou-se contra a parede. — Eu vou esperar aqui. Eu preciso entregar as chaves ao Padre Wineheart quando você terminar.

— Você realmente não vai vir?

— Eu não acabei de dizer isso? Vá. Despacha-te. Você não quer perdê-lo.

Deu-lhe um aperto nas mãos, pressionando-a através da porta para a escada escura. Ela começou a subir. A escada estava fria e tinha um pouco de mofo, mas ela não podia pensar nisso.

Ela tinha vindo, esperando que ele fosse cansar cada defesa sua — e esperando, quase, que ele pudesse ter sucesso.

E... ele nem tentou nada com ela. Sem piadas. Ele não tinha dito nada quando ela recuou. Ele só lhe tinha entregado as chaves e lhe disse para ela ir. Ele não tentou seduzi-la e, se ele tivesse o menor esforço, ele poderia tê-la. Ela sabia muito bem. E o Sr. Shaughnessy, o homem



real, especialista que ele era na fêmea humana, devia saber disso também.

Era quase como se ele se importasse com o que ela queria. Ela foi para o patamar mais alto na torre da escada. As suas pernas já estavam um pouco quentes do esforço; o ar ao seu redor tornou-se mais frio. Podia ver, através da pequena janela retangular, o rio e o sol mergulhando preguiçosamente no céu. As nuvens sobre Londres, que estavam longe dela, ameaçavam escurecer o céu, mas elas não estariam aqui a tempo de bloquear a sua visão do evento. Pegou o anel com as chaves, encontrou a chave de cobre e a colocou, com relutância, na porta que dava a torre.

Oito minutos até que o trânsito começasse. Oito minutos até que ela ficasse a vê-lo sozinha, com o coração dela agitado pela altura a que estava.

Rose inalou. E então — estupidamente — ela começou a descer as escadas, lentamente no início e depois mais rápido e mais rápido, até que os sapatos dela batiam fortemente contra as escadas, descendo dois e, em seguida, três degraus de cada vez. Quando atingiu o patamar final, ela estava indo tão rápido que seus dedos deslizavam contra a pedra lisa. Ela levantou as mãos para impedir o choque contra uma parede e começou a descer as escadas, de novo, bem depressa.

Saiu pela pequena porta de madeira. Ele estava sentado em um banco nas proximidades. Tinha um pequeno livro

nas mãos e estava lendo.

— Stephen. — Ela nunca o chamou pelo nome cristão antes e não tivera a intenção de o fazer agora. Tinha simplesmente escapado.

Ele olhou para cima. Ela não sabia porque tinha voltado. Não, até que viu o seu rosto. Ele a olhou. Seus olhos se arregalaram e sorriu, um sorriso lindo e brilhante que parecia lançar luz ao longo do corredor escuro. Ela sentiu um sorriso em resposta ao dele propagando-se timidamente no rosto dela.

— Rose — ele disse. — O que ainda fazes aqui? Há um trânsito prestes a começar.

— Não posso vê-lo sem você — ela disse. — Não vou gostar de o ver sozinha.

Ele olhou para ela.

— Venha, — ela disse. — Despacha-te. Se eu perder isto por sua causa...

Ele ficou parado. E depois, muito lentamente, com um sorriso cada vez maior, veio em sua direcção.

# Capítulo cinco



ROSE FOI MUITO RÁPIDA. Ia à frente de Stephen, voando pelas escadas acima. Quando ele entrou na escada da torre, viu apenas um redemoinho de saias quando Rose virou no patamar à frente dele. Foi atrás dela, a sua mente um redemoinho de confusão.

Ela parou no meio do caminho até o próximo lance curto das escadas e virou-se para ele. Seus olhos brilhavam por estar a subir as escadas depressa e, então, ela chegou-se para perto dele, estendendo a sua mão.

— Bem? — Ela disse. — Venha.

Ele parou. Por um momento, não sabia o que ela pretendia. Lentamente, escalou os degraus que os separavam até que ficou logo abaixo dela. Desta forma, ficou ao nível dos olhos dela.

Ele estendeu a mão, palma acima.

Ela aceitou, colocando a sua mão por cima da dele. — Despacha-te — ela disse.

Então, ela começou a andar, de novo, depressa. Ele estava a correr pelas escadas ao lado dela, mãos dadas. Ela tinha um sorriso no rosto. Os dedos dela apertaram os dele, e ele apertou-os de volta.

Eles estavam no topo da torre. Ela se atrapalhou com as chaves quando abriu a porta final. As escadas eram difíceis de escalar até a torre. Havia uma escada de madeira, subindo para uma plataforma final.

— Suba rapidamente — ela disse-lhe.

Ele fez isso. Podia senti-la na escada atrás dele, mesmo que não pudesse vê-la — sentia-a na vibração da escada, sentia-a em seus nervos formigando.

Ele chegou ao cimo, subiu na plataforma, agachou-se e estendeu-lhe a mão. Ela a pegou e ele ajudou-a a subir na plataforma.

Havia duas janelas na torre. Uma virada para nordeste; a outra — onde ele tinha passado toda a manhã a configurar o aparelho para observar o evento — estava virada para sul e oeste. Ela deixou cair a sua mão, inalando, e foi para a janela onde estava o aparelho.

— Sr Shaughnessy. — Sua voz tremeu. — Você fez isto?

Ele tinha que falar com Barnstable sobre como gerenciar esta situação.

— Bem. Sim. Eu fiz.

Não se podia olhar o sol diretamente, não sem o risco de causar danos aos olhos. Mas com a lente do telescópio apropriada, era possível observar-se o sol.

— Você montou um telescópio de Teodolito completo na janela. Como você conseguiu... — Ela acenou com a cabeça em admiração. — Não, esqueça isso. Posso dizer

como. Ninguém que possuísse um telescópio Teodolito voluntariamente o emprestaria para você, não com o trânsito hoje. Não me diga que o comprou só para isto.

— Como quiser. — Ele sorriu. — Não te direi que eu o comprei. Mas...

Ela balançou a cabeça. — E, sem dúvida, ele foi caríssimo tendo em conta o trânsito. — Ela estendeu a mão e tocou a base dele levemente, quase reverente.

— Você tem um telescópio, senhorita Sweetly?

— Não. — Sua voz era baixa e reverente. — Não.

— Bem, então. Você quer um?

— Sim, Sr. Shaughnessy — Ela inclinou-se e colocou o seu olho na ocular. — Eu quero um, muito obrigada. Mas, ambos sabemos, que não podes dar-me este de presente para mim. É muito caro.

— Então, não vou.

— Parece uma compra extravagante da sua parte — ela disse.

Antes de ficar conhecido como o homem real, ele passou anos poupando e vivendo com pouco; Não era da sua natureza fazer gastos supérfluos. Mas, quando o lojista disse o custo do telescópio, não tinha nem pestanejado.

Ela estava extasiada. A luz da janela iluminava a sua figura, lançando um brilho dourado ao redor dela.

— Obrigado — disse ela. Ele teria comprado uma porção de telescópios só para poder ver a cara dela agora.

— Mas, comprar uma coisa para uma única utilização... Suponho que você pode vendê-lo. — Ela passava os seus dedos ansiosamente pelo tubo do telescópio.

Ele nunca tinha pretendido usá-lo só uma vez. Ela ajustou a inclinação, a cabeça curvada como uma mulher em oração.

Um dia. Um dia, ele esperava que ela olhasse para ele com metade dessa quantidade de emoção, desse contentamento. Um dia, ele iria fazê-la sentir-se só um pouco sem fôlego.

Hoje, apesar de...

— Não entendo você — ela disse, ainda. Perscrutando o telescópio — Certamente depois de passar por todo o trabalho e as despesas de o montar, você espera algum retorno do seu investimento.

— Ah, já tive um retorno — ele disse, indiferente.

Ela olhou para dele.

— Eu te disse, — ele disse. — Eu só quero dar-lhe o desejo do seu coração. — Seus olhos se encontraram, o momento se alongando.

Ela olhou para trás. — Deve estar na altura do evento.

Ele não falou. Podia ver seu entusiasmo no bater dos seus dedos com a luva contra o escopo do telescópio, na sua respiração agitada. — Está começando — disse ela.

Em algum lugar, um relógio soou 02:00.

— Vem cá —. Ela apontou para ele.

— Não quero tomar seu tempo...

Ela fez um barulho impaciente. — Nunca mais vai acontecer em nossas vidas, e você não quer vê-lo? Não seja ridículo.

O telescópio, equipado com um filtro solar, mostrava a imagem do sol claramente — um brilhante disco do tamanho de seis centavos. Uma mancha escura, um pequeno ponto preto, tinha começado a aparecer na borda do sol.

Ele nunca tinha estado tão perto dela. Ele cheirava a fragrância doce de rosas e de outra coisa que não conseguia identificar, algo atraente e encantador. O ombro dela roçou o seu. Se ele se virasse para ela agora...

Ele iria distraí-la, e ela nunca o perdoaria. — Quanto tempo isto vai durar?

— Até o sol se pôr depois das quatro horas ou as nuvens taparem o sol.

— Bem. Então, talvez possamos nos revezar a olhar pelo telescópio para o sol — Ele fez um gesto para ela voltar a olhar pelo telescópio.

Ela voltou a colocar o seu olho na ocular do telescópio. Mas, depois de alguns momentos de olhar pela ocular, ela falou novamente. — Como conseguiu convencer o padre Wineheart a deixar você configurar tudo isso?

— Ele gosta de mim, — disse Stephen. — Apesar dele ouvir as minhas confissões — que devo admitir são chocantes — ele gosta de mim.

— Não foi isso o que quis dizer. Porque ele

concordou?

— Pela mesma razão que dei a Barnstable. Eu disse-lhe que estava escrevendo um livro sobre um astrônomo, que eu precisava de um pouco de experiência. — Stephen encolheu os ombros.

Ela endireitou-se e olhou para ele. — Quando vai dizer-lhe que você estava usando isso como desculpa para tentar seduzir uma mulher? Não acho que um homem de batina, não importa a sua denominação, iria concordar com uma ideia dessas. — Suas palavras eram severas, mas o tom dela era leve e provocante.

— Eu já te disse. Eu não estou tentando seduzi-la. — Mas ele não podia deixar de sorrir. — Se isso acontecer, será um efeito colateral feliz.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Mas ele vai descobrir isso quando ouvir a minha próxima confissão.

Ela balançou a cabeça e inclinou-se mais uma vez. — Não posso fazer o que você faz, você sabe.

— O que eu faço?

Ela acenou uma mão — um movimento com a mão muito geral — que ele entendeu como *Não quero dizer, e agradecia se você, sem qualquer esforço mais, percebesse o que eu quero dizer.*

— Quer dizer que você não conseguiria escrever romances?

Ela bufou.



— Que você não conseguiria escrever as minhas colunas? Tem razão, senhorita Sweetly. Acho que é um pouco demasiado séria para eles.

— Não. Você sabe que não é isso o que quero dizer. Quero dizer, como você... faz as coisas que faz com as mulheres, e não se apaixona?

— Ah.

Ele se afastou dela e olhou pela janela. O sol era um ouro sombrio. A olho nu, ele não podia ver nenhum indício de que algo extraordinário estava a acontecer.

— Isso é fácil de responder. A primeira vez que aconteceu, eu apaixonei-me...

Ela olhou do telescópio para ele.

— Eu tinha 19 anos, que, segundo alguns, é um pouco tarde para começar em tais assuntos. Mas, tinha estado focado meus estudos e, bem... — Ele encolheu os ombros. — Eu tinha começado a escrever para a *imprensa livre feminina*, e houve um evento de gala que fui convidado a participar. Eu conheci esta mulher. Ela era dez anos mais velha, viúva e absolutamente adorável. Fiquei encantado, deliciado, seduzido e, de imediato, me apaixonei. — Ele colocou as mãos nos bolsos. — Acho que demorei uma semana para propor casamento. Ela beijou-me na bochecha... e riu de mim. Você vê, eu não era o tipo de homem que se casaria com uma mulher como ela. E, ela me explicou o porquê, com grande detalhe. Eu não tinha nenhum dinheiro, nenhuma importância. Eu era irlandês e

católico. Era muito jovem e muito radical. As mulheres iriam adorar-me, ela disse — e eu poderia oferecer-lhes muita coisa — mas não devia esperar casar com elas.

Ela não tirou o olho do telescópio. — Sr. Shaughnessy, — ela disse lentamente, — isso parece-se suspeitosamente com um trauma escondido, um desgosto.

Ele soltou um suspiro. — Você está certa. É! — Ela não estava a olhar para ele, mas, ainda assim, foi intenso, colocando uma mão sobre o seu peito. — Eu *tenho um trauma secreto* — meus muitos amores anteriores. Não pode haver dor mais acentuada do que fazer amor com um grande número de mulheres — mas, magistralmente, aceitei isso como um castigo que mereço. Eu aguentei o sacrifício.

Ela balançou a cabeça. — Você nunca leva nada a sério?

— Suponho que outros homens foram feridos por isso. Mas, eu sou como um casaco de caxemira: confortável, macio e feito de um tecido que não é muito dado a enrugar-se.

— Sem rugas? Nem uma mulher lhe causou rugas?

— Além do óbvio, tudo era vantajoso para mim. Se deseja ser um nome conhecido e escandaloso na sociedade, deve-se fazer algumas coisas grandes e ultrajantes. O absinto é muito perigoso; o jogo é muito caro. Ópio é um péssimo hábito — só tem de se olhar para aqueles antros de ópio para saber-se o efeito nefasto

desta droga. Não; Se eu ia ser um ultraje, eu queria o vício mais seguro, menos caro que eu pudesse encontrar. Então, optei pelas mulheres.

Rose inalou.

— Diz que seduz as mulheres de forma calculada?

— Foi mútuo. E, eu não seduzo mulheres — pelo menos, não do jeito que quer dizer isso. A Condessa de Howder queria um caso comigo para que todos ficassem a saber que ela tinha terminado o luto e não pretendia ser um padrão do decoro. — Eu sou um ultraje e as mulheres que desejam ser ultrajantes, bem... — Ele encolheu os ombros. — Além disso, *eu gosto* das mulheres. Eu gosto muito.

Ela endireitou-se. Mas, em vez de lhe dar um sermão, como ele esperava, ela fez um gesto para o telescópio. — Venha dar uma olhada.

Ele fez isso. Era irritante não ser capaz de vê-la — não depois do que havia confessado. A mancha escura tinha começado a atravessar o disco do sol.

— Não há perigos em usar mulheres assim?

— Existem. Também há maneiras de minimizar os perigos. Tecnicamente, essas maneiras também são proibidas para mim, mas...

Uma pausa mais longa. — Confessa essas maneiras ao padre Wineheart também?

— Eu confesso todos os meus pecados.

Ele podia ouvi-la atrás dele mas, com o seu olho do

disco do sol, não conseguia vê-la. Não sabia se ela estava indignada ou interessada, se ele lhe tinha causado nojo ou se tinha conseguido acalmá-la.

— Não consigo imaginar isso. Você conta todos esses detalhes picantes ao padre Wineheart e, por sua vez, ele permite que você coloque um telescópio na sua torre.

— Só comecei a frequentar esta paróquia há três meses atrás, Rose. — Ele encolheu os ombros. — Conhecia quase no primeiro dia que eu cheguei aqui. Não tive nada para confessar desde esse momento.

Ela inalou atrás dele, soando quase chocada. — Nada?

— Nada além de luxúria, coisa que ele espera de um homem da minha idade. — Endireitou-se, gesticulando para ela voltar a olhar para o sol. — É melhor ver isto Rose. As nuvens estão chegando — eu odiaria que você perdesse este evento.

Ela encarou os olhos dele por um longo instante. Ele não sabia o que ela estava vendo, não sabia o que estava pensando. Ela se dobrou para baixo.

Teve que ajustar o telescópio, mais uma vez, para acompanhar o sol em sua descida. Não disse nada por um tempo mas, ele podia ver as mãos, nervosamente batendo contra o tubo óptico. Sua respiração era irregular.

— Diga-me, Sr. Shaughnessy. É isso o que você esperava de mim? Me... — Ela parou brevemente, engoliu e depois continuou. — Seduzir-me e depois não se apaixonar por mim?

— Não — ele disse. — Estou cansado de ter que me lembrar que as mulheres que estão atrás de mim querem apenas uma experiência ou uma reputação e não uma vida inteira comigo. Estou cansado de me ficar segurando. Estou cansado de ter que nivelar todas as sugestões de afeto.

A respiração dele se agitou.

— Estou cansado — ele disse — de não me apaixonar.

Ela não disse nada por um longo tempo. — Eles são idiotas, — ela finalmente disse. — Uns completos idiotas, todos eles.

— Não — respondeu ele. — Eles não são. Não me costumo afeiçoar por idiotas.

— Não?

— Claro que não, — ele disse. — Por que acha que eu gosto de você mais do que todos?

Ela não disse nada. Ele podia ver as nuvens agora se aproximando, linhas escuras rastejando através do céu.

— Eu não sou ultrajante. — A voz dela era baixa. — Não quero ser ultrajante.

— Eu sei — ele disse. — E, eu me esqueci de como ser tudo, menos o homem mais flagrantemente ultrajante de sempre.

Ela soltou uma respiração. — Isto era suposto ser a última vez que te via.

— É a única coisa sensata a fazer. Nós soamos como o par mais ridículo; Eu sei que sim. Mas, não pude deixar

de pensar, Rose, se poderíamos superar esse bocado sobre o nosso início ser estranho e pudéssemos apenas pular para a parte onde me fala sobre matemática no café da manhã e eu compro telescópios para você e gastamos metade da noite a beijar-nos Ela fez um ruído irritado.

— Foi demais? Um quarto da noite a beijar-nos? — Emendou.

— Não. — Ela endireitou o telescópio. — O sol desapareceu atrás das nuvens. — Ela olhou para ele. — Perdemos tudo por agora. Talvez o tempo melhore. — Ela olhou na direcção da cidade.

Ele achou que era difícil o tempo melhorar. As nuvens estavam mais sombrias e mais longas. Rose esfregou vigorosamente as mãos enluvadas e ele percebeu que ela estava com frio.

Ele também tinha frio, as mãos e os pés estavam desconfortavelmente frios. Só não reparara no frio que sentia, porque... ele a estava olhando. Diabos, ele tinha estado a derramar o seu coração para ela, como se tivesse o hábito de agir assim. Contou-lhe que esperava casar-se com ela, e não estava certo se ela tinha notado isso.

— Um oitavo de noite a beijar-nos? — Ele olhou para ela. — Posso diminuir ainda mais, se necessário.

Ela fechou os olhos. — Stephen. — Aquela única palavra, longa e murmurada. Nem era sim nem não; Ele não sabia o que era.

— Toda vez que estou com você — ela disse — Acho

que tenho de estar alerta. Que isto é o que você faz, coloca as mulheres à vontade, fazer-nos esquecer de nós mesmos, princípio por princípio. — Ela esfregou a testa e, lentamente, abriu os olhos. A luz na torre estava a desvanecer-se enquanto ela falava e, por algum motivo, parecia que a tinha encontrado, brilhando em seus olhos, refletindo o marrom morno da pele dela. Ele pegou um fraco sorriso na boca dela.

— Então, por que é — ela disse, — que só agora notei que você veio a mim por causa de mim apenas? Você perguntou sobre o meu trabalho, os meus pensamentos, os meus desejos. Você preparou isto e, quando eu hesitei, me entregou as chaves e foi embora. Se quisesse que eu me esquecesse de mim, você não vivia me lembrando de quem eu sou.

— Rose, amor — ele disse em voz baixa, — Eu acho que você sabe por que isso acontece.

Ela inalou e espalhou as mãos contra a barriga dela. Então, bem devagar, ela caminhou mais perto dele — perto o suficiente para as suas saias tocarem as calças dele, perto o suficiente para ele a poder puxar contra si. Ela engoliu; Ele poderia ter colocado os dedos contra o oco de sua garganta e sentido a sua pulsação, tão perto ela estava.

Ela olhou nos olhos dele.

— Não quero sonhar sonhos tímidos. — Sua voz era suave, com um toque de um nervosismo nela. — Eu quero

sonhar grandes e vívidos sonhos. Eu quero sonhar que você se apaixona por mim. Que... — Ela mordeu o lábio, mas continuou. — Que eu posso ousar chegar até você, que eu não preciso temer o que o futuro traga.

Ela levantou sua mão timidamente. Ele pensou que ela ia roçar a sua bochecha. Mas, não fez isso. Em vez disso, ela pegou sua mão. Eles estavam os dois usando luvas; Ele não deveria ter sentido uma emoção com o roçar de pano em pano. Mas a sentiu, e a emoção o varreu da cabeça ao dedo do pé, fixando-se particularmente na virilha, o aqueceu no ar frio.

— Mas eu tenho medo. — A mão dela o apertou. — Você é inteligente e nunca perde a calma em torno de outros. Você é bonito e doce e ultrajante. Você poderia machucar-me tanto, e tenho medo de o deixar fazer isso.

Ele passou o polegar na mão dela.

— Querida, se você ainda não confia em mim, não há nenhuma garantia que eu possa te dar que a vá tranquilizar. Tudo o que posso fazer é continuar a não te magoar e continuar a fazer isso, até você saber que eu nunca a irei magoar.

Os seus dedos entrelaçaram-se, as suas mãos uniram-se, palma com palma. Ele ficou encantado, arrebatado. Ela soltou um suspiro muito vagaroso e, lentamente, estendeu a mão que estava livre e a colocou no ombro dele. A pele dele se arrepiou através de seu casaco, o seu corpo inteiro se enrijeceu com a proximidade dela. Ela



desenhou um dedo na clavícula dele e, depois, colocou a palma da mão horizontalmente contra o peito.

Ele não podia se mover.

— Confio em você. — A voz dela era baixa, tão baixa. — Deus sabe que não devia, mas eu confio em você.

Ela aproximou-se ainda mais, deslizando a sua mão no braço e cotovelo dele. Deu mais um passo, trazendo o seu corpo ainda mais perto dele, o ar entre eles aquecendo. Ele podia sentir o calor de sua respiração, a tensão na mão contra o peito.

— De verdade? — Stephen inclinou-se para sussurrar em seu ouvido. — Eu não posso fingir que estou apto para uma mulher decente — mas se a pergunta é se eu vou-te machucar? Não, Rose. Nunca. Eu te adoro.

Ela deu outro passo e baixou a cabeça dela como se não o quisesse olhar nos seus olhos. Mas, a sua mão deslizou ao redor do ombro, puxando-o contra o corpo dela.

Frio? Não estava frio na torre. Como ele foi idiota em pensar que estava frio. O ar parecia quase quente em torno deles. Todo o seu corpo estava ganhando vida com ela contra ele. Ele pôs o braço à volta dela — e isso pareceu justo, já que ela estava pressionando-se contra ele. E, ou era isso, ou era segurá-la desajeitadamente de lado. Mas, ela não protestou. Em vez disso, colocou testa contra seu peito. A mão dele escorregou de suas costas; o braço dele veio ao redor do ombro dela.

Ela levantou a cabeça. Eles estavam respirando pesadamente.

— Eu não acho que deveria ter-te tocado — ela disse tremendo. — É, é....

— É bom — A voz dele saiu como cascalho.

— É muito bom.

— Fica ainda mais agradável.

Ela inclinou-se contra ele. — Como isso é possível?

— Ah, bem. Prometi não te importunar ou você descobriria isso. Se eu te tivesse importunado, isto poderia ser um pouco menos casto.

— Casto? — Ela soltou um suspiro trêmulo. — Não é casto. É totalmente arbitrário.

— Em uma escala de lascívia que varia de... — Ele fez uma pausa, tentando pensar em uma analogia apropriada. — De multiplicação a parallaxes astronômicos, — ele disse — abraçar alguém que te interessa totalmente vestido está ao nível do arco tangente.

— Oh, Céus. E eu já estou tão superaquecida.

Uma onda de seu próprio calor passou sobre ele, e ele gemeu, puxando-a mais perto. — Deus, querida. Você está me matando.

Ela estendeu a mão timidamente e os dedos dela tocaram a sua bochecha. Ele ficou quieto.

— Talvez eu possa matar-te um pouco mais? — Ela sussurrou.

— Por favor, — respondeu ele, incapaz de se mover. —

Mate-me agora.

A respiração dele parou. Não podia fazer nada a não ser olhá-la. Ela ficou no lugar, as mãos nele, mantendo-se imóvel como se estivesse a reunir a coragem para seguir em frente. Então devagar, bem devagar, ela se colocou na ponta dos pés, seu peso deslocou-se; Ele podia sentir a mão dela contra o seu queixo, a sua outra mão contra o peito dele, pressionando-o cada vez mais.

Em seguida, os lábios dela roçaram os dele. Ela o estava a beijar — levemente no início, apenas deslizando os lábios contra os dele — e, em seguida, pressionando com maior firmeza. Ele colocou a sua mão contra a base da espinha dela e a beijou de volta.

Não havia nada, nada além dela, o peso em seus braços, o calor de sua respiração, o toque suave da sua boca.

— Rose — ele disse contra os lábios. — Deus, Rose. — Ele moveu-se para poder agarrá-la, para que as curvas de seu corpo pudessem deslizar contra ele.

Ela deve ter sido capaz de sentir sua ereção pressionando contra ela, deve ter sentido a tensão nos seus braços quando a abraçou forte.

Geralmente neste ponto para Stephen, as coisas evoluíam facilmente e rapidamente para além de um mero beijo casto. Mas, ele tinha prometido a Rose não a importunar — e não importa quão rápido o seu corpo respondeu — havia algo delicioso sobre a lentidão do

ritmo. Ele se deliciava com a certeza de que esta não seria a última e única vez que ele a provava. Ele podia abrandar tudo, desfrutar da acumulação elétrica do desejo, deliciar-se com cada suspiro que ela dava.

— Já ganhei um quarto da noite, senhorita Sweetly? — Ele murmurou contra seus lábios.

— Não sei. — A voz dela ainda tinha um soluço. — Preciso de um pouco de tempo para decidir.

Ela beijou-o, de novo. Ele poderia ter caído em transe ao beijá-la. Sentir os lábios dela contra os seus, despertar seu primeiro ardor roçando os lábios dela. Ele não estava certo de quando o beijo se aprofundou, de quando começou a tomar os lábios dela nos seus, de quando começou a deslizar a língua ao longo do seu lábio inferior. Ela respondeu com todo o entusiasmo que ele esperava que ela tivesse, a língua na dele, primeiro timidamente e depois mais ousadamente. Perdeu-se na sensação dela. O espaço ao redor deles aqueceu ao ponto do local mais próximo da janela embaçar-se com condensação.

Ele limpou a janela, verificou se as nuvens ainda estavam tapando o sol — e, então, começou a beijá-la novamente.

Em algum momento, simplesmente perdeu a cabeça. As mãos dela tinham começado a acariciá-lo e ele tinha, também, tocado os seus seios — que se ajustavam, tão bem, na palma da mão. Um beijo foi uma coisa; correndo o polegar ao longo do decote do vestido dela, desfazendo

os botões até ao meio dos seios, deslizando-o para baixo e depois inclinando e mordiscando... era outra coisa inteiramente. Uma coisa linda, deliciosa, maravilhosa. Ela tinha um sabor doce.

Talvez isso fosse a sua imaginação. Talvez ele apenas pensasse assim porque ela estava a fazer os ruídos mais cativantes, meio gemido no fundo da garganta, meio ronronar. Ele deixou a sua outra mão cair, colocando-a na junção das coxas sobre as saias.

Ela não fez nenhum barulho de protesto, não quando ele empurrou com força, não quando ele apertou mão enrolada contra ela, esfregando—a em um círculo lento. Ele levou o seu tempo nisso, tirando a mão e depois pressionando, se afastando e depois voltando, até que ela estava quase tão desesperada quanto ele, até que os seus quadris estavam pressionando contra a mão dele, até que ela estava-se desfazendo contra ele. Ele sentiu o orgasmo dela passar através dela, os seus membros tremendo. Foi uma quase elétrica sensação para ele, também, vendo os olhos dela tremer e se fecharem, vendo ela se dar a ele.

A sua respiração desacelerou depois. Ela abriu os olhos e olhou para ele.

— Metade da noite, você acha? — Ele deu-lhe um sorriso longo e lento.

Foi quando ele percebeu que a escuridão tinha caído enquanto eles se beijavam. Da janela, ele podia ver alguns raios iniciais de escuridão, caindo no chão, pouco visível

nas lâmpadas da rua abaixo. Ele não sabia quanto tempo estavam envolvidos com tais formalidades.

— Rose? — Ele disse. — Você...? — Mas, ele não sabia o que dizer além disso. *Você está apaixonada por mim?* Parecia muito cedo. As outras palavras que ele queria dizer — *toque-me aqui, faça isso para mim* — eram muito descaradas. Ela ainda estava atordoada, insegura de si mesma, e ligeiramente instável nos pés dela.

Ela ainda não tinha dito nada.

— Bem, então. — Ele tocou com o seu polegar a testa dela, deslizando-o para baixo para a ponte do nariz. — Bem. Isso resolve tudo.

— Resolve o quê? — Estas foram as primeiras palavras que ela tinha falado em Deus sabia quanto tempo. Ele não conseguia decifrar o tom da voz dela.

— Precisamos de mais eventos astronômicos — ele disse. — Porque eu não vou esperar até o ano de 2004, para fazer isto de novo.

# Capítulo seis



ELE SABIA QUE ERA UM ERRO assim que as palavras saíram da boca dele. Assim que se ouviu falar e percebeu que soou como um convite para um encontro amoroso com ele ao invés de uma oferta para passar a vida com ele. Ela endireitou-se e afastou-se dele.

— Rose. — Ele aproximou-se dela.

Ela afastou a mão dele. — Não. Por favor, não.

— Rose. Desculpa. Foi uma piada.

— Eu sei que é uma piada. — Sua voz tremeu. — Claro que é uma piada. É sempre uma piada para você.

Ela agarrou o seu manto do chão, encontrou as suas luvas na escuridão.

— Rose.

Ele não tinha sido capaz de decifrar a voz dela antes? Ele não tinha estado a ouvir com a atenção necessária antes, de certeza. Agora que abriu a boca cedo demais e falou um pouco demais... Agora, podia ouvir a dor em sua voz.

— Rose. Querida. Eu nunca quis te magoar. Você sabe disso. Você deve saber que...

Ela pegou as suas luvas. — Eu sei disso. Stephen, eu... — A voz dela caiu. — Deve saber como me sinto sobre

você. Mas, acho que não entendeu. Isto não é fácil para mim, e você não está fazendo isso mais fácil. Eu quero confiar em você. Estou tentando confiar em você. Confiar em suas intenções. — A voz dela caiu. — Não confio em seus resultados.

— Rose.

Ela acenou com a cabeça. — Já é tarde. Eu prometi a minha irmã que estaria em casa logo depois das quatro, e quem sabe agora que horas são. Tenho que ir.

— Rose.

— Obrigada. — Ela engoliu. — Por trazer-me aqui e comprar um telescópio.

— Pelo menos, deixe-me acompanhá-la — Acho que você já passou bastante tempo comigo. Por favor, Stephen. Disse a mim mesma que não o faria — e olhe para mim. Preciso de pensar.

Ele se afastou para trás, sentindo-se como se tivesse sido socado. Mas, calou a sua resposta afiada. A machucaria primeiro, depois de tudo. Iria falar com ela quando a picada das palavras inoportunas dele tivesse desaparecido, quando estivesse se sentindo mais no controle — menos vulnerável e mais no controle.

Ela balançou descendo a escada. Ele mal podia vê-la descendo na escuridão.

— Cuidado — ele disse, em voz baixa.

Ela não disse nada em resposta, não por muito tempo. Mas, ele ouviu ela chegar ao topo da torre. Ela não se



mexeu durante um longo tempo. Ele perguntava-se se estava a olhar para ele, se podia vê-lo na escuridão. Se perguntava o que ela estava pensando.

— Eu deveria ter tido cuidado há horas atrás — ela disse. — É um pouco tarde para isso.

A CASA DE ROSE NÃO ESTAVA ESCURA quando Rose voltou; as lâmpadas no piso inferior estavam todas acesas. Rose podia ver uma silhueta contra a janela da frente, movendo-se.

Olhou inquieta para o relógio. Agora eram... quem sabia quanto tempo depois das seis?

A porta não estava trancada. Seu estômago doeu quando mexeu na maçaneta da porta, mas começou a abrir-se logo e entrou na luz.

— *Agora.* — A voz de Patrícia estava rouca e desgastada.

Levou a Rose um momento, ali, piscando na luz ofuscante, para entender que a sua irmã não estava falando com ela. Patrícia sentou-se no sofá com um roupão. As mãos dela estavam nos joelhos; Ela fez uma careta enquanto falava, enrijecendo o seu corpo inteiro.

O Dr. Chillingsworth estava sentado em uma cadeira em frente dela, olhando para um relógio.

Rose podia ver a tensão no rosto da irmã, os dentes cerrados, o fraco brilho de suor em suas têmporas. Rose estava quieta, não tendo a certeza de que a estava observando.

O médico, no entanto, levantou uma sobranceira impressionada.

— Realmente, Sra. Wells — disse, de forma reprovadora. — Você acha que pode falsificar uma contração e convencer-me?

As mãos de Patrícia agarraram os seus joelhos. — Falsificar? Eu não mentiria sobre uma coisa dessas.

Chillingsworth ouviu isto com um aceno de sua mão. — Então, exagerar. A moagem proeminente dos dentes, o baixo ruído em sua garganta. Senhora Wells, você é esposa de um médico. Não fica bem comportar-se desta maneira — Chillingsworth levantou-se. — Não há nenhuma dilatação do colo do útero; a, ah, *contrações*, como você as chama, não parecem particularmente intensas. E o bebê ainda não se virou. Você tem, pelo menos, três semanas pela minha estimativa. Este é um falso trabalho de parto mais uma vez, Sra. Wells. Tente dormir e fazer um esforço para não me incomodar com trivialidades até verdadeiramente ser a sua vez.

A cara de Patrícia era uma máscara. Rose adiantou-se, todo o calor subindo para a sua cabeça.

— Doutor Chillingsworth, a minha irmã *não*...

Patrícia interrompeu essa defesa com uma rápida agitação da cabeça dela.

— Obrigada por me receber, doutor. Estou muito grata a você por tranquilizar os meus medos. Agora que explicou o que devo esperar, terei a certeza de não

incomodá-lo novamente até à hora certa.

— Veja bem isso, para não me incomodar. — Chillingsworth passou uma mão pelo cabelo e olhou para seu relógio de bolso mais uma vez. — Bem no meio do jantar — ele murmurou. Ele deixou cair o disco de ouro no bolso do colete e recolheu o saco dele.

Patrícia não disse nada até depois que ele saiu. Por falar nisso, ela não disse nada assim que ele saiu. Ela, simplesmente, sentou-se no sofá a olhar para Rose, enquanto Rose ficou no lugar, com medo de falar.

— Fiquei frenética — Patrícia finalmente disse. — Esperando por você vir para casa. Eu temia que algo tivesse acontecido. Procurei por toda parte, já passei no Observatório, e disseram-me que você não estava lá. Eu estava tão desesperada e, então, pensei que minhas contrações tinham começado.

Não importa quais eram as intenções de Stephen. Não importa o que ele queria. Não importa quão doce ou suave ele tinha sido. Isso não importava quanto ela o amava, o quanto ela ainda desejava correr de volta para a torre e cair em seus braços.

Ele não a tinha feito esquecer-se de si; Ela só tinha esquecido a irmã dela.

Rose entrou e sentou-se na cadeira que o médico tinha desocupado. — Eu sinto muito, Patrícia. Mas o trânsito de Vênus...

— Não seria visível após o pôr do sol, — disse

Patrícia. — Ou com as nuvens que apareceram. Eu *te ouço*. O que você esteve fazendo?

— Eu sei que parece mau, mas — Isso *é* mau. Eu sou responsável por você, e você desapareceu debaixo do meu nariz. Está passando do pôr do sol, isto não parece bom, Rose. Por favor, me diga que você estava com Dr. e Sra. Barnstable o tempo todo, celebrando... seja o que for que os astrônomos comemoram.

Rose engoliu. — Hum.

— Por favor, diga-me que o Sr. Shaughnessy não estava com você.

Ah, ela podia ver agora. Patrícia estava certa. Não só *parece* mau. Era mau. Ela iria mentir para a irmã para o resto da sua vida? Diga a ela que você ia casar com um homem que se comporta desta forma? O seu pai tinha poupado e trabalhado tão duro para conseguir uma medida mínima de gentileza. Ela estava para desistir tão facilmente?

Rose examinou os seus dedos.

— Eu.... — Ela engoliu. — Eu não te disse que tenho estado a ensinar-lhe métodos de calcular as distâncias astronômicas?

Os olhos de Patrícia arregalaram-se.

— Não. Você sabe muito bem que não mencionou nada.

— Ele montou um telescópio na torre da igreja. Então, pude observar o trânsito.

— Juntos? — Rose assentiu com a cabeça.

— Sozinhos? — Outro aceno. Rose sentiu as bochechas queimarem com a mortificação.

— Ele machucou você? — Patrícia exigiu.

— Não. Ele não faria isso. — Não da maneira que Patrícia pensava, de qualquer maneira. — E não me olhe assim, não sei o que pensa dele, mas ele não me machucaria. — Ele dizia-lhe que ela era linda e brilhante. Ele disse que gostava dela. Mas, no final, era sempre a isto que se chegava, se alguém descobrisse que ele a estava perseguindo, eles instantaneamente pensariam o pior.

— Oh, Rose. O que vou fazer com você?

— Como eu deveria saber? — Rose perguntou amargamente. — Não sei o que fazer comigo, também.

Patrícia não hesitou. Ela estendeu as mãos dela. Rose foi até ela e envolveu os seus braços ao redor dela.

— Às vezes — disse Rose, — Eu posso fazer-me lembrar que vivemos em mundos diferentes, ele vive no dele e eu no meu. Outras vezes, acho que vivemos no mesmo lugar, um mundo, muito melhor, porque ele está lá. Acho que eu poderia apaixonar-me por ele, se apenas me atrevesse. — Ela engoliu. — Mas só consigo atrever-me a fazer algumas coisas. — Sua voz era grossa. — E agora, ao ousar fazer isto... Deixei-te.

— Oh, Rose. Não se preocupe comigo.

Assim era a Patrícia, insistir que ela não precisava de nada para si mesma.

— Como posso não me preocupar? Eu prometi ao doutor Wells que estaria aqui por você, e eu não estava.

— Shh. Você está aqui agora. E eu entendo. Hipoteticamente falando, eu poderia ter estado disposta a sair à noite para ver Isaac, quando tinha a tua idade.

Rose sorriu. — Porquê, Patrícia? Nós *estamos* a falar hipoteticamente, não estamos?

— Oh, shhh. Então, diga-se que é realisticamente falando, também. Só... não se encontre com um homem sozinho à noite, a menos que você tenha a certeza que ele vai casar com você.

Rose suspirou.

— E, ahh, mesmo assim... Não deixe as coisas chegarem longe demais.

— O que quer dizer com isso? — Rose perguntou inocentemente.

Inocentemente demais, aparentemente, porque Patrícia deu-lhe uma bofetada no ombro. — Atrevida. Você não é tão ingênua. Se você sente vontade de adormecer depois, já fez demais.

— Oh, querida. Sinto-me com vontade de adormecer agora — Rose disse-lhe, fechando os olhos.

Patrícia disse severamente — Afago com a sua irmã não conta. *Não sinto inveja da sua virtude.* Agora, tudo o que quero fazer neste momento é dormir. Use o penico e durma.

— Que indelicado.

— Quem pensa que as mulheres são delicadas nunca esteve grávida... ou então se esqueceu do tempo em que esteve grávida por puro horror.

Rose deu um ronco. Por um longo tempo, elas não disseram nada. Rose deu as mãos a sua irmã, colocou a sua cabeça contra o ombro da Patrícia, e descansou. Ela quase podia fingir que elas ainda eram jovens, que ela era uma criança, e que a Patrícia não era muito mais velha e que ela estava, mais uma vez, a adormecer ao som do ritmo cardíaco da irmã dela.

Mas elas não eram crianças. Rose tinha vinte anos. Sua irmã estava grávida, e ela tinha que cuidar dela. Ela achava que nada a faria esquecer disso... mas ela subestimou Stephen Shaughnessy durante muito tempo.

Ele fê-la pensar que isto tudo seria fácil — que tudo o que ela tinha que fazer era ama-lo e, então, todos os seus problemas desapareceriam. No entanto, os problemas não desapareceram. Eles multiplicaram-se: os seus problemas com os dela. Tudo o que ele podia fazer era o que ele conseguiu fazer esta noite: ele poderia fazer Rose esquecer-se o tempo suficiente para um perigo real surgir.

Rose enterrou a cabeça no ombro da irmã dela.

— Peço desculpa — ela disse. — Eu nunca vou deixar você se preocupar assim novamente. Eu prometo.

— Eu sei.

Depois de um longo tempo, as mãos de Patrícia apertaram os ombros dela — não com força mas por

muito tempo — cinco segundos e, em seguida, dez. Rose virou-se e olhou para ela. A respiração da irmã estava irregular; o seu queixo estava apertado. Porém, Patrícia acabou por relaxar e olhou para o relógio. — Quarenta e sete minutos — ela disse, calmamente. — As contrações estão a ocorrer com um intervalo de quarenta e sete minutos.

— Você teve outra contração? — Rose sentou-se ainda mais direita. — Temos de ir buscar...

Patrícia abanou a cabeça.

— Falsas contrações, lembra? O Doutor Chillingsworth esteve aqui.

— Mas...

— Mesmo se elas forem reais — Patrícia disse, — o que eu duvido — ainda estão com intervalo de quarenta e sete minutos. Elas têm de vir com intervalos muito mais pequenos antes do parto. Nós podemos ir buscá-lo nessa altura.



# Capítulo sete



ROSE ESPERAVA VER o Sr. Shaughnessy na sua caminhada até ao Observatório na manhã seguinte, mas ela não o encontrou. Ela se perguntava todos os dias se ele iria aparecer, pedindo outra lição — uma desculpa, claro — mas não esperava que ele hesitasse em inventar uma desculpa para vê-la mas, cada vez que se abria a porta, não era ele.

Estava começando a pensar que os seus medos não eram disparatados — que tudo o que ele queria era seduzi-la, que ele nunca quis mais nada — quando o encontrou a caminho de casa. Ela o viu, o seu cachecol balançando ao vento, as mãos nos bolsos. Ele caminhava ao longo da calçada, o seu rosto solene. Ela não sabia o que dizer a ele.

Ele avistou-a e deu uma pequena sacudidela de cabeça — não de negação, pela tensão que parecia deixá-lo — parecia até aliviado.

Ele veio até ela — Rose. — Sua voz era baixa. — Antes que você diga que não me quer ouvir, deixe-me ser o mais claro possível. Eu te amo. Eu te amei por meses e não quero ficar sem você. Quero casar com você. Quero comprar-lhe telescópios. Quero que você seja a mãe dos

meus bebês. Eu quero você, Rose. Você e só você.

Ah, como doía ouvir estas palavras. Ela suspeitava que elas eram verdadeiras, mesmo que parte dela tivesse dificuldade em acreditar nelas.

— Eu te amo — ele disse. — Não falei diretamente ontem à noite, e eu devia ter falado. Eu te amo. Case comigo.

— Nossa. — Ela deu-lhe um sorriso triste. — Já pensou em tudo o que isto significa? Dada a sua reputação, será um escândalo terrível se — quando — você se casar. Todos pensarão que o pior de mim.

— No início. Todavia, isso vai passar — ele disse com confiança.

— Stephen. *Pense*. Já pensou o que significaria para nós termos filhos?

Seus olhos amoleceram. — Pensei muito nisso.

— Não, sua besta. Não me refiro ao ato de os fazer. Já pensou sobre o que significaria ter filhos pretos, irlandeses e católicos?

Ele piscou, lentamente, e franziu a testa. Realmente não tinha pensado nisso.

— Você disseme que só no início da nossa relação é que seria desagradável e difícil — ela disse. — Mas não será assim. Vai ser difícil no meio, mais e mais. Vai ser difícil no final. Nunca vai *parar de* ser difícil e a única razão porque você não pensou nisso é porque não considerou essa possibilidade. Em algum momento,

Stephen, você vai perceber que isto não é uma brincadeira.

Ele esticou as suas mãos. — Talvez. Mas não estou preocupado, Rose. Não é da minha natureza preocupar-me com o futuro. As coisas acontecem como elas têm de acontecer.

— Sim e, daqui a quatro anos, você vai perceber que se meteu numa situação complicada. Vai descobrir que a nossa relação não é só beijos e telescópios. Aprecio as suas boas intenções, Sr. Shaughnessy — mas acho que você não está falando a sério.

Ele estendeu as mãos.

— Não sou uma pessoa ponderada e sóbria, Rose. Mas eu *estou* falando sério sobre você. Eu sei quem sou e como me sinto — e não vou dar o fora, simplesmente porque as coisas podem ficar difíceis. Eu não me preocupo com o futuro, não porque sou cego a ele, mas porque não vejo utilidade em me preocupar.

— Não vê a vantagem em preocupar-se! Como você pode preocupar-se com o futuro se nem sequer se incomoda em pensar sobre o que o casamento implicaria para mim? — Suas mãos estavam tremendo. — Como pode você dizer que me ama e querer casar-se comigo, quando você nem considerou o que isso significa?

— Pelo menos, eu disse que queria casar-me e que a amo — ele surtou. — Você não disse o que quer e gostaria que você o fizesse. Não é que ache que será muito difícil

para mim. Acha é que vai ser muito difícil para você.

— Minha vida vai ser difícil não importa quem case comigo. — Ela levantou o queixo. — É por isso que eu preciso encontrar alguém que leve isto a sério.

Ele inclinou-se na direcção dela. — Isso mesmo. Agora, você está dizendo o que você quer. Finalmente. Se quer um homem que leva as coisas a sério, não me quer.

Ela abriu a boca para negá-lo... e então calou-se. O seu coração estava-se partindo. Ela *o queria*. Ela queria o seu riso, as suas terríveis piadas sobre matemática. Ela queria que ele lhe desse a chave para a torre e lhe dissesse para subir sozinha. Ela queria as suas mãos experientes sobre ela, persuadindo-a, seduzindo-a, enquanto ele lhe sussurrava em seu ouvido. Ela queria tudo sobre ele... exceto ele.

— Você não me faz esquecer de mim mesma. — Ela fechou os olhos. — Mas você faz esquecer-me da pessoa que eu tenho que ser. Você não precisa de uma bigorna, Stephen. Você *é* a bigorna. E está certo; Não podemos nos casar.

Os lábios dele afinaram-se. Olhou para os olhos dela, os olhos dele estavam selvagens e ferozes. E, então, ele virou a cabeça e sacudi os ombros. — Que assim seja. Eu sou um sujeito divertido sem profundidades ocultas. Há sempre alguma razão porque não sou adequado. Não me preocupo com isso. — Endireitou-se e lançou-lhe um olhar. — Eu nunca faço.

— Stephen...

Ele balançou a cabeça. — Diga-me se mudar de ideias, Rose. Eu não vou alterar o que disse. Posso ser frívolo — mas não sou infiel, e não sou inconstante.

— Stephen.

Ela não sabia o que dizer para além disso. Estendeu a mão e pegou a mão dele com a sua. Ela não conseguia falar, não sabia o que podia dizer. Apenas apertou os dedos, não querendo deixar ir. Não sendo capaz de segurar-se.

— Tenha cuidado, Rose, — ele disse, com um aceno de cabeça. E, então, estava tirando a mão da dela.

O polegar dele roçou o dela brevemente — mas era um calor tão temporário como a presença dele na vida dela. Ele sorriu-lhe.

— Se você me encontrar — ele disse, — fale docemente comigo. — E, ele tocou o seu chapéu, e saiu.

ROSE FECHOU A PORTA atrás dela. As suas mãos estavam a tremer; Ela sentiu-se mal do estômago. Mas, tinha feito isso. Tinha cortado laços com Stephen Shaughnessy — e tinha sobrevivido a isso. Ela olhou sobre a entrada e franziu a testa.

A casa estava escura. O sol ainda não se tinha posto, mas era quase noite. Não havia nenhuma luz no quarto da frente, na sala de jantar, na despensa.

Ela franziu a testa e chamou.

— Patrícia?

Uma porta abriu-se lá em cima. Poucos momentos depois, a Sra. Josephs pôs a cabeça sobre o parapeito.

— A sua irmã não está se sentindo bem, senhorita Sweetly.

Rose franziu a testa. — Ela viu o médico?

— Não desde ontem à noite — disse a mulher mais velha. — Ela diz que é falso trabalho de parto de novo. Não queria incomodá-lo.

Rose sentiu um poço de mau agouro aberto no estômago dela. — Ele não disse que as dores de falso trabalho de parto devem parar? Como pode ela ter certeza de que é falso trabalho de parto e não outra coisa?

A Sra. Josephs abanou a cabeça. — Nunca fui abençoada com uma criança, senhorita Sweetly, não sei nada sobre isso.

Rose, abanou a cabeça e, então, cuidadosamente subiu as escadas. O quarto da irmã dela estava escuro, mas Patrícia não estava na cama. Ela estava andando, fazendo um padrão com o número oito, na passadeira.

— Rose —. Patrícia olhou para cima quando a porta se abriu. — Você está de volta. Não se preocupe; Vou sentir-me bem em breve. Na verdade, não me sinto tão mal agora. — Ela conseguiu um honroso sorriso.

— Deve-se deitar?

— Sinto-me melhor andando.

— O que está errado?

— Nada realmente — disse Patrícia. — Mais daquelas

dores de falso trabalho de parto, isso é tudo. E, elas não vêm particularmente rápidas — estão com um intervalo entre elas de apenas vinte e três minutos.

Rose sentiu dedos frios agarrarem o coração dela. — Você ainda está tendo dores do parto? Elas vêm todos os dias? Elas estão ficando mais juntas?

— Dores de parto *falsas*. — Mas, Patrícia soou como estivesse se tentando convencer-se a si própria. — É muito cedo para o trabalho de parto real. Eu... enviei outra nota para o médico Chillingsworth ao meio-dia, e ele respondeu que eu não tinha nada com que me preocupar pela minha descrição, que a única coisa que precisava fazer era acalmar-me.

— Não gosto do médico Chillingsworth — Rose disse apaixonadamente.

Patrícia disse-lhe: — Ele deixa-me um pouco desconfortável, também — disse, simpática e delicada como sempre. — Mas não quero incomodá-lo com uma trivialidade. Se o fizer, talvez ele não venha quando for urgente. Então, por agora... — Patrícia sorriu. — Está a apenas cinco minutos de distância, menos se Josephs for rápido. Não está fazendo-me nenhum dano esta espera. E, se eu prefiro andar, não pode ser ruim, pode?

Rosa achou que não devia assustar a sua irmã, não importando que o seu coração batesse rápido ou os cenários que a sua imaginação inventasse.

— Não, claro que não — disse Rose. — Você vai-se

sentir melhor amanhã, sem dúvida. Por agora, quer que eu ande com você?

— Sim. Isso seria adorável.

Rose pegou a mão da irmã e passeou com ela ao longo do tapete. Os passos de Patrícia estavam lentos e hesitantes, mas a sua voz era tão acolhedora como sempre.

— Teve um bom dia hoje?

Rose hesitou. Ela podia falar em seus cálculos, sobre a história que a Sra. Barnstable havia lhe contado. Mas, Patrícia veria através de seu humor falso, em um momento. Ela já estava olhando para Rose com uma carranca no rosto.

— Eu disse ao Sr. Shaughnessy que não podia vê-lo por mais tempo, — Rose disse rapidamente.

— Oh, Rose. Eu sei que tinha de fazer isso — mas eu sinto por você.

Rose abanou a cabeça. — É o melhor, realmente. Mas...

— Mas você gosta dele, de qualquer forma, mesmo que ele seja complicado.

— Mas quem me dera eu fosse outra pessoa — Rose ouviu-se dizer em vez disso. — Alguém que não tem que pensar tanto sobre casar com um sujeito ultrajante sem arriscar nada.

— Casar? — Patrícia virou a cabeça para olhar para Rose. — Ele não falou em casamento, falou?

Elas fizeram outro circuito do tapete, os pés dela caindo sobre flores, antes de Rose sentir-se pronta para



responder. Rose disse suavemente — Ele falou.

— Você duvida da sua fidelidade futura?

Ela deveria duvidar. Toda a Inglaterra duvidaria da sua fidelidade futura — todos, menos ela.

— Não —, disse Rose, sua voz à beira da ruptura. — Não, não é isso. Mas, eu estaria em todos os jornais de fofocas. Eles zombam do papai por ele estar no comércio. E, isso seria apenas o começo. Seria difícil. Cada dia seria difícil, e ele simplesmente não admite quão difícil seria.

— Oh, Rose. — A mão de Patrícia apertou a dela —. Eu te amo. Mas, às vezes, você tem que fazer o que mais quer na vida. Você não pode esconder-se de tudo.

— Eu não *me escondi* — Rose disse, picada.

Patrícia não falou por um momento. Rose pensou nos seus cadernos, em suas colunas de números. Ela pensou no trânsito de Vênus, dela abaixando a cabeça e insistindo que nunca seria anexada a uma viagem científica.

*Não é que você ache que isto vai ser muito difícil para mim. Vai ser muito difícil para você.*

— Eu não *me escondo* — disse ela, mais devagar desta vez.

— Você esconde-se. Um pouco. E, é assim, desde que era pequena. É porque papai quebrou com o avô há tantos anos atrás, sabe.

— O quê?

— Quando o pai se mudou para Londres de Liverpool?

Não foi só para abrir aquela primeira loja de importação. Foi porque ele não gostava do que o avô estava fazendo com você — colocando-a em exposição, tendo de fazer o seu truque com a cesta na frente das multidões. *Não era tímida antes disso. Depois disso...* Papai queria parar, mas o avô dizia que isso trazia clientes. — Patrícia deu de ombros.

— Então, papai e mamãe partiram.

Rose engoliu. Ela não tinha percebido que tinham partido por causa dela. Ela tinha pensado... Bem, ela era muito jovem para pensar em razões para isso. Ela, simplesmente, tinha pensado que os seus pais queriam ser independentes.

Tudo o que conseguia lembrar-se, quando eles se mudaram, era um sentimento de alegria — que podia parar de sentir vergonha da melhor parte de si mesma, que podia sentar-se e deleitar-se com seu talento, sem todos com os olhos nela. Ela parou de pertencer a outras pessoas.

Sempre tinha pensado que a partida tinha sido um acidente feliz. Não foi; tinha sido um presente de seus pais.

— Então, eu me preocupo com você, às vezes. — Patrícia apertou a mão dela.

— Preocupa-me muito, na verdade, que se feche em um escritório tranquilo com nada mais do que apenas os números para fazer-lhe companhia.

— Não são apenas números — disse Rose. — Eu gosto de astronomia. É emocionante. E sinto-me tão... segura. Nada mais por milhões de quilômetros.

Mas, não se sentiu sozinha, ontem à noite. Ontem à noite, quando ela pegou a mão dele e o beijou, ela sentiu-se corajosa. Não teve medo que o mundo se iria rir dela, não com ele ao seu lado.

Patrícia apertou a mão dela novamente mas, desta vez, em um aperto forte demorado. Foi só quando ela parou de andar que Rose percebeu que não pretendia dar-lhe um gesto reconfortante; Ela estava tendo outra contração.

— Patrícia — disse Rose, quando ela finalmente afrouxou o aperto — Acho que deveríamos chamar o médico.

# Capítulo oito



ROSE SUSTEVE A RESPIRAÇÃO quando o médico Chillingsworth franziu a testa. Josephs tinha levado horas para encontrá-lo; Ele estava com outro paciente quando Josephs o encontrou. O médico tinha vindo com relutância; Ele parecia cansado agora, sua pálpebra esquerda inclinando-se assimetricamente. Ele acendeu as luzes todas e apalpou a barriga da Patrícia com uma indiferença clínica.

— Trinta e sete semanas — ele disse, com um aceno de sua cabeça. — Trinta e sete semanas, se tanto. O bebê ainda não se virou, ainda está de cabeça para cima. Não há ainda nenhuma dilatação. Sra. Wells, ainda não é o seu tempo.

Pelo menos, ele estava falando com a Patrícia agora. Não que ele tivesse alguma escolha; Sr. Josephs não tinha subido para o quarto.

— Mas, eu estou a ter contrações — disse Patrícia. — Contrações regulares, cada vez mais perto umas das outras. O tempo entre elas diminuiu de quarenta e cinco minutos ontem à noite, para 19 minutos agora.

Chillingsworth olhou para a Patrícia. Ele soltou um suspiro longo, longo.

— E ainda assim está... *enganada*. Há um grande número de mudanças que ocorrem no corpo humano durante um período de gravidez. Sem dúvida, você está com gases.

— Gases —. Patrícia pareceu chocada. — Não. Não é gás.

— Seu marido está ausente — disse Chillingsworth — e, sem dúvida, você está a precisar de atenção. Tenho observado isso, muitas vezes, em mulheres em seu estado. Mas, você está preocupando-se desnecessariamente e, sem dúvida, causando mais mal do que bem. Tenha certeza que não é a sua hora. Não preciso mais desse drama de você. — Ele balançou a cabeça. — Eu teria um pouco mais de paciência com as palhaçadas de uma nova mãe — mas, chamaram-me aqui às onze horas da noite, após um dia extremamente exigente. Por favor, mostre um pouco de consideração pelos outros, Sra. Wells.

Ele guardou as coisas dele. Os lábios de Patrícia tinham diminuído consideravelmente porque as estava a apertar com força; as mãos dela estavam cerradas. Ela não falava uma palavra e Rose não podia culpá-la.

Dramática? Procurando atenção? *A irmã dela*? Não havia uma chance no mundo disso ser verdade. Patrícia nunca tinha feito nada para chamar a atenção para si mesma.

Rose queria falar com o homem e colocá-lo no seu lugar.

Mas, Patrícia simplesmente disse — Sim, doutor. Desculpe tê-lo incomodado.

Se a Patrícia não queria criar confusão, Rose a respeitaria. Afinal, não era assim que as coisas costumavam ser? Rose raramente fazia alarde por si mesma; o fato de estar a ver pessoas que ela amava serem tratadas de forma injusta é que deixou Rose com raiva. Rose sentou-se com a irmã muito tempo depois de Chillingsworth ter partido, segurando a mão da Patrícia, não dizendo uma palavra, não tentando contar os minutos que decorreram entre as contrações.

Rose adormeceu em suas roupas, tentando se convencer que as contrações não vinham cada vez mais perto e mais perto.

ROSE ACORDOU NO ESCURO, desorientada e confusa.

— Rose —. Patrícia a sacudiu, a voz dela estava um pouco irritada. — Rose, minha bolsa de água rompeu.

— Oh, meu Deus. — Rose saiu instantaneamente de seus sonhos confusos. — Oh, Deus. Eu vou acordar Josephs. Ele pode trazer o médico aqui em dez minutos.

— Sim — disse Patrícia. — Sim. Acho que agora é o melhor.

Rose desceu pela escada. Ela bateu fortemente na porta dos criados e explicou a situação. Em um instante, Josephs estava colocando as suas botas e saiu rapidamente. Rose o viu sair pela porta com uma

enxurrada selvagem de neve.

Uma torre de sino tocou duas vezes na escuridão; Rose fechou a porta e subiu as escadas para a irmã dela.

— Ele estará aqui em breve — ela disse. — A Sra. Josephs foi buscar toalhas e colocar água para ferver.

Ela acendeu o papel laminado de carvão antes de acender a lâmpada.

Patrícia tinha as mãos na barriga — Isto está acontecendo —. Ela deu um sorriso pálido a Rose. — Isto está acontecendo. É... emocionante.

*Emocionante*, Rose suspeitou que esta não foi a primeira palavra que veio à mente de Patrícia. Nem a segunda.

— Muito emocionante.

Rose não disse a outra coisa que tinha em sua mente — que trinta e sete semanas era muito cedo. O que era para acontecer, aconteceria; se a Patrícia não queria preocupar-se, Rose manteria as suas preocupações para si mesma. Tudo estaria bem. Tudo acabaria bem. E Chillingsworth estaria aqui em breve.

— Quem me dera que Isaac estivesse aqui — disse Patrícia.

Rose pensava o mesmo, e não só porque o marido da Patrícia era um médico.

— Não se preocupe — disse Rose. — Eu vou tratar bem de você. Prometi.

Cinco minutos se passaram, então dez. As contrações

de Patrícia estavam-se aproximando agora — meros minutos entre elas e, pelo rosto de Patrícia, elas estavam piorando. Quinze minutos tinham decorrido desde que Josephs partiu, quando uma terceira contração veio. Patrícia cerrou os dentes; Rose segurou os ombros dela. — Psiu, Psiu — ela sussurrou suavemente — Tudo ficará bem.

Mas, mesmo depois de passada a contração, Patrícia permaneceu como ela estava, dentes cerrados, a respiração irregular.

— Então, então — Rose disse, de forma tranquilizadora. — Você está indo tão bem. — As mãos de Patrícia escorregaram para a barriga dela mais uma vez.

— Rose?

— Sim?

— Eu acabei de pensar em uma coisa.

Rose colocou a sua mão no ombro da irmã dela.

— O que é? Eu vou tratar disso.

Patrícia soltou um suspiro trêmulo. — O bebê ainda não se virou, ainda está de cabeça para cima.

Rose olhou para a irmã em horror. Por um momento, não encontrou quaisquer palavras de conforto para dizer. Cada fragmento de conversa, todas as histórias que ela tinha ouvido do que poderia acontecer em trabalho de parto, flutuavam na sua mente.

Ela controlou-se.

— Não se preocupe — ela disse. — Chillingsworth



estará aqui em breve. Vivemos em tempos modernos. Há muita coisa que pode ser feita. Tenho certeza disso. Não se preocupe.

Enquanto ela falava, abriu-se a porta abaixo.

Era um sinal de medo o pensamento de que Chillingsworth — Chillingsworth arrogante, rude e frio — a animasse cada vez mais. — Então — ela disse tranquilizadora. — Ele está aqui agora. Imagino que ele atrasou-se por causa da neve.

Ouviram-se barulhos na entrada, seguidos por passos subindo as escadas.

— Você vê? — Rose disse à irmã dela. — Deve ser...

A porta abriu-se para o Sr. Josephs. Por um segundo, Rose esperou, olhando-o em silêncio absoluto. Ela levou esse segundo para entender que algo estava errado — que os passos que ela tinha ouvido eram solitários, que nenhum médico seguia o criado. O Sr. Josephs, desanimado, olhava para baixo.

— Ele não vem.

Rose piscou, tentando compreender o que tinha acabado de ser dito.

— Está com outro paciente?

— Não — Josephs disse. — Ele está em casa. Ele apenas recusa-se a vir aqui Rose sentiu toda a esperança drenar-se lentamente dela.

Patrícia apertou a mão dela.

— O que isso significa?

Josephs abanou a cabeça. A coisa que não disse — bem — Rose podia ouvir isso ecoando bem alto. Chillingsworth, referindo-se a irmã dela como "dramática", dizendo que ela estava "enganada" e pensando que ele era caridoso por não lhe chamar mentirosa sem rodeios.

Rose levantou-se.

— Há um mal-entendido — ela disse firmemente. — Um erro. Ele só precisa que alguém lhe explique o que está acontecendo. — É isso mesmo.

— Não contamos a Josephs que a sua bolsa estourou. Sem dúvida, quando ele souber disso, ele vai vir.

— Não, senhorita — Josephs começou a dizer. — Eu disse-lhe.

Rose levantou uma mão, parando essas palavras. Ela não podia aceitá-las. Ela tinha prometido a Patrícia que iria cuidar dela; Não podia decepcioná-la. Agora não. — Estou indo — ela disse. — Eu vou pegá-lo. Estarei de volta, Patrícia. Volto já. Sr. Josephs, peça à sua esposa para subir e sentar-se com a minha irmã. Você precisa vir comigo.

Foi uma coisa boa Rose ter adormecido na roupa dela. Só precisava encontrar meias e botas e vestir o casaco. Ela estava a enrolar um lenço sobre o pescoço quando Sr. Josephs desceu.

— Senhorita — ele disse em voz baixa. — Talvez você precise ouvir...

— Não diga. — Ela não podia ouvi-lo.

— A Sra. Walton, a parteira, ela *está fora*. É por isso que demorei tanto tempo a retornar. Eu estava procurando-a. Posso achar outra pessoa, mas o médico mais próximo está muito longe e com esta neve...

— *Não diga isso* — alertou Rose. — Se o médico mais próximo está a milhas de distância, então nós, simplesmente, temos de ir buscar o Chillingsworth. — Ela pensou no rosto da irmã torcendo-se com medo. Da irmã tentando ser corajosa quando disse que o bebê ainda não tinha dado a volta. — Nós vamos *ter* que o ir buscar.

A neve estava caindo a sério; Rose dificilmente conseguia ver mais de duas casas para baixo. As lâmpadas nas ruas eram pálidos globos brancos de luz, mal iluminando o seu caminho. Três passos na neve — agora de sete centímetros de profundidade — fez Rose perceber que ela deveria ter perdido tempo a apertar as suas botas. A neve escorregava, fria e molhada, amontoando-se contra as suas meias com cada passo que dava. Mas ela não ousava parar. Contava o tempo, não em minutos, mas pelo intervalo de tempo entre as contrações da Patrícia. Quase podia sentir o aperto da mão da irmã nela quando correu na rua.

Levou duas contrações para chegar em casa do Chillingsworth. Ela bateu na porta. Na sua mente, podia ver a irmã dela sorrindo corajosamente, tentando colocar um rosto animado e tranquilizador.

*Não*, Rose disse a mesma. Ia ficar tudo bem. Iria fazer tudo certo.

Finalmente, abriu-se a porta. Os olhos de Chillingsworth caíram sobre Rose; à luz bruxuleante do poste do lado de fora, ela podia ver suas narinas se agitarem.

— Por favor — disse Rose. — A bolsa de água da minha irmã estourou. O bebê está chegando agora. Ainda não deu a volta...

— Claro que o bebê ainda não se virou, ainda não está pronto para nascer — o médico disse numa voz fria. — Não é ainda o seu tempo.

— Não, é. É absolutamente o tempo dele. Ela está em trabalho de parto agora, doutor Chillingsworth, verdadeiramente em trabalho de parto. Não pode haver nenhuma dúvida...

— E quantos nascimentos você presidiu?

— Nenhum, mas...

— Você viu a bolsa de água estourar?

— Não, mas a nossa criada estava a limpar — Senhorita Sweetly, passei dez anos num posto naval nas Índias. Enquanto eu estava lá, vi uma centena de mulheres como a sua irmã e deixe-me dizer, nunca vi um conjunto mais dramático de hipocondríacas mentirosas do que aquele. Fui até a sua irmã duas vezes nas últimas vinte e quatro horas. Eu não irei até ela novamente.

— Mas...

— Vou esperar por ver a Sra. Wells às sete da manhã, que é muito mais cedo do que ela merece. Não mais cedo. Diga à sua irmã para parar com a histeria e comportar-se com alguma decência. — Rose estava chocada demais para falar.

— E, por amor de Deus, se me incomodar novamente esta noite, eu não a verei pela manhã — Doutor Willingsworth, por favor.

Ele fechou a porta na cara dela.

— Eu tentei dizer-lhe, menina. — Ao lado dela, Josephs soou pesaroso. — Eu tentei.

Ele tinha, e ela não queria ouvir. Ela não *se atreveu* a ouvir, porque não havia mais ninguém para encontrar a esta hora da noite a não ser este homem.

Este homem que passou dez anos nas Índias ocidentais. Que tinha chamado Patrícia de dramática, que a tinha acusado de falsificar a sua condição simplesmente porque ela ansiava por atenção.

*Eu vi uma centena de mulheres como a sua irmã*, ele disse. Há semanas que ela escutava Willingsworth falar. Por semanas, ela queria acreditar que quando ele dizia *as mulheres como sua irmã*, ele quisesse referir-se às mulheres que estavam grávidas com o seu primeiro filho. Mas ele não tinha incluído nos seus comentários uma declaração sobre as mulheres grávidas. Tinha falado sobre o trabalho nas Índias. *O conjunto mais dramático de mentirosas hipocondríacas que vi.*

Foi um soco no estômago. Rose inalou. O ar frio parecia uma faca afiada nos seus pulmões. Mas, ela não tinha tempo para chorar sobre isso ou a ranger os dentes com a injustiça. Ela não tinha tempo para pensar nas injustiças da vida.

No fundo da sua mente, ela ainda estava contando as contrações — e ela sabia que elas vinham cada vez mais depressa.

— Josephs — Ela estava orgulhosa de si mesma; a sua voz era firme. — Encontre alguém. Qualquer um. Por favor. Eu ...

Ela fez uma pausa. Estranho, como momentos como este, esclareciam tudo. Não havia tempo para se preocupar ou duvidar, não havia tempo para orgulho ferido por mais tempo. Não havia nada para além da irmã dela.

— Eu vou encontrar alguém que vai ajudar — disse ela.

# Capítulo nove



ALGUÉM ESTAVA BATENDO na porta de Stephen.

Foi o seu primeiro pensamento coerente ao acordar, um som forte, duro e com uma urgência que não entendeu, mas que sentiu instintivamente em seu sangue.

Ele saiu da cama, vestiu umas calças e uma camisa frouxa e desceu as escadas. Abriu a porta para uma enxurrada de neve branca, e, em um contraponto escuro, com as luzes da rua atrás dela fazendo um halo dourado sobre ela, Rose Sweetly. Ela levava um manto puxado sobre ela, mas os seus dentes estavam batendo ruidosamente.

— Rose? — Ele tinha que estar sonhando mas, por experiência, nos seus sonhos com ela, nunca estivera tão agasalhada.

— Stephen. — Ela parecia quase frenética. — Não sei o que fazer. Patrícia está em trabalho de parto, a bolsa de água dela estourou, o bebê está chegando e ainda não deu a volta, não está pronto para nascer.

— Eu vou buscar alguém.

— Não. — Ela virou a cabeça e limpou os seus olhos. — A Sra. Walton está fora em outra chamada e o Dr. Chillingsworth está... indisponível. Josephs está fora em

busca de alguém mais longe, mas não há tempo. O bebê está chegando *agora, está de cabeça para cima*, e eu não sei o que fazer.

Ele nunca a tinha visto tão perturbada. Pequenos cristais de gelo estavam colados aos seus cílios, aos cantos dos seus olhos. Eram lágrimas congeladas, ele percebeu. Os lábios dela tremiam.

— Bem — ele ouviu-se dizer. — Meu pai era chefe de estábulos. Já ajudei muitos cavalos a nascerem, alguns deles que ainda não tinham dado a volta. Não é a mesma coisa Mas ela estava à beira de entrar pânico, e precisava dele.

— Mas estou feliz por ajudar — finalizou. — Não se preocupe. Vai ficar tudo bem.

— Isso é o que eu digo para Patrícia. — Os dentes dela rangeram. — E ela está piorando em vez de melhorar.

— Bem, você vai ter que continuar a dizer isso à sua irmã — ele disse. — É o seu trabalho agora, Rose. Você continua a dizer-lhe isso - e nós vamos fazer com que isso seja verdade. Venha comigo.

Ele encontrou um par de sapatos no corredor.

— Você vai assim?

— Não adianta perder tempo. A casa da sua irmã fica apenas a duas casas da minha.

Rose assentiu com a cabeça. Estava frio lá fora, frio o suficiente para o vento cortar através do linho da camisa, frio o suficiente para drenar dele os últimos restos



remanescentes de seu cansaço. Ele a seguiu até a sua casa. Quando ela se atrapalhou com a chave, ele tirou-lha dos dedos dormentes, destrancando a porta.

— Rose — ele disse, quando ela tirou a sua capa no corredor. — A coisa mais importante é que você não deve entrar em pânico. Você é a irmã dela. Não importa se há razão para ela ter medo; Devemos fazer o nosso melhor para não assustá-la. Você está no comando. Estou aqui só para fazer piadas. Entende?

Ela fez uma pausa, olhando para ele.

Ele pôs um dedo em seu queixo. As suas mãos estavam frias, mas a pele dela estava ainda mais fria. Sem saber quanto tempo ela tinha estado lá fora procurando por alguém. Os lábios dele se separaram; por um segundo, ela olhou para ele como se esperasse um beijo. Por um segundo, ele queria dar-lhe um.

Em vez disso, ele tirou um lenço do bolso e muito gentilmente limpou os cristais de gelo de seus cílios.

— Vamos — disse calmamente. — Está tudo bem. Você pode fazer isso.

Ela deixou sair um hálito tremente. Ele estendeu a mão e pegou a mão dela. Os dedos dela estavam muito frios; Ele esfregou-os entre as palmas das mãos.

— Venha — ela disse. — Vamos.

Enquanto subia as escadas, o queixo dela ergueu-se. A sua mandíbula ficou tensa; Ele podia vê-la a ganhar determinação a cada passo que dava.

Ela entrou na sala à esquerda do pequeno corredor.

— Patrícia — ela anunciou. — Eu voltei.

Stephen entrou no quarto atrás dela. O quarto estava quente e confortável. Um fogo estalava na lareira. A Sra. Wells estava na cama, a cabeça virada para o lado. Uma mulher mais velha estava sentada em uma cadeira ao lado da cama, cuidando dela.

Ele só tinha visto a Sra. Wells adequadamente vestida. Agora, ela estava em um vestido folgado. O cabelo escuro estava preso por um lenço. Ela olhou longamente Stephen.

— Ele não é um médico — ela disse em um tom baixo.

— Não — Rose disse firmemente. — Chillingsworth... está impossibilitado de vir aqui. Patrícia, você conhece o Sr. Shaughnessy.

— Sra. Wells. — Stephen assentiu com a cabeça para ela.

— Stephen Shaughnessy. — Um sorriso apareceu nos seus lábios. — O Homem real. Nossa. Já me sinto melhor.

— O Sr. Shaughnessy ajudou em muitos nascimentos — Rose disse em uma voz de comando. — Ele vai certificar-se que tudo vai correr bem.

Stephen não tinha tanta certeza sobre isso, mas tentou parecer... bem, competente.

A Sra. Wells levantou uma sobrancelha para ele.

— Sr. Shaughnessy. Eu sabia que você era um homem real, mas não pensei que fosse tão... prolífico.

— Não eram meus filhos — ele disse.

— Oh. — Ela ponderou o que ele disse. — Então, não eram humanos, creio eu.

— Cavalos.

— Bem, então. — A Sra. Wells engoliu. — Nós vamos tentar virar o bebê?

Ele a olhou pensativamente. — Eu acho que nós não podemos fazer isso disse ele. — A esta altura do trabalho de parto? Tenho a certeza que não é possível, e se for, nenhum de nós sabe como fazê-lo.

— Se houver quaisquer complicações menores — Rose disse — O Sr. Shaughnessy tratará delas.

— E se houver grandes complicações? — Ele podia ouvir a tensão na voz da Sra. Wells.

— Então, o nascimento vai demorar um pouco mais — Rose disse, sem dar importância a essa questão — e, quando chegar a altura de ser necessária uma maior especialização, Josephs terá voltado com outro médico.

— Sim — disse Stephen. — Então, você está em boas mãos. As melhores mãos, Sra. Wells. O seu corpo sabe o que fazer; Ele está fazendo-o neste momento. Não lute contra isso; Faça o que seu corpo diz.

— Mas o bebê ainda não deu a volta, está de cabeça para cima.

— Centenas de bebês nascem assim todos os dias — disse Stephen. — Centenas de bebês pelo mundo, muitos deles sem complicações ou mais incidentes. Vai ser um pouco mais difícil para você, mas você pode gerenciar.

Não estava a ser rápido. Rose pendurou um lençol sobre a irmã por salvaguardar a sua modéstia, enquanto as contrações chegavam mais rápido e mais rápido. A Sra. Wells começou a gritar com cada onda de passagem; Quando ela tentou bloquear os seus gemidos, Rose a incentivou.

— Grite se for preciso — disse Rose. — Você está a deixar o mundo saber que o bebê está vindo.

Stephen não sabia como ele acabou a segurar a mão da Sra. Wells. Ele nem sabia quando o quarto começou a clarear da iluminação ouro-polida vinda da lâmpada para a luz pálida da madrugada. As horas eram um borrão.

— Aí está você — disse Rose. — Os pés estão chegando. Ah, Patrícia. São os pés mais queridos.

A Sra. Wells fez um barulho que, noutras circunstâncias, seria uma risada.

— Está quase lá — disse Stephen. — Você consegue, Sra. Wells.

Ela cerrou os dentes, de novo, e soltou outro grito.

— Patrícia, é um menino.

— Aí está você — disse Stephen. — Todas as suas amigas terão ciúmes, elas têm de dar à luz os seus bebês até ao fim antes de saberem o sexo do bebê. Aqui está você, ganhando nisso.

A Sra. Wells riu disso.

— Sim — ela disse com uma agitação da cabeça.

— Certamente todos estarão com ciúmes das minhas

trinta horas de parto.

Outro empurrão; as mãos dela agarraram o braço dele com força mas nada. Quando a contração diminuiu, ela cerrou os dentes.

— Outro empurrão — ele disse-lhe.

E outro veio, e outro e outro. Pela janela, via-se o sol a nascer. A neve parou de cair; um pouco de luz brilhava nos galhos de árvores carregados com um pesado cobertor branco.

Outro impulso veio e, ele também, foi inútil. O rosto da Sra. Well brilhava de suor; os dentes cerrados em determinação.

— Rose. — Stephen fez um gesto. Ela olhou para cima — Você precisa ajudar a sua irmã no próximo empurrão.

— O quê, como faço isso, devo puxar? — Ela parecia duvidosa.

— Não. Coloque a Sra. Josephs no seu lugar. Venha aqui.

Ela levantou-se.

— Coloque a sua mão aqui — Ele fez um gesto para o abdómen. — Sinta, você deve ser capaz de encontrar a cabeça do bebê. Um grande nódulo redondo. Você conseguiu? — Ela assentiu com a cabeça.

— Bom. Em seguida, tão logo venha a próxima contração, empurre. Comece com cuidado; Depois empurre mais e mais como ela vai fazer também.

— Mas...

Stephen pegou sua mão livre. — Você pode fazer isto, Rose.

Veio uma contração no momento seguinte. A Sra. Wells cerrou os dentes e soltou um gemido. Rose cerrou a mandíbula e empurrou. E então — apenas um momento mais tarde — eles ouviram um gemido muito suave.

— Oh. — A voz da Sra. Wells era rouca e desgastada. — Graças a Deus.

— Ele parece saudável. — A Sra. Josephs sentou-se na borda da cama. — Não que eu seja um especialista em bebês, mas ele está movendo-se, respirando e chorando...

— Deixe-me tê-lo.

A Sra. Josephs levantou-se. Ela pôs uma toalha de algodão branco ao redor da pele castanha escura e brilhante. Uma pequena mão socou o ar; um pé chutou para fora. Um minúsculo rosto amassado em protesto.

Stephen não era o tipo de pessoa que se encantasse por um bebê. Eles sempre pareciam estranhos e desajeitados, seres humanos que ainda não tinham idade suficiente para serem interessantes.

Mas *este* bebê podia ser a coisa mais linda que Stephen já tinha visto. Cada dedo parecia perfeitamente formado. A sala parecia banhada com luz.

— Excelente trabalho — ele ouviu-se dizer. Parecia inadequado para a ocasião.

A Sra. Wells pegou a criança, segurando-o junto a ela. Seus olhos brilhavam. Na verdade, o mundo inteiro

parecia brilhar, e Stephen encontrou-se sub-repticiamente limpando os seus próprios olhos.

Rose e a sua irmã estavam abraçadas, falando em frases mal coerentes, e Stephen percebeu que ele era um estranho.

Mal era um amigo. Definitivamente não era um familiar. Ele era apenas o homem que estava perto o suficiente para ajudar quando não havia ninguém ao redor. Ele não tinha dormido; sua presença no quarto de uma mulher era totalmente inadequada, e... e...

Ele ficou tempo suficiente para ter a certeza de que o cordão umbilical era cortado, a placenta devidamente expulsa.

Desejou poder ficar mais tempo, desejou pertencer aqui. Mas, este não era o momento para chamar atenção, não agora, quando as irmãs estavam a festejar a vitória depois de uma dura guerra. Este momento era para todos, menos para si.

Ele sorriu para as duas e então lentamente, calmamente, saiu da sala.



A SENHORA JOSEPHS DEIXOU O QUARTO para preparar um banho para a irmã dela, que tentava não adormecer com o pequeno Isaac em seus braços, quando Rose percebeu que Stephen não estava mais no quarto. Ela ausentou-se rapidamente, correu para as escadas, e

avistou-o abaixo na entrada, confuso a olhar para a porta na entrada.

— Stephen — ela chamou.

Ele virou-se, inclinando a cabeça para cima. Parecia tão cansado como ela se sentia exausta. A camisa fazia tempo que tinha perdido qualquer vestígio de elegância; estava desabotoada junto à garganta, mostrando um triângulo de pele pálida e cabelos escuros e encaracolados.

— Eu vou sair em breve — ele disse, com um pequeno sorriso. — Só agora é que percebi que estamos em plena luz do dia e, se me virem a sair da sua porta, será extraordinariamente chocante. Particularmente com este aspecto — ele gesticulou para si.

Ela seguiu o seu gesto. As mangas estavam enroladas pelos cotovelos, mostrando uma chocante e deliciosa quantidade de pele. Suas calças estavam enrugadas, o que só fez com que se notassem mais as coxas dele. Sem um casaco, o linho da camisa agarrou-se aos seus ombros, e, se ela se lembrava correctamente da fofoca, ele não tinha praticado remo em Cambridge? Parecia que ele tinha feito isso.

E, ela podia ver precisamente o que ele quis dizer. Sem sapatos; sem casaco. Seria certamente chocante.

— Oh, céus. — Rose começou a descer as escadas em direção a ele. — Oh, céus. Eu vejo o que você quer dizer. Se sair desse jeito, você vai começar um verdadeiro



motim.

Ele piscou uma vez... e depois, muito lentamente, começou a sorrir.

— Não pode sair sem que eu agradeça a sua ajuda — Ah, Rose. Não há nenhuma necessidade disso.

Ela desceu a escada. — Há necessidade, sim. Depois do que eu disse ontem...

Ouviu-se a porta fazer um barulho. Rose franziu a testa e, então, percebeu que a Sra. Josephs estava ajudando a irmã dela lá em cima e o Sr. Josephs ainda não havia retornado. Ela era a única que poderia abrir a porta e Stephen estava parado ali, em um estado chocante, com pouca roupa. Não que ela estivesse muito melhor; seu vestido estava manchado. Ele não estava apenas enrugado; Parecia como se ele tivesse estado um ano inteiro na parte de trás do guarda-roupa.

— Vá para o quarto dos fundos — disse para Stephen. — Rapidamente.

Ele piscou para ela e desapareceu.

Rose passou as suas mãos sobre o seu vestido, que não melhorou nada com isto. A causa de melhorar o seu aspecto era sem esperança e, então, ela desistiu e abriu a porta de qualquer forma.

Ela, realmente, não devia ter sido surpreendida com o homem que estava à sua frente. Ele tinha, afinal, prometido vir de manhã. Mas, à vista do doutor Chillingsworth, toda a emoção que ela havia escondido ao

longo da noite borbulhou à superfície, todo o seu medo, o seu desespero. Toda a preocupação que ela tinha engolido, até à sua última grama, voltou em uma arremetida cegante.

— Doutor Chillingsworth — ela disse, numa voz fria.

Ele olhou arrogantemente para ela.

— Estou aqui como prometido.

— Você vem tarde demais — ela ouviu-se dizer. —

Patrícia deu à luz há uma hora.

Seu rosto nem sequer piscou com esta notícia. Ele não parecia surpreso. Ele não pediu desculpas por suas palavras de ódio na noite anterior.

— Ah, sim? — Disse ele, em vez disso.

Ela sentiu as mãos apertarem-se em punhos. — Você disse que não era ainda a sua hora. — Não, não era desespero que ela sentia. Era uma fúria fria, que ameaçou oprimi-la. — Você disse que ela era uma *mentirosa hipocondríaca*.

Ele encolheu os ombros.

— Bem, havia uma possibilidade de eu me enganar, há sempre essa hipótese. Mas, achei que não haveria nenhum dano real. As mulheres da sua espécie são como vacas: quase não precisam de qualquer assistência quando soltam os seus bezerros.

Ele entrou e tirou o casaco, alheio — ou talvez apenas indiferente — para as palavras de Rose.

— Acho que vou dar uma olhada agora.

*Mentirosa hipocondríaca. As mulheres da sua espécie são como vacas.* Foi demais — foi longe, longe demais.

Ela deu um passo em direção a ele.

— Quando o doutor Wells partiu, ele pediu-me para ficar no seu lugar, para dizer-lhe toda a vez que eu ouvi o batimento cardíaco do bebê, para transmitir-lhe cada chute que senti.

Não tinha passado muito tempo desde que ela tinha segurado a mão da sua irmã, que tinha colocado as suas mãos sobre a barriga da sua irmã e empurrado a cabeça do seu filho aquele último centímetro que ele precisava para sair. Eles não precisavam deste homem — mas eles poderiam ter precisado. Ela sufocou com a ideia do que poderia ter acontecido se as coisas tivessem corrido mal. A ausência dele poderia ter significado a perda da vida do bebê. Ou de Patrícia. E para ele, isso era um assunto que não o preocupava. Ela mal conseguia pensar com a raiva que a enchia.

— Em nome do marido da minha irmã — Rose disse — isto é para você.

Assim dizendo, ela deu-lhe um soco no estômago. Ela sentiu o golpe viajar pelo seu braço, doendo da forma mais gratificante. O hálito dele estourou; Ele deu um grunhido satisfatório.

— Isto é por ela. — Rose deu-lhe um novo soco. — E isto é por *mim*. — Ela deu-lhe com o punho em sua barriga, outra vez, mas ele pegou o pulso desta vez.

— Ora, sua...

— É melhor deixá-la ir. — As palavras vieram detrás dela. Rose sentiu-se sorrir — um sorriso bonito, impossível, gratificante.

Chillingsworth congelou. Ele olhou para Stephen, que tinha vindo para a entrada. — E quem é você?

— Sou mais alto que você — disse Stephen. — Mais forte que você. Mais jovem que você. E, neste momento, estou mais nervoso do que você, também. Solte a senhorita Sweetly e saía daqui, antes que eu o segure para ela lhe poder bater de novo.

O médico largou o pulso dela. Ele recuou e, então, tremendo, tirou o casaco do gancho.

— Saia, então — disse Stephen.

Ele deu mais um passo para a frente; Chillingsworth abriu a porta rapidamente, deixando entrar um jato de ar frio, e então, tão rapidamente quanto conseguiu, desapareceu. A porta bateu atrás dele.

Rose ouvia a sua própria respiração ecoando descontroladamente na entrada. Ela tinha dado um soco a um homem. Duas vezes. E, ele o mereceu.

E Stephen...

Ela virou-se para ele. Ele estava olhando para ela com a mais intensa expressão em seu rosto, que fez todo o seu corpo vibrar da cabeça aos pés.

— Stephen. — Ela deu um passo em direção a ele. — Stephen.

Ele levantou um dedo e o colocou sobre os lábios dela.

— Não prometa nada quando as suas emoções estão descontroladas — ele disse. — Ou, quando você está exausta.

Ela estava cansada, mas ela nunca se sentira tão certa. Toda a preocupação que sentia tinha desaparecido. Não sabia quando se tornara tão consciente dos seus sentimentos. Não foi quando ele se sentou com a sua irmã. Não foi quando ele concordou em vir com ela. Talvez tenha sido quando Chillingsworths a mandou embora, quando Rose não soube a quem pedir ajuda... até que ela o conheceu. Ela tinha aprendido que a ajuda não estava afastada um milhão de quilómetros, mas na porta ao lado. Que ela só precisava esticar a mão e perguntar, e ele seria dela.

Ela soube. Tinha ido até ele e ele tinha vindo.

— Agora — ele disse — você tem um casaco que me empreste para que eu pareça respeitável o tempo suficiente para voltar para casa?

Ela sorriu-lhe. — É claro. Eu tenho tudo o que precisa.

Ela encontrou uma velha jaqueta de Isaac e um par de botas em um baú e trouxe-os. Ele estava sentado no sofá, parecendo um pouco atordoado. Sorriu para ela, parecendo cansado.

— Aqui — disse Rose. — Vamos colocar isto em você.

A roupa era muito grande para Stephen. Ele deixou Rose abotoar os botões. As mãos dela tremiam enquanto o

fazia. Ela já o tinha beijado e o deixado tocar-lhe. Mas, de alguma forma, isto parecia ainda mais íntimo, o tipo de favor que as esposas faziam aos seus maridos.

Quando ela tinha apertado o último botão, olhou-o nos olhos. Ela esperava, talvez, ver um reflexo da sua própria emoção.

Em vez disso, o seu olhar era duro e totalmente ilegível.

— Você está exausto — ela disse. Mas isso não era tudo o que via no seu olhar.

— Estou pensando. — Suas palavras saíram lentamente.

— Aqui. Vamos para casa, onde você pode descansar.

Ele não resistiu ao puxão no braço. Rose vestiu o seu casaco, abriu a porta, e olhou para baixo, para a rua. Estava vazia, exceto o manto de neve que a cobria.

— Rapidamente — disse ele — enquanto não se vê ninguém.

Ela o acompanhou. Talvez, precisasse de ter a certeza de que ele chegava em segurança; Talvez tenha sido porque ele parecia estranhamente subjugado, e ela temia que ele não estivesse a pensar com clareza. Ele abriu a sua própria porta e, então, olhou para ela.

— Você tinha razão — ele disse. — Não percebi como as coisas podem ser difíceis para você — não até agora no final.

O medo que ela tinha tentado não sentir passou através

de Rose. Ele a tinha impedido de se declarar a ele. Claro que tinha feito isso; Ele tinha visto o que Chillingsworth tinha dito e feito, tinha visto todas as indignidades que ela enfrentava, pequenas e grandes. E, claro, ele tinha mudado de ideias. Ela olhou-o, chocada.

— Os irlandeses são considerados bêbados violentos — disse ele. — Jogadores sem nenhum senso de responsabilidade e terríveis e horrendos seres humanos. Mas, pelo menos, consideram-nos seres humanos.

Rose não deixaria o seu coração partir-se. Não aqui, não na neve, não com o novo filho de sua irmã ao lado. Ela iria ficar aqui e olhar nos olhos dele. Ela iria...

Ela engasgou e olhou para baixo.

— Mas, há uma coisa que você não entende — ele disse. — Quando eu disse que te amava, não quis dizer que iria afastar-me quando percebesse como a sua vida pode ser difícil. O fato de que eu entendo como as coisas podem ser difíceis, significa que quero ficar sempre ao seu lado e tentar torná-las melhor.

Ela mal podia acreditar. Levantou o rosto para ele, o seu coração batendo.

E, então, ele sorriu para ela, e todos os seus medos levantaram voo.

— Eu te amo — ele disse. — Deixe-me comprar-te telescópios e beijar-te metade da noite. E, quando as coisas ficarem difíceis, deixe-me torná-las um pouco mais fáceis.

Ela olhou para ele. Sentia-se atordoada, totalmente desgastada. E, então, disse a primeira coisa que veio à sua mente, que era...

— Sabia que o Dr. Maro em Itália calculou a probabilidade de que a terra vai ser atingida por um asteróide em 250 milhões para um?

Ele piscou.

— Não sabia. É... relevante?

— Sim — ela ouviu-se dizer. E, então, estendeu a mão e abriu a porta e, antes que a coragem a abandonasse, ela entrou.

Ele a seguiu, coçando a cabeça, em perplexidade.

— Sim — ela disse-lhe. — É muito relevante. Você vê, é cento e sessenta vezes mais provável que a terra vá ser atingida por um asteróide do que você me seduzir. E ainda assim... — Ela engoliu, olhando para ele. — Encontro-me seduzida. Totalmente. A única explicação é que estamos prestes a perecer.

Ele olhou para ela, a sua respiração sibilando para fora.

— Rose. Querida.

— E, já que vamos morrer, de qualquer jeito... — A garganta dela estava seca.

— Pode levar-me para a cama?

Ele olhou para ela. Realmente, olhou para ela. Os olhos dele estavam escuros; uma luz dançou neles. Inclinou-se sobre ela e roçou um dedo pela sua bochecha.



— Rose — ele disse. — Eu só tenho uma pergunta.

Ela assentiu com a cabeça.

— Essa probabilidade funciona mesmo assim?

As bochechas dela queimaram e ela baixou a sua cabeça. — Não — ela gemeu, sentindo-se um pouco envergonhada. — Não. Me desculpe, eu ia dizer-te depois. E, sei que fazer isso, mentindo para o conseguir... — Ela soltou uma risadinha.

— Eu sei que não faz sentido. Mas eu te amo, e... e... acho que se quisermos fazer isso, devo aprender a ser um pouco ultrajante. — Ela engoliu. — E, em poucas horas, os meus pais estarão aqui, e quando ficarmos noivos, vão ser quatro meses antes de nós sermos deixados sozinhos, e...

— Quatro meses! Não, deixa pra lá, por enquanto. Rose, você mentiu sobre *matemática* para me levar para cama? — Ele riu-se. — Acho que nunca fui tão elogiado. — Ele pegou a mão dela. Os dedos dele eram quentes contra os dela, e o corpo todo dela ficou emocionado com o seu toque. — Venha, Rose.

Ela o seguiu, subindo as escadas.

A cama dele era de madeira maciça, coberta com uma colcha verde. Ele parou no limiar do quarto. — Você tem a certeza, Rose?

Seu coração estava batendo. — Tenho certeza.

Ela não sabia o que esperar. Mas, ele não se atirou a ela de imediato. Ele não tirou a roupa dela. Em vez disso,

virou-a para ele, colocou o dedo debaixo do queixo dela, e beijou-a.

Era um tipo de beijo doce, intenso, reconfortante à sua maneira. A mão dele roçou-a. Os dedos dele tocaram a parte de trás do pescoço dela. A pele dela estava muito sensível.

— Hmmm, Rose — ele murmurou contra seus lábios.

Ela sorriu e inclinou a cabeça para trás.

— Stephen. Eu te amo.

— Ah, bom.

Seu toque era suave e ainda tão firme, acariciando a base do pescoço. Ela nem sabia que ele estava desfazendo os seus botões, até que sentiu o ar fresco contra a sua pele. Mas, ele não deixou de beijá-la, e gradualmente ela sentiu seu corpo a ganhar vida.

Ele levantou a cabeça por um segundo, apenas o suficiente para deslizar o vestido dos seus ombros. Sentiu o monte de tecido aos seus pés. E, então, ele saiu de perto dela, mais uma vez. Mas, em vez de beijar a sua boca, inclinou a cabeça para beijar o ombro dela. Os dedos dele enroscaram-se nos atacadores do espartilho que ela tinha amarrado na frente, habilmente desfazendo-os, soltando-os... e depois afastou o tecido pesado e duro.

Quando ele tomou o mamilo na boca, ela inclinou a cabeça para trás. O hálito dela veio mais curto e mais curto. E ainda...

Ela abriu os olhos. Ele estava sobre ela, as suas mãos

suaves na pele dela. Mas, ela não queria, simplesmente doar-se a ele. Ela queria ser corajosa e, talvez, um pouco chocante, ultrajante. E, então, lentamente, estendeu a mão e colocou as suas mãos sobre as suas calças. Os olhos dele fecharam-se; Ela podia sentir o duro comprimento da sua ereção através do tecido.

— Deus, Rose.

*Isto* foi o que ela precisava fazer — não só para dar-se a ele, mas para tomá-lo também. As mãos dela não tinham a experiência das dele, quando abriu os seus botões, mas ele não pareceu importar-se. Ele pressionou os seus quadris contra a mão dela, animando-a enquanto ela lhe despiu as calças. As suas cuecas vieram depois, revelando um eixo longo, pálido, já inchaço sob suas atenções. Ela passou um dedo sobre a ponta; Ele deu um pequeno rosnado.

E, então, ela olhou para ele.

— Aqui estamos — disse Rose, sentindo seus lábios enrolar em um sorriso.

— Stephen Shaughnessy, homem real.

Ele soltou uma risada — mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, antes que ela pudesse perder a coragem — levou-o inteiramente na mão dela, acariciando-o da ponta à haste. Era a coisa mais incrível, o órgão masculino — responsivo, movendo-se ligeiramente com cada toque. O hálito dele cresceu desigual; seu eixo pulsava nas mãos dela, crescendo mais e mais.

— Rose — pôs a mão no seu ombro. — Agora, deixe-me ser eu a tocar-lhe, amor.

Ela olhou para ele. E então, delicadamente, ele empurrou-a para baixo para a cama. O seu coração estava batendo descontroladamente; Não podia acreditar que estava prestes a fazer isso.

Mas, então, ele aproximou-se dela. Ele deixou o peso dele cair sobre ela, lentamente, muito lentamente, até que os seus quadris se encaixaram, até que os seus seios roçaram o peito dele através da sua última camada de roupa interior. Ele a beijou, primeiro, no ombro e, em seguida, no queixo e depois, inclinando a cabeça, na boca. Aquele beijo na boca não parava. Deixou-se afundar nele enquanto o corpo dele se acomodava contra o dela. Eles estavam com os quadris unidos, separados apenas pelo fino tecido da sua camisa. Era demais e não suficiente. Os corpos encontraram juntos um ritmo, tal como os batimentos cardíacos, tal como a maré da gravidade entre eles.

Ele afastou-se dela — apenas o suficiente para lhe tirar a camisa, para expô-la nua ao ar fresco. Ele tirou a sua camisa, revelando músculos rijos. E, então, olhou nos olhos dela.

— Quatro meses — ele disse, com um aceno de sua cabeça.

— Verdadeiramente, nós vamos ter um noivado de quatro meses?

— Terá que ser o tempo suficiente para antecipar todas as fofocas.

— Quatro meses. — Ele fez um barulho, mas estava sorrindo para ela.

— Então, eu vou buscar uma carta francesa e vou ter muito cuidado.

Ela não sabia o que dizer sobre isso.

Ele virou-se momentaneamente e pegou algo no seu armário. A ajustou à sua ereção e, em seguida, virou-se para ela. — Agora, é a minha vez de prepará-la.

Ele avançou nela. Mas, em vez de ficar em cima dela mais uma vez, abriu as pernas dela e depois, muito lentamente, deslizou os seus dedos entre elas.

— Deus — ele disse — você é linda. Linda e molhada para mim. E eu não posso esperar para prová-la.

E, então, ele a provou. Pôs a boca nela, e ela sentiu as lambidas firmes da sua língua. Foi a coisa mais chocante e íntima que ela experimentou — inteiramente além da sua imaginação — tê-lo a fazer isto, a degustá-la, a encontrar aquele lugar lá, o clítoris. Ele deslizou um dedo dentro dela. A respiração dela alterou-se. Entre a mão e a língua dele, ela não conseguia pensar, podia apenas experimentar um prazer doce, que crescia e crescia. O corpo dela estava inquieto. Ela empurrou-se contra ele, querendo...

Ele recuou um pouco. E então, enquanto o corpo dela ainda estava desesperado por mais, ele beijou o seu caminho até às ancas, até ao umbigo. A boca dele deixou

uma calorosa impressão contra a sua barriga, levantando o seu corpo, costela por costela, até encontrar a borda arredondada do peito dela.

Ele colocou o mamilo dela na boca, novamente, enquanto movia o dedo dentro dela. Esses dois pontos — tão deliciosamente, totalmente quentes — levaram-na a um frenesi. Ela estava perto de algo, tão perto, e se ele só...

Mas, ele não fez. Ele tirou a mão. Ela quase protestou, mas, ele aproximou-se dela novamente. Desta vez, colocou a sua ereção na fenda dela.

— Rose, querida.

Ela olhou para ele.

— Eu te amo — ele disse.

Ele deslizou dentro dela. Ela esperava que fosse doloroso e difícil, mas quando ele entrou nela, ela já estava molhada e pronta para ele. Houve uma picada — ela prendeu a respiração — ele parou...

E, ela podia sentir a ponta dele dentro dela, quente e dura, podia senti-lo em cima dela, os seus músculos tensos enquanto ele se continha. Ela estendeu a mão timidamente e a colocou no peito dele. Muito lentamente, ela roçou os dedos no seu peito. Ele fez um barulho na sua garganta; os seus quadris flexionaram-se, e ele deslizou para dentro dela mais um pouco, e depois mais um pouco, movendo-se lentamente, até que a tinha enchido completamente. Seus corpos se juntaram intimamente. Ela

olhou para ele...

Ele sorriu, baixou-se e roçou a bochecha dela.

— Bem — ele disse. — É melhor eu certificar-me que você gosta disto. Porque daqui a quatro meses, vou tomá-la de novo, e de novo, e de novo.

Ele moveu os seus quadris, retirou-se dela e, então, deslizou de volta — várias vezes, até que encontraram um ritmo que os arrebatou a ambos. Até que a pele dela parecia pegar fogo, as mãos dele vieram para as ancas dela. Ela sentiu-se desmoronar-se ao seu redor; Ele cerrou os dentes e, então, quando ela pensava que já não podia aguentar mais, engasgou, e embateu nela uma última vez.

Eles ficaram inertes e dormentes depois disto. Quase não tinham dormido na noite anterior, e ela não conseguia manter os seus olhos abertos. Adormeceu com a sensação dos seus dedos contra as suas têmporas e o murmúrio suave da sua voz. — Droga — disse ele. — Quatro meses.



— Quatro meses.

Eram seis horas naquela noite, e os pais de Rose, que tinham viajado horas através de gelo e neve para ver o primeiro neto, sentaram-se na mesa de jantar, franzindo a testa para Stephen Shaughnessy.

— Quatro meses — repetiu o pai dela. — Existe alguma razão para o noivado ser tão curto?

Eles já tinham interrogado Stephen sobre as suas finanças e a sua família. O pai dela tinha murmurado quando ele tinha dito que era irlandês, e franziu a testa quando ele mencionou que fazia algum trabalho para um jornal. Rose tinha batido no pai dela, instando-o a se comportar... e quando Stephen deu uma resposta insolente, tinha feito o mesmo com ele. Mas, Stephen tinha realmente se comportado de uma forma quase respeitável.

Se alguém não dissesse algo em breve, os pais dela teriam a surpresa de suas vidas quando descobrissem as coisas que ela não contou a eles. Ela realmente ia ter que mostrar uma das suas colunas ao pai. Se o pai dela descobrisse sozinho...

— De fato — disse Stephen — Eu gostaria que o noivado fosse ainda mais curto.

Certo. Uma excelente maneira de introduzir o tema de sua reputação com os pais dela. Rose conseguiu esconder a sua careta.

O pai dela ficou tenso, encarando Stephen. Mas o noivo dela — Ah, essa palavra era linda — simplesmente inclinou-se casualmente na cadeira, como se ele não houvesse anunciado ao quarto inteiro — a ambos os pais, que tinham os olhos arregalados em choque — que queria levá-la para a cama e em breve.

O que, realmente, os pais dela deviam ter adivinhado a partir da circunstância dele querer casar com ela, mas os pais, às vezes, podem ser deliberadamente cegos sobre



tais coisas.

— Você sabe — Stephen disse, piedosamente — sei que o doutor Wells é esperado em casa muito brevemente. Quando ele estiver de volta, não haverá nenhuma necessidade de Rose ficar aqui. E, uma vez que a irmã está se recuperando desde o nascimento... Bem, eu acho que o médico e a Sra. Wells podem gostar de ter um pouco de privacidade.

— Ela vai vir conosco para casa em Londres — rosnou o pai dela. — Claro que vai.

— Mas, então, como irá ela trabalhar com o Dr. Barnstable? — Stephen perguntou. Ele estendeu a mão e pegou na sua mão debaixo da mesa. — Ela gosta de seu trabalho com ele e, eu odiaria ver a minha Rose privada de uma coisa que ela gosta, simplesmente porque eu não aceitei confirmar o casamento em um cronograma razoável.

Oh, isso foi inteligente.

Seu pai suspirava.

— Oh, você é bom. — Ele olhou com desconfiança para seu futuro genro. — Um pouco bom demais.

— Oh, não — Stephen disse angelical. — Eu não sou bom. Você provavelmente vai ouvir sobre isso em breve. É a única razão porque eu estou concordando com quatro meses — pois se eu tivesse insistido em três semanas, a fofoca seria feroz e dura.

O pai de Rose suspirou, mas antes que ele pudesse

dizer mais alguma coisa, a porta da frente abriu-se.

Rose ouviu pés pisoteando, um baque — e então, um homem entrou no quarto dos fundos. Sua pele escura estava mais endurecida desde da última vez que Rose o viu. Seu cabelo foi cortado perto do couro cabeludo; um pincel de luz de cinza em suas têmporas o fez parecer mais austero. Ele usava uma banda escarlata no braço, sobre o uniforme.

— Rosie? — Ele piscou, olhando ao redor da sala, em confusão. — O que está acontecendo? Onde está a Patrícia?

Rose largou a mão de Stephen e levantou-se, proferindo um pequeno grito de alegria.

— Isaac! Você está de volta. Ah, você voltou. Patrícia teve o bebê — O quê?

— E ela está bem — e ele está bem — deve vir vê-los agora.

— Espera — disse o seu pai. — Não terminamos aqui. Não aceitei ainda.

— Papai — disse Rose — não se engane acerca dele. Ele é um malandro e um ultraje. — Ela piscou para o pai dela. — E depois de conhece-lo, você vai gostar muito dele. Eu prometo.

Stephen olhou para ela, e depois, muito lentamente, ele sorriu. — Ah — ele disse com um aceno da sua cabeça. — Adoro quando você fala docemente comigo.

# Epílogo



*Dezembro de 1882*

*Caro senhor,*

*Não quero saber o que o homem médio quer em uma mulher; Gostaria de saber o que você quer em uma mulher. Diga-me, como é uma mulher como eu pode atrair você?*

*— A corar em Bedford*

*Querida a corar,*

*Ao longo dos anos da minha escrita nesta coluna, recebi literalmente milhares de cartas fazendo esta pergunta. Até agora, nunca respondi.*

*Eu não peço muito em uma mulher. Eu gosto de matemática, astronomia e de mulheres que podem multiplicar números de nove dígitos em suas cabeças. A parte difícil foi convencê-la a gostar de mim.*

*Você deve-lhe desejar boa sorte. Acho que ela vai precisar dela.*

*Sinceramente o dela, Stephen Shaughnessy Homem comprometido*

*Fim*

# Table of Contents

[Rosto](#)

[Sinopse](#)

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Epílogo](#)